PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Gabriel Simão Barros

O Silenciamento indígena na narrativa nacional conservadora de Lucas Alamán, México 1844-1849

Mestrado em História.

São Paulo

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
PUC-SP

Gabriel Simão Barros

O Silenciamento indígena na narrativa nacional conservadora de Lucas Alamán, México 1844-1849

Mestrado em História

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Torres Londoño.

São Paulo

2021

Banca Examinadora

_____

_____

_____

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This Study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

Número de Processo: 88887.473765/2020-00

O presente trabalho foi realizado com apoio da FUNDASP (Fundação São Paulo – Brasil (CAPES).

This Study was financed in part by the FUNDASP (São Paulo Foudantion) – Brazil (CAPES).

Número de Processo: 88887.473765/2020-00

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar a obra , *Disertaciones sobre la historia de la república Mexicana desde la época de la conquista que los españoles hicieron a fines del siglo XV y principios del XVI de la islas y continente americano hasta la Independencia*(1844-1849).” TOMO 1. Do historiador e político conservador Lucas Alamán (1792- 1853), esta fonte problematizada como um documento de valor historiográfico, que compõe uma narrativa que privilegia a herança cultural trazida pelo colonialismo e a lenda dos conquistadores, em específico Hernán Cortés. Em detrimento do silenciamento e das trocas culturais existentes para com as sociedade indígenas e a consequentemente toda a sua complexidade como grandes clãs étnicos altamente organizados.

PALAVRAS-CHAVE: México. Conservadorismo. Lucas Alamán. Hernan Cortés. Montezuma. Altepetl. Calpolli.Silenciamento.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the work, “Dissertations on the history of the Mexican Republic from the time of the conquest that the Spanish people put an end to the 15th century and the early 16th century of the Islands and the American continent until independence (1844 -1849) ". VOLUME 1. From the conservative historian and politician Lucas Alamán (1792-1853), this source is understood as a response to the crisis with the present experienced by the author and by Mexico in the first half of the 19th century, marked by independence and the war against the USA. To understand the work in this way, the analysis of this source consists of the construction of the idea of European superiority in the American indigenous societies. Having the character of Hernan Cortés as its protagonist representing this superiority and Montezuma representing the inferiority.

KEYWORDS: México. Conservatism. Lucas Alamán. Hernan Cortés. Montezuma. Altepetl. Calpolli. Silencing.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma das coisas que nos move e que contribui para que continuemos humildes!

Agradeço imensamente a CAPES pela confiança depositada neste jovem pesquisador e professor, sem as quais o produto final deste trabalho jamais seria possível. Confiança esta que se traduziu em tranquilidade e incentivo ao longo dessa jornada, para que eu pudesse continuar trabalhando e pesquisando de maneira firme, profissional e ética.

Agradeço a FUNDASP (Fundação São Paulo), pela confiança depositada na minha pessoa, e nas minhas capacidades como historiador e educador, não só neste ciclo de pós-graduação, mas também durante o ciclo anterior de graduação, somando-se ao todo uma relação de seis anos de grandes frutos.

Agradeço também ao querido mestre e amigo, professor Fernando Torres Londoño, por me acolher como seu aluno. Agradeço pelas aulas, pelos conselhos, pelos livros caros emprestados, pelas longas e laboriosas reuniões, onde as discussões, investigações, trocas de ideias e partilhas, não só contribuíram para a elaboração de um projeto que culminou com esta dissertação, mas também na minha formação como historiador, educador e como pessoa, despertando o meu olhar para sensibilidades latentes do ofício do historiador e que dialogam diariamente comigo.

Agradeço também as professoras, Yvone Dias Avelino (PUC-SP),e a professora Ana Raquel Portugal (UNESP) pelos incentivos a continuar pesquisando sobre a História da América, e por acreditarem no meu potencial por meio de seus questionamentos e apontamentos pertinentes sobre a pesquisa, que me motivaram a aprofundar e entregar um texto a altura dos meus objetivos e das responsabilidades do ofício de historiador.

Agradeço aos queridos amigos, Gabriel Rossini, Gustavo Cerqueira, Lucas Fontoura, Luciano da Rocha, Marina Celestino, Bruno “Tattaglia”, Isabela Martins, Raul Carlos, Jhonathan Ferreira, Gustavo Amaral, Felippe Vidal, Gabriel Fernando Rocha, Lucas Silva, Paulo Roberto, Yuri Tapia, e a todos os outros cujos nomes não constam nesta lista, porque ai ela ocuparia cinco páginas, por

terem contribuído e feito parte desta jornada, com risadas, indagações, discussões, e incentivos fundamentais para que eu concluísse mais esta etapa da vida.

Agradeço também ao programa de Pós Graduação em História da PUC-SP, pela confiança depositada em meu trabalho, em minhas capacidades como pesquisador, pela paciência e pelas aulas durante todo o programa que cumpriram um papel de suma importância na minha formação teórica e metodológica como historiador.

Agradeço aos meus avós Dulce Simão e José Cirilo da Silva, que pelo exemplo de suas vidas me ensinaram questões importantes sobre os cuidados para se cultivar o amor, a amizade e o companheirismo partilhado ao longo de quase 60 anos juntos, me sinto grato, orgulhoso e feliz por ser neto de vocês dois.

E por último agradeço aos meus pais Maria Aparecida Simão da Silva e Ananias Barros Sobrinho, dois migrantes nordestinos que chegaram a esta cidade cosmopolita a quase 40 anos. E que me ensinaram e transmitiram, a importância de ser paciente, persistente, e racional, para traçar e alcançar os meus objetivos, assim como colocar sempre muito amor e fé em tudo aquilo que faço com gosto, porque assim sempre fico um passo mais perto de alcançar os meus objetivos.

Agradeço também por nunca me negarem o afeto o colo, o amor incondicional e os ouvidos para ouvirem os meus problemas, ou para me colocarem de volta nos eixos da vida, quando não tive forças para fazer isso por minha conta. E principalmente que o filho de uma diarista e de um eletricista poderia realizar grandes feitos na vida!

Agradeço também a todo o restante da minha família, que me mostrou e incentivou por meio do histórico de trabalho, luta e afeto que eu conseguiria concluir de maneira satisfatória esta dissertação.

E por último gostaria de deixar registrado um trecho de uma das músicas que marcam a minha vida, como parte importante do meu reconhecimento como sujeito histórico, como educador, e como ser humano.

> *"Vamos acordar, vamos acordar, porque o sol não espera demorou, vamos acordar, o tempo não cansa ontem a noite você pediu, você*

pediu.... uma oportunidade, mais uma chance, como Deus é bom né não nego? Olha aí, mais um dia todo seu, que céu azul louco hein? Vamos acordar, vamos acordar, agora vem com a sua cara, sou mais você nessa guerra, a preguiça é inimiga da vitória, o fraco não tem espaço e o covarde morre sem tentar. Não vou te enganar, o bagulho ta doido e eu não confio em ninguém, nem em você, os inimigos vêm de graça, é a selva de pedra, eles matam os humildes demais, você é do tamanho do seu sonho, faz o certo, faz a sua, vamo acordar, vamo acordar, cabeça erguida, olhar sincero, ta com medo de quê? Nunca foi fácil, junta os seus pedaços e desce pra arena, mas lembre-se: aconteça o que acontecer nada como um dia após outro dia." (Racionais MC's)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....13

CAPÍTULO 1. LUCAS ALAMÁN: UM *CRIOLLO* DE ESPÍRITO ESPANHOL

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PERÍODO.....29

1.2. LUCAS ALAMÁN E OS CONSERVADORES.....50

1.3. ALAMÁN E O PARTIDO CONSERVADOR.....54

1.4. O PARTIDO LIBERAL.....61

1.5. INÍCIO DE UMA RELEITURA DO PASSADO, O MÉXICO COMO UM ESTADO MODERNO.....67

CAPÍTULO 2. A CONQUISTA COMO FUNDAÇÃO DO MÉXICO: UMA RELAÇÃO DE PROTAGONISMO E INSPIRAÇÃO ENTRE HERNÁN CORTÉS E CARLOS V

2.1. CORTÉS COMO FUNDADOR DO MÉXICO:AS FUNÇÕES E A IMPORTANCIA DAS CRONICAS DO SÉCULO XVI.....70

2.2. O RESGASTE E A CONSTRUÇÃO DO CORTÉS HERÓICO PARA O SÉCULO XIX.....79

2.3. A INSPIRAÇÃO DO HERÓI: CORTÉS E CARLOS V, UMA RELAÇÃO ESPELHADA E SERVIL.....95

CAPÍTULO 3. POR UMA HISTORIOGRAFIA INDÍGENA: ALTEPETL, CALPOLLI E O SILENCIAMENTO CULTURAL EXPRESSO EM LUCAS ALAMÁN

3.1. OS ALTEPETL E OS CALPOLLI.....117

3.2. O CALPOLLI COMO UM DOS PILARES DO ALTEPETL.....121

3.3. A COMPLEXIDADE DOS ALTEPETL.....128

3.4. OS MECANISMO DE SOBREVIVENCIA DOS ALTEPETL.....133

3.5. UM NOVO PADRÃO DE URBE: A AGLUTINAÇÃO ÉTNICA POR METRO QUADRADO DO MUNDO COLONIAL.....141

3.6. AS NOVAS INTITUIÇÕES, O IMPACTO COLONIAL NAS ZONAS PERÍFÉRICAS DOS ALTEPETL.....146

3.7. O DIÁLOGO ENTRE MUNDOS, AS PERMANENCIAS CULTURAIS DOS ANTIGOS ALTEPETL.....150

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....164

FONTES.....170

BIBLIOGRAFIA.....171

ANEXOS.....176

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 – ÍNDICE DA PRIMEIRA DISSERTAÇÃO DE ALAMÁN.....56

FIGURA 2 – “DISTRIBUCIÓN DE OCHO CALPOLLI, SEGÚN VAN ZANTWIJK”…….114

FIGURA 3 - "MÉXICO-TENOCHTITLAN. CUATRO CALPOLLI CARDINALES Y DISTRIBUCIÓN RELATIVA DE LOS SITIOS RESIDENCIALES CON CHINAMPA EN MÉXICO-TENOCHTITLÁN”……..119

FIGURA 4 – ROTATIVIDADE DAS TERRAS DO ALTEPETL.....125

FIGURA 5 - "PINTURA DE RELACIÓN GEOGRÁFICA DE CHOLULA. BENSONS LATIN AMERICAN COLLECTION. UNIVERSIDAD DE TEXAS.” 143

INTRODUÇÃO

A primeira metade do século XIX latino-americano está marcado, pelas dezenas de movimentos que buscavam a independencia de suas antigas metrópoles, na sua grande maioria a busca visava o rompimento do vínculo de subordinação e a liberdade econômica para livre comercialização com outras nações. Países como Chile, Brasil, Venezuela, Argentina, Peru entre outros, concluem seus processos já na primeira metade do século XIX.

No entanto, após a separação das metrópoles se torna necessário fundar suas respectivas nações no tempo e na história, tornando o passo seguinte fundamental, a escrita de uma história nacional, com símbolos, heróis e fatos relevantes que agrupem e transmitam valores com os quais estas nações se identifiquem.

Com o México não foi diferente, se torna independente da Espanha numa violenta guerra que dura de setembro de 1810 a setembro 1821, após o conflito a colônia conhecida como Nova Espanha tem de buscar suas raízes, que unissem as pessoas e o território sob um mesmo sentimento nacional. Esse sentimento precisava ser escrito e moldado, e a opção preterida foi voltar-se ao passado em busca de uma nacionalidade ainda inexistente.

É neste contexto que surge a figura de Lucas Alamán, como uma das primeiras personagens que se volta a apropriação do passado para fomentar uma unidade nacional, baseada em uma ideologia conservadora. Esta dissertação se ocupa de em cima de um de seus escritos entender as intenções e objetivos do autor para com o passado e como tal compromisso foi executado pelo mesmo, apontando seu caminho argumentativo e os problemas dessas escolhas, envolvendo por um lado conquistadores e indígenas pelo outro.

Se chegou a figura de Alamán, a partir do trabalho de conclusão de curso da graduação em História pela PUC-SP, onde foi trabalhada a lógica argumentativa do discurso construído principalmente, por Hernán Cortés a respeito dos eventos da conquista. Este discurso com fortes inspirações retóricas teve como diálogo

bibliográfico os texto de Bernal Díaz de Castillo[1], e o escrito de Tzvetan Todorov[2], e o trabalho de Marcus Vinícius de Morais[3]. Ambos os textos buscavam estabelecer um diálogo bibliográfico diversificado que ajudasse na elucidação da questão proposta.

Essa diversificação de diálogo apresentou uma questão pertinente que ajudou a na problematização e na construção de um projeto de pesquisa que culminou com esta dissertação. Entender o que significava os silêncios e as personagens silenciadas dentro da conquista, especificamente as vozes indígenas, a partir de suas representações por autores e pensadores pertencentes ao cânone historiográfico dominante, ou o mais conhecido e disseminado comumente a respeito as ideias e questionamentos sobre as conquistas da América.

Tendo essa questão registrada começou com o levantamento da historiografia que desse conta ou conduzisse a uma maior quantidade de informações e reflexões dentro do campo da História, que correspondessem ao momento específico em questão. Dentro desta pequena investigação o nome de Lucas Alamán foi surgindo como referência bibliográfica de alguns destes textos e artigos em uma quantidade cada vez maior, culminando no ponto de se fazer necessário debruçar-se em cima do autor. Autores como Henrique Florescano[4],

[1] CASTILLO, Bernal Díaz del. **Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España.** 2. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1968.

[2] TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América, a questão do outro.** 4. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.

[3] MORAIS, Marcus Vinícius de. **Hernán Cortez:** civilizador ou genocida?. São Paulo: Editora contexto, 2011.

[4] ENRIQUE Florescano: **El nuevo passado mexicano**. México: Cal y Arena, 1994.

ENRIQUE Florescano: **Historia de las historias de la nación mexicana**, México, Taurus, 2002, Colección Pasado y Presente.

François Hartog[5], Guilhermo Zermeño[6], Lourdes Quintanilla Obregón[7], Moisés González Navarro[8], entre outros são alguns dos autores que foram levantados para a elaboração do projeto de pesquisa em torno de Alamán.

Desta maneira chegou-se ao escrito tomado como fonte para esta pesquisa, *"Dicertaciones de la historia de la república megicana desde la época de la conquista que los españoles hicieron a fines del siglo XV y princípios del XVI de las islas y continente americano hasta la independencia"*, escrita por Lucas Alamán(1792- 1853), foi concluída entre os anos de 1844 e 1849. Composta por três livros divididos em Tomos, sendo o primeiro já publicado em 1844, busca segundo palavras do próprio autor os seguintes objetivos:

> "El objeto que me propongo en estas disertaciones es examinar los puntos más importantes de nuestra historia nacional, desde la época en que se estableció en estas regiones el dominio español, es decir, desde que tuvo principio la actual nación megicana y seguir á está en sus diversas vicisitudes, hasta el momento em que vino a constituirse ennacion independiente." (ALAMÁN, 1844, p. 1)

No entanto outras publicações importantes de Alamán merecem ser apontadas como, *"Diccionario Universal de historia y de Geografía, e historia de Méjico, desde los primeros movimientos que prepararon la Independencia en el año 1808 hasta la época presente* (1849-1852); *Memories, the real history of this*

---

[5] HARTOG, François. **Regimes de Historicidade:** Presentismo e Experiências do Tempo. Belo Horizonte: Autentica, 2015.

[6] ZERMEÑO, Guilhermo. **Apropiación del pasado, escritura de la historia y construcción de la nación en México.**2009. Disponível em: <http://www.culturahistorica.es/guillermo.castellano.html>. Acesso em: 04 set. 2018.

ZERMEÑO, Guilhermo. (2003). **"La historiografía moderna en México: Génesis, continuidad y transformación de una disciplina"**. *XI Reunión de Historiadores Mexicano, Estadounidenses y Canadienses, 1-4 October 2003*.

[7] OBREGÓN, Lourdes Quintanilla. **El nacionalismo de Lucas Alamán.** Guanajuato: Nuestra Cultura, 1991.

[8] NAVARRO, Moisés González. **El pensamiento político de Lucas Alamán.** Cidade do México: Fundo de Cultura Econômica, 1952.

republic since the year 1808; Historia de Méjico desde los primeros movimientos que prepararon su independencia en el año de 1808 hasta la época presente" vol. 1 e 2 (1849- 1850), "*Examen imparcial de la administración de Bustamante" (1834).*

Dentro do tomo I de *"Dissertaciones"* os conceitos de unidade, seguido pela fé católica, onde o autor busca apresentar tais conceitos sob a visão e entendimento conservador, projetando tais ambições na figura de Hernán Cortés, como um representante direto do rei Carlos V no novo mundo que seria conquistado, são fundamentais. O Hernán Cortes de Alamán é um homem carregado de virtudes.

Além das virtudes Cortés ganha uma segunda carga, a da criação de expectativas de futuro, ou horizonte de expectativas, expectativas estas baseadas no campo de experiencias, para Alamán no caso, a independencia e a guerra contra os EUA. Para se pensar metodologicamente o objeto, a partir do conceito de campo de experiencias e horizonte de expectativas, Reinhart Kosseleck e Francois Hartog, nas suas respectivas obras *"Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos"*[9], *e "Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiencias do Tempo"*[10]*,* fornecem o amparo teórico necessário para uma correta compreensão destes dois conceitos, e de uma condução e construção coerente e coesa do objeto

É a partir do encontro destes elementos do presente e do passado, que Alamán busca criar uma relação entre o seu passado e o seu futuro, seus questionamentos tentam portanto, ser respondidos através das suas dissertações e de outras obras, *"Dissertaciones..."* em específico se trata de um aspecto, uma parte destas respostas, mas no entendimento deste trabalho a mais importante.

> "Com isso chego à minha tese: experiencia e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também

[9] KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição á semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Puc Rio, 2012.

[10] Ver citação completa da obra na página 3.

> para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.” (KOSSELECK, 2012, p. 308)

As referências bibliográficas de Alamán

Para a produção dessa obra no entanto Lucas Alamán tomou como fonte uma documentação composta pelos acervos e escritos de Martín Fernandéz de Navarrete, nascido em Ábalos no ano de 1785 e falecido em Madrid já no ano de 1844, autor de extensas obras, a principal delas utilizada por Alamán foi “*Colección De Los Viages Y Descubrimientos Que Hicieron Por Mar Los Españoles Desde Fines Del Siglo XV: Con Varios Documentos Inéditos Concernientes Á La Historia De La Marina Castellana Y De Los Establecimientos Españoles En Indias”,* publicada a partir de 1825 dividida em cinco volumes.

A importância de Navarrete se dá por ter escrito e documentado uma grande quantidade das navegações e explorações espanholas desde o século XV, apropriando-se dos extensos documentos e registros de tais ‘aventuras’, tornando-se a grande referência nos estudos de Espanha do século XIX.

A aproximação entre Navarrete e Alamán ia muito além do interesse histórico, se deu também pelo sentimento comum de ambos quanto a Espanha, Navarrete vinha de uma linhagem de nobres, irmão do ministro das finanças Julián Fernández Navarrete e Jiménez de Tejada(1767-1820), e membro da Soberana ordem de Malta, além de membro da real marinha espanhola. Dentre seus descendentes diretos encontram-se membros das ordens de Malta, Santiago e Calatrava.

Alamán se identificava com a linhagem nobre de Navarrete, apesar dele mesmo não possuir a mesma origem, nutria um sentimento cujo elo se deu através da escrita e da intelectualidade. Navarrete foi um nobre intelectual autor reconhecido por seus escritos que se tornaram clássicos, Alamán um intelectual que desejava ser um nobre, algo que lhe foi “negado” com a independência.

Outro autor que foi utilizado na obra de Alamán foi Washington Irving (1783-1859), escritor, historiador e diplomata norte-americano que serviu na Espanha entre 1842 a 1846. Publicou em 1826 a obra *“Vida y viaje de Cristobon Colon”,* obra que foi utilizada por Alamán principalmente na sua primeira dissertação, sobre Irving e Navarrete o próprio Alamán escreve:

> “El Sr. Fernandez de Navarrete, en su inapreciable colección de viajes y descubrimientos de los españoles desde fines del siglo XV, ha publicado todas las noticias y documentos concernientes a los cuatro viajes de aquel célebre navegante, y el Sr. Yrwing ha agotado la materia dándole todo el brillo de su pluma.” (ALAMÁN, 1844, p. 18)

Tanto Navarrete como Washington Irving são perceptíveis na primeira dissertação dando ênfase a viagem de Colombo a América, e as primeiras notícias e informações oriundas do continente. Outro autor que Alamán utilizou em sua obra, foi William H. Prescott(1796- 1859), historiador norte-americano especialista no período da América espanhola, onde escreveu obras consagradas como “*History of the Reign of Ferdinand and Isabella, the Catholic” (1800), “The Conquest of Mexico” (1843), “The Conquest of Peru (1847), e The History of Philip II” (1855-1858).*

Para se aprofundar a respeito dos acontecimentos da Conquista, ou sobre o reinado dos reis católicos Fernando e Isabel, ou sobre a vida de Cortés, Alamán utilizou de algumas documentações de Prescott, do qual era amigo de correspondência.

> “El Sr. Prescott varias veces citado, célebre literato de los Estados-Unidos que me honra con su amistad y correspondencia, ha escrito en tres tomos la historia del reinado de los reyes católicos D. Fernando y Doña Isabel: obra muy estimable por el acopio y exactitud de noticias que contiene, por la profundidad y sólido juico de las observaciones en que abunda y por la imparcialidad con que trata los puntos más delicados concernientes á aquella época, tan llena de acontecimientos importantes, y que debe ser considerada como el principio de la historia moderna de España, haciéndose más notable el que haya podido ocuparse de un trabajo tan esmerado y prolijo, consultando multitud de obras en una lengua extranjera...” (ALAMÁN, 1844, apéndice 1, p. 2)

Na relação com Prescott, a obra documentada sobre os reis católicos casou-se muito bem com o ideal do autor de que a fundação mexicana havia sido na

Europa e não no antigo México pré-colombiano, tal como se observa pelo índice de sua primeira dissertação.[11]

Problematização da fonte, e o diálogo entre os autores.

A problematização levantada em torno da fonte, é de que a primeira metade do século XIX mexicano, representou a Lucas Alamán, um momento de crise, especificamente um momento de crise com o tempo presente. E tal momento o levou a agir, por um lado politicamente com a construção do partido conservador mexicano, e por outro historiograficamente.

E para se pensar teoricamente esta crise com o tempo presente, utilizo-me das seguintes *"Futuro Passado - contribuição à semântica dos tempos históricos"*[12] escrita por Reinhart Kosseleck, e em *"Regimes de Historicidade – presentismo e experiências do tempo"*[13], por Francois Hartog. Ambas as obras têm fornecido repertório teórico suficiente para se pensar questões rodeiam ou permeiam a fonte, como por exemplo os entendimentos teóricos de tempo histórico, regime de historicidade, e a percepção e compreensão da crise com o tempo presente.

Ainda para situar o trabalho em termos históricos e teóricos sobre o contexto mexicano do século XIX e da historiografia mexicana, o texto também está pautado nas ideias apresentadas por Guilherme Zermeño nos seguintes artigos: *'La Historiografia Moderna en México: Genesis, continuidade y transformacíon de una disciplina'* e *'Apropiación del Pasado, escritura de la historia y construcción de la nación en México'*. Ambos os textos, tratam sobre os embates políticos durante o século XIX, em específico na disputa pelo passado mexicano, esses embates polarizados entre os grupos liberais e conservadores. Além de uma análise sobre a crise com o tempo enfrentada por esses intelectuais, o surgimento, debates, e a formação da historiografia mexicana no século XIX.

> "La emergencia del saber histórico en México durante el siglo XIX se debe no solamente a un fator literario -la evolución de un tipo de escritura- sino también a un fator de índole político. [...]" (ZERMEÑO, 2009, p. 81)

[11] Ver página 56.
[12] Ver referência completa da obra na página 4.
[13] Ver referência completa da obra na página 3.

> “Es indudable que el siglo XIX intento crear un lenguaje historiográfico propio. Se podría decir que durante este período se conformó un estilo nacional de escribir historia. [...]” (ZERMEÑO, 2009, p. 81)

A problematização pensada para esta dissertação teve como objetivos iniciais os dois pontos a seguir:

1- Investigar/inferir na fonte, os objetivos que se mostraram mais urgentes ao horizonte de expectativa construído pelo autor, através da narrativa da conquista focada na figura de Hernán Cortés.

2- A partir da narrativa focada em Cortés, os aspectos da ‘mexicanidade’ apresentados pelo autor, na tentativa de fomentação do espírito patriótico e nacionalista mexicano.

Pegando como ponto de partida estes dois objetivos, seguiu-se a uma primeira leitura da fonte, buscando encontrar os indícios que me permitissem iniciar a construção destes pontos. No entanto ao percorrer destas leituras, a obra foi se mostrando de uma produção mais complexa, que demonstrava trazer uma carga de significados dos quais se fez necessário desmembrar os objetivos iniciais pensados no projeto, em objetivos menores.

De maneira resumida as quatro dissertações de Alamán contemplam a seguinte trajetória. A primeira dissertação de intitulada*, “Sobre las causas que motivaron la conquista y médios de su egecucion”*, traça um panorama histórico da construção de todo o império espanhol, regredindo ao período das cruzadas, passando pelo união dos reis católicos, e culminando no cenário que favoreceu a expansão marítima espanhola.

A segunda dissertação, intitulada*, “Conquista de Mégico y sus consecuencias”* narra toda a empresa da conquista, passando por desde a “descoberta” do México, as primeiras expedições a outras ilhas do Caribe, seguida pelas expedições ao litoral do continente, e ida de Cortés e comitiva ao interior do continente, e chegando a toda narrativa da vitória e conquista sob os astecas.

A terceira dissertação, “*Establecimiento del Gobierno Español”* vai para o campo da implementação das novas instituições, as dificuldades e manobras utilizadas

por Cortés para se estabelecer uma nova ordem colonial, que regeria todo aquele novo mundo, recém conquistado.

A quarta e última dissertação intitulada*, "Expedicion a las Hibueras: Vicitudes del gobierno hasta el establecimiento del vireinato"*, tem como objetivo apresentar e narrar as expedições seguintes a vitória em México-Tenochtitlán, e o início da institucionalização das atividades coloniais na Nova-Espanha, contanto ainda com as alianças com os indígenas.

Um dos primeiros pontos que causou "estranheza", consta no índice da primeira dissertação, Alamán ao se propor construir uma história nacional, recorre ao passado espanhol ao invés do passado ameríndio. Alamán na verdade buscava deixar desde cedo uma ideia clara, que a fundação do México no tempo estava na Espanha, e não no próprio México.

A percepção dessa escolha por parte do autor, acabou por revelar um objetivo maior por detrás dela que seria, a superioridade espanhola, ou europeia, sob o mundo indígena. A defesa e argumentação desta superioridade se mostrou o fio condutor que une todas as quatro dissertações. E o modo como Alamán encontrou para dissertar em favor dessa superioridade foi elegendo um protagonista.

Hernan Cortés é eleito este protagonista, é através dele que o autor busca desenvolver toda a argumentação em favor da superioridade. Percebido estes dois primeiros pontos importantes, se realizou uma segunda operação de identificar na fonte os argumentos utilizados pelo autor para desenvolver essa questão.

A segunda dissertação, é o texto onde Alamán mais buscou afirmar de maneira explícita ou não em alguns casos, o seu pensamento e proposta, e também o texto onde debruçamos maior tempo de análise. As virtudes fora o primeiro meio de demonstrar a superioridade europeia, Cortés se torna o exemplo de modelo virtuoso, esse modelo que buscava inspiração nas ações de seu soberano Carlos V, que também é apresentado por meio do conquistador como virtuoso.

A partir dessa visão do Cortés virtuoso, exemplo e modelo de cidadão, foi percebida uma segunda intencionalidade do autor, que justifica e ampara as

argumentações apresentadas no decorrer das quatro dissertações. Alamán busca construir a superioridade e legitimidade do domínio espanhol, contrapondo como representante máximo dessa proporcional inferioridade, obscuridade, dessa ilegitimidade presente na antiguidade indígena, a figura de Montezuma II, tlatoani de México-Tenochtitlan, o par oposto do conquistador espanhol.

Estas chaves de leitura percebidas ao longo da análise da fonte, acabaram por moldar e redirecionar os objetivos iniciais propostos pelo projeto, podendo ser sintetizados nos seguintes pontos:

1) Demonstrar e entender a construção da figura do conquistador, como personagem fundador e legitimador da manutenção de um legado colonial.

2) A ausência e o silenciamento de um protagonismo ativo indígena dentro da conquista, e suas implicações historiográficas nas narrativas a respeito da conquista.

Os capítulos formulados para esta dissertação, foram pensados a partir da contemplação destes dois objetivos. Onde a partir da leitura crítica de Alamán em confronto com a bibliografia, buscamos entender os pontos nevrálgicos de sua obra que correspondem as suas expectativas sobre a fundação do México e a manutenção de um legado e herança colonial. Assim como o papel ou a ausência de um protagonismo indígena dentro de sua dissertação, como uma escolha necessária para o cumprimento do seus objetivos, e também um "sintoma historiográfico" dentro de uma lógica e tradição narrativa a respeito do que foi a conquista e os seus atores.

O capitulo primeiro, se propõem e em expor e contextualizar a situação do México na primeira metade do século XIX, momento onde a obra de Alamán e sua atuação política ocorrem e se concretizam, portanto traçamos um panorama sobre as atuações de Alamán em paralelo com as guerras de independencia, em seguida de maneira mais aprofundada apresentamos as guerras de independencia, seguido pelo conflito contra os Estados Unidos, e pôr fim a formação do partido conservador e do partido liberal. Aqui a proposta do capítulo é informar a respeito da importância do contexto social do qual Alamán faz parte,

como elemento fundamental e influenciador de sua produção como historiador e como sujeito político.

O segundo capítulo, entramos na representação e na construção do Hernán Cortés de Alamán, para isso comentamos sobre as crônicas do século XVI, a crônica como gênero textual de autopromoção frente a coroa, e como documento de valor histórico. Numa segunda parte do capítulo nos voltamos para a importância do argumento das virtudes como fator preponderante na narrativa de Alamán, e como elemento separador da civilização e da barbárie, e por fim a relação de inspiração entre Cortés e Carlos V, aqui como um resgate realizado por Alamán a este argumento utilizado pelo próprio Cortés dentro de suas epístolas, desta vez respondendo a questionamentos e anseios do século XIX. E por último traçando um elo de ligação para com o terceiro a respeito das imagens construídas pelo autor sobre a figura de Montezuma II.

E no terceiro capítulo, foi traçado um texto que trouxesse a tona uma realidade social indígena que demonstrasse a sua relevância, complexidade e participação ativas dentro do cenário da conquista. Esta demonstração é argumentada em cima do conceito dos *altepetl*, como um grande e complexo "Estado" étnico indígena, que organizava, ordenava e conduzia toda a vida indígena dos grandes centros populacionais do México Central, e que desta forma atuou por meio de alianças para com os espanhóis durante as expedições de conquista e também num primeiro século de colonialismo, na implementação e ordenação de novas instituições, e lideranças políticas.

Iniciamos as discussões sobre os altepetl a partir de uma explanação dos seus significados e também da diferença importante de se fazer a respeito de uma de suas partes constituintes os calpolli. Na sequência discutimos justamente o calpolli como um dos pilares do altepetl, em seguida analisamos a complexidade do altepetl, e por fim, seus mecanismos de sobrevivência.

Capítulo 1 – Lucas Alamán, um *criollo* de espírito espanhol

Nascido em Guanajuato em 18 de outubro de 1792, e falecido em 2 de junho de 1853, Lucas Alamán descendia de uma família que havia prosperado na Nova Espanha na província de Guanajuato, por meio da mineração, tal prosperidade criou e gerou vínculos fraternos para com a metrópole espanhola, sua monarquia, instituições, religião, cultura e etc. Esta admiração é perceptível visivelmente na produção historiográfica de Alamán assim como em sua atuação política durante os anos que passou como representante nas cortes de espanholas.

A educação de Alamán passa por uma profunda identificação para com a monarquia espanhola, e por fazer parte de uma família *criolla* que havia prosperado na colônia, Alamán assume uma posição que formalmente seria conhecida futuramente como conservadora, quando o assunto se torna a independencia do México, ou a guerra contra os Estados Unidos. Esse conservadorismo passa diretamente pela manutenção desse "fraterno vínculo" para com a metrópole e suas instituições, porém vai além disso, se estendendo para o campo historiográfico transformando a produção de um saber histórico, em defesa de uma narrativa conservadora que valorizava e enraizava a fundação do México na Espanha.

Antes disso é pertinente apresentarmos uma breve trajetória do autor no decorrer dos acontecimentos referentes as guerras de independencia e o conflito contra os Estados Unidos, e como Alamán esteve envolvido no meio desse caldo caótico da primeira metade do século XIX.

Assim como outras nações latino-americanas, a elite local *criolla* mexicana não ansiava por uma independencia completa e no sentido literal da palavra, mas sim a busca por uma autonomia maior frente a metrópole, especificamente no que dizia respeito as relações comerciais restritas naquele momento para com a metrópole e com uma taxação mercadológica que desagradava ainda mais estas elites. A ambição aqui era adentrar o mercado de capital estrangeiro para com outras nações.

A invasão napoleônica a Espanha em 1808 e a deposição do então rei Fernando VII cria um ambiente de incerteza na Nova Espanha, a adoção de um governo

provisório que dura de 1808 a 1810 não consegue resolver as insatisfações dos *criollos*, e se prende a não realizada ideia de uma invasão francesa a Nova Espanha. Tal descontentamento e incertezas quanto ao futuro, podem ser visto no episódio da prisão e deposição do então vice-rei da Nova Espanha José de Iturrigaray. O cárcere do vice-rei pode ser lido como um rompimento com os laços e vínculos até então mantidos para com a Espanha e portanto uma oportunidade de se buscar uma revolução que culminasse com o objetivo de independência e um planejamento nacional autônomo, porém não livre de intensas e complexas disputas políticas internas. Após o episódio em questão os primeiros levantes insurgentes surgem na região de Querétaro tendo como liderança o padre Miguel Hidalgo y Costilla, a frente de indígenas e outros cidadãos marcados por uma condição social paupérrima.

Neste período Alamán atuava como representante da elite local nas cortes espanholas fazendo a representação de seus interesses, Alamán permanece na Espanha durante boa parte das disputas retornando ao México apenas em 1820 junto de uma série de outros "funcionários" e representantes. Após o seu retorno por diversas ocasiões ocupa cargos em ministérios e secretárias, como por exemplo no mandato de Anastácio Bustamante em 1830.

É pessoalmente traumático para Alamán o episódio das revoltas lideradas por Hidalgo, a fuga desenfreada da violência do levante em sua vida se dá pela destruição da casa de sua família e de diversas outras propriedades *criollas* em Guanajuato. O autor tira como conhecimento empírico desse episódio uma descrença na independencia e posteriormente no sistema republicano de governos, passando a fazer uma veemente defesa da monarquia aos moldes católicos.

Esta experiência de juventude portanto modifica e molda os valores de Alamán, a destruição das propriedades *criollas* e o uso indiscriminado e descontrolado da violência são vistos como uma afronta a civilização, e ao legado colonial construído ao longo de três séculos; este se tornaria um dos pilares de seu pensamento, a defesa da herança colonial, vista pelo autor como um norte civilizador. Tais pensamentos e reflexões dessa natureza podem ser vistos e contemplados na fonte em questão desta dissertação: *"Disertaciones sobre la historia de la República megicana: desde la epoca de la conquista que los*

Españoles hicieron, a fines del siglo XV y principios del XVI, de las islas y continente americano, hasta la independencia (Disertaciones sobre la historia de la República megicana: desde la epoca de la conquista que los Españoles hicieron, a fines del siglo XV y principios del XVI, de las islas y continente americano, hasta la independencia)", publicada entre 1844 e 1849.

A gênese do partido conservador portanto começa a surgir neste momento, a experiência pessoal de Alamán frente as guerras de independencia o acompanhariam pelo resto da vida, sua visão sobre o "destino manifesto" das nações estaria sob a ótica crítica ao federalismo e a independencia, tomaria como inspiração intelectual para tecer suas críticas e montar a panfletagem do partido, o pensador inglês Edward Burke e em específico suas cartas referentes a revolução francesa, publicadas aqui no Brasil sob o título de *"Reflexões sobre a Revolução na França",* pela Vide editorial.

Entre o final das guerras de independência e o início de um novo conflito dessa vez contra os Estados Unidos, Alamán de volta ao México começa a ocupar diversos cargos em diversos mandatos presidenciais, e anteriormente servindo junto ao imperador Agustín I.

> "A maioria dos deputados mexicanos que serviram nas Cortes de 1810 a 1814 retornaram em 1820, quando elas foram restabelecidas e muitos representantes do período posterior, 1820-1823, foram ministros ou figuras importantes dos primeiros governos independentes do México." (ANNA, 1987, p.100)

Alamán acaba por se destacar principalmente nas vezes que serviu no Ministério do Interior e de Negócios Estrangeiros, onde buscou abrir as portas do México para a vinda de capital estrangeiro inglês, tal como escreveu Timothy Anna:

> "A pessoa que mais atuou na transferência de capital inglês para o México foi Lucas Alamán, que de abril de 1823 em diante ocupou o Ministério do Interior e de Negócios Estrangeiros (um dos quatro membros do gabinete). [...] Como Marquês de San Clemente, Alamán talvez tivesse sonhado em ser ministro na corte de um monarca Bourbon mexicano, mas no fim do império de Itúrbide não foi seguido por nenhuma outra tentativa de oferecer o trono a um

> príncipe europeu. Ao contrário, significou o fim dos planos monarquistas sérios durante muitos anos futuros. Portanto, Alamán ingressou no serviço de um governo republicano.” (ANNA, 1987, p. 420)

Novamente pego em um cenário de disputas políticas Alamán deixa o governo em 1825, retornando somente em 1830 no governo conservador de Bustamante, ocupando o cargo no Ministério dos Negócios Interiores e Exteriores.

> Começou a implementar seu programa político imediatamente: a oposição foi reprimida, após anos de total liberdade; pela primeira vez desde a queda de Itúrbide, o governo central tentou submeter os estados, em muitos dos quais as novas ideias liberais predominavam; os direitos a propriedade, que em última análise remontavam á conquista espanhola, foram preservador e os privilégios da Igreja, reafirmados. Alamán tinha em mente, evidentemente, um acordo com a Espanha e com a Santa Fé.” (BAZART, 1987, p. 424)

Atuando no governo de Bustamante, investe na indústria têxtil, na agricultura e em outros setores produtivos, no entanto, não obtém resultados tão positivos que contribuíssem de maneira incisiva para o cenário econômico nacional.

> “Não havia muita coisa a fazer na época para renovar a indústria e Alamán voltou a sua atenção para outras esferas da atividade econômica. Por exemplo, fundou um banco estatal para financiar a introdução das máquinas de fiar e tecer algodão e proibiu a importação de tecidos de algodão ingleses. Os fundos do banco deveriam provir das altas tarifas protecionistas. O dinheiro foi tomado junto aos comerciantes e financistas mexicanos e estrangeiros interessados em tornar-se fabricantes industriais. As máquinas foram encomendadas no Estados Unidos e as primeiras fiandeiras mecânicas de algodão começaram a operar em 1833. Nessa época, o governo Bustamante-Alamán já havia deixado o poder, mas Alamán havia lançado os alicerces de uma revolução na indústria têxtil que, uma vez iniciada, continuou a crescer na

> gestão dos vários governos que lhe sucederam. Em resultado de suas iniciativas, uma década mais tarde o México contava com cerca de cinquenta fábricas, que poderiam suprir satisfatoriamente a massa da população de tecidos de algodão baratos." (BAZART, 1987, p. 425, 426)

Já em 1832, sob forte pressão política fruto da campanha liberal de Gómez Farías, Bustamante se vê obrigado a destituir Alamán de seu cargo no ministério juntamente com o ministro da guerra Jose Antonio Facio, um pouco depois Bustamante também é destituído. Retornando apenas na década de 1840 Bustamante acaba por desapontar os conservadores que viram em seu governo de 1830 a 1832 um forte poder centralista, adotar um novo tom de apoio aos federalistas.

Um segundo acontecimento também marca Alamán de maneira profunda, deixando nele um temor que jamais passaria e que faria parte de suas reflexões e análises políticas. A guerra contra os Estados Unidos iniciada a partir da questão do Texas, durando entre os anos de 1846 a 1848, tem como principais causas, o desgaste das relações entre Estados Unidos e México, o afastamento político e identitário do Texas com o restante do México e a grave embolia social provocada pelas guerras de independencia, deixando uma enfraquecida economia em uma posição fragilizada frente as ambições do vizinho do norte.

A derrota e a consequente perda de uma considerável parte do território mexicano, (os atuais estados da Califórnia, Arizona, Novo México, e Texas) deixa em Alamán um eterno temor para com a nação vizinha, e fortalece ainda mais suas críticas ao modelo federalista de governo, estendendo-as inclusive as influencias protestantes presentes no governo de Washington.

É ao final da independência e durante o conflito contra os EUA, que Alamán formaliza o partido conservador ao lado de outros colaboradores, e inicia uma forte campanha de disseminação e panfletagem das ideias partidárias, passando pela publicação de periódicos como o *El Universal*, e pela apropriação conveniente da história, onde a divulgação de uma agenda conservadora adaptava os fatos e interpretações a respeito da Conquista com a visão dominante da ciência histórica daquele período. Na sequência deste capítulo,

buscamos aprofundar de maneira mais adequada o contexto mexicano da primeira metade do século XIX, a formação do partido conservador e a influencia de Alamán sobre este, além da disputa no campo político e ideológico para com os liberais, que fatalmente também se organizaram como partido fazendo uma forte oposição.

1.1. Contextualização do Período

Às vésperas do início das guerras de independência, o México assim como outras colônias latino-americanas vivia um contexto de restrições comerciais que impedia a concretização das ambições de uma elite *criolla* local, de maior acesso as decisões, e um mercado externo livre das taxações alfandegarias da coroa, tal como comentou Timothy Anna:

> "Além disso, a Espanha impunha ao comércio da nova Espanha uma série de restrições econômicas, entre as quais as mais importantes eram a proibição de comerciar com portos estrangeiros, o monopólio real sobre o fumo, a pólvora, o mercúrio, o papel oficial e muitas outras mercadorias vitais; não se pode esquecer o grande número de taxas pagas ou sobre a exportação de produtos mexicanos ou sobre a importação de mercadorias espanholas ou não-espanholas que transitassem pela Espanha. Os produtos coloniais exportados para os mercados estrangeiros pagavam na Espanha uma tarifa de 15 a 17 por cento, enquanto as mercadorias estrangeiras em transito para as colônias eram taxadas em 36,5 por cento." (ANNA, 1987, p. 75)

A composição étnica e social da Nova Espanha as vésperas da independência é algo importante a se mencionar, pois ajuda a compreender de quais aspectos da realidade se retiraram as motivações que foram alimentadas e organizadas em prol de um projeto de independência que foi sendo maturado durante a década de conflito.

> "E se os monopólios e controles econômicos dos espanhóis eram a principal fonte de queixas das colônias, não se pode esquecer as restrições administrativas e sociais impostas pela metrópole. A posição social, legal e consuetudinária dos três principais grupos

> étnicos - brancos, *mestizos* e índios - era diferente, tendo cada grupo um conjunto específico de obrigações fiscais, de direitos civis e de prerrogativas sociais e econômicas.” (ANNA, 1987, p. 76)

E em números estatísticos e numa porcentagem mais bem explicada e detalhada, Timothy Anna complementa na sequência, a composição do cenário social:

> “Os índios constituíam 60 por cento da população nacional; os castas, 22 por cento, e os brancos, 18 por cento. Estes, por sua vez, estavam divididos perigosamente entre os espanhóis nascidos na Europa (chamados no México *gachupines*), em número de apenas 15 mil, ou dois por cento da população total do país. Esse número diminuto de peninsulares (espanhóis nascidos na Península) constituía a elite administrativa da colônia, pois controlavam os mais altos postos militares e administrativos.” (ANNA, 1987, p. 76)

E sobre a elite local, o autor os denomina como “elite natural”, incluindo neste segmento os comerciantes, donos de minas, proprietários de terras, entre outros bens. Sua composição era de maioria *criolla*, sendo que alguns ainda possuíam títulos de nobreza espanhol, o que não se mostrava suficiente para uma inclusão dentro da vida política e do centro do poder na colônia. (ANNA, 1987, p. 76)

Após a invasão de Napoleão a Espanha em 1808, as rivalidades e interesses políticos acabaram por ser acirrados na Nova Espanha, tendo no palco central das discussões dois grupos, de um lado estavam os Realistas, que apoiavam a metrópole e tinham uma majoritária presença dos *guachupines* (funcionários públicos que detinham os cargos mais importantes da administração, espanhóis nascidos na metrópole) que propunham a manutenção do vínculo colonial junto a metrópole. Antes disso no entanto estava germinando uma aliança entre ambos os grupos, no entanto a queda do monarca espanhol deixa uma grande incerteza que muda por completo o percurso do futuro recente mexicano.

> “A aliança que se estava formado entre a burguesia *criolla* e a elite propriamente rompeu-se logo em seguida à queda da Espanha, em 1808, diante do ataque napoleônico. A deposição de Carlos IV e de

> seu primeiro-ministro Manuel Godoy, a ascensão ao trono de Fernando VII, seguida imediatamente da usurpação da coroa por José Bonaparte, irmão de Napoleão, e da prisão de Fernando VII na França, puseram em dúvida os fundamentos da constituição espanhola, o primado do soberano. Cidade do México recebeu a notícia da elevação de Fernando VII ao trono e, 9 de junho de 1808; em 16 de julho, ficou sabendo da deposição por Napoleão. Os dois meses seguintes foram testemunhas de uma crise na colônia sem precedentes.” (ANNA, 1987, p. 80)

E do outro lados se encontravam os Autonomistas, maioritariamente compostos por *criollos*, e liderados por Francisco Primo Verdad. Em suas pautas constava a ideia de que o vice rei da Nova Espanha José de Iturrigaray assumisse de maneira provisório o governo da colônia, em um governo provisório.

> “Assim, o conselho da cidade solicitava ao vice-rei que reconhecesse a soberania da nação e convocasse num futuro próximo uma assembleia representativa das cidades da Nova Espanha. Isso significava um pedido de governo autônomo no contexto de uma história de três séculos de absolutismo.”
>
> “[...]Entre seus principais adversários estavam a maioria dos membros da *audiencia* e os *hacendados*, os comerciantes e os donos de minas nascidos na Península.” (ANNA, 1987, p. 80)

As primeiras ideias ou ambições de independencia mexicana, não incluíam uma ruptura com a metrópole, as ambições da elite *criolla* local juntamente com a elite metropolitana, incluíam necessariamente em seus planos a manutenção dos seus laços, a palavra-chave nesta questão é a autonomia.

> “No entanto, até então, nem a elite nem a classe média *criolla* haviam demonstrado desejos de alcançar uma independencia total, pois temiam as massas e dependiam das tradições da Igreja e do Estado para manter a ordem social. Desejavam na verdade a autonomia.” (ANNA, 1987, p. 80)

Tal proposta não agradou aos *guachupines*, que alarmados agiram prendendo o vice rei e boa parte dos criollos durante uma reunião onde boa parte dos Autonomistas estava presente, o movimento da elite administrativa espanhola também significou um rompimento nas relações metrópole-colônia. Tal repressão significou um duro golpe aos objetivos dos *criollos*, que inspirados por outras ex colônias latino-americanas começaram a fomentar um sentimento de independência.

> "Os governos que se instalaram em Cidade do México de 1808 a 1810 foram totalmente ineptos e não enfrentaram o problema do descontentamento dos *criollos* e das classes baixas; concentraram-se, ao invés, no perigo relativamente insignificante representado pelo envio de agentes franceses a América. A própria deposição extraordinária e ilegal de um vice-rei espanhol por absolutistas peninsulares muito contribuíra para o enfraquecimento da autoridade legítima da Espanha. Servando Teresa de Mier, em seu livro *Historia de la revolucion de Nueva España* (1813), afirmava que a deposição de Iturrigaray justificava a independência americana, uma vez que o golpe destruiu o pacto social que ligara o México aos reis da Espanha." (ANNA, 1987, p. 83)

Após estes eventos coube aos criollos de regiões mais afastadas da capital tomarem a dianteira e levarem adiante o movimento. Foi na região de Querétaro, que o padre Miguel Hidalgo y Costilla acabou se tornando uma liderança dentro do movimento de independência. Hidalgo, acadêmico e estudioso do iluminismo, possuía uma ligação a causas de grupos mais explorados e marginalizados da vida colonial, e foi através destes grupos (indígenas e criollos) que conquistou a confiança necessária e alçou a posição de liderança.

> "*Criollo* com brilhante desempenho acadêmico, Hidalgo dedicara suas energias ao estudo de textos da Ilustração e à organização da comunidade com o objetivo de melhorar a vida dos índios e *mestizos* da sua paróquia. Profundamente secular em seus interesses havia se envolvido durante muitos anos no debate e exame dos problemas sociais e políticos e comandava um grande séquito de *criollos* e índios." (ANNA, 1987, p. 84)

Sob a liderança do padre iniciou-se um levante contra a capital da colônia, levante esse que teve como estopim uma grande seca que assolou a região entre os anos de 1808 e 1809. E foi em setembro de 1810, que se marcou o início das lutas por independencia a partir do episódio do grito de Dolores, onde Hidalgo convoca centenas de populares a lutarem contra o domínio espanhol.

> “Assim, na manhã de 16 de setembro de 1810, Hidalgo proferiu seu Grito de Dolores, pelo qual convocava os índios e os *mestizos* reunidos para a feira de domingo a se juntarem a ele numa levante cujos objetivos eram defender a religião, abolir o jugo do domínio peninsular, representado sobretudo pelos homens responsáveis pela deposição de Iturrigaray, e acabar com o tributo e outras marcas degradantes de subserviência. A revolução foi desencadeada em nome de Fernando VV, e a Virgem de Guadalupe- símbolo supremo da fé mexicana- foi proclamada sua guardiã e protetora.”
>
> [...]Nesse meio tempo, nunca proibiu seus seguidores de saquear; na verdade, encorajou-os a expropriar os espanhóis.” (ANNA, 1987, p. 85)

A particularidade da região de Querétaro, é um fator importante para o início do primeiro de muitos levantes que se prosseguiriam no decorrer da década, apesar de ser uma região rica em recursos (principalmente a mineração) e que conquistou uma certa “independência” do poder do governo central, sentia-se com mais firmeza o julgo colonial, que privava e excluía da vida pública a sociedade local, além de uma manutenção da miséria amparada muitas vezes pelo pagamento obrigatório do dízimo. Sobre isso Timothy Anna disserta:

> “A riqueza do Bajío tornou-se menos dependente de Cidade do México; portanto, seus *criollos* ricos sentiram com maior intensidade a discriminação política. O desenvolvimento foi limitado por uma estrutura econômica corporativista ultrapassada, provocando grande descontentamento entre os índios, os *mestizos* e os *criollos*. Assim, das várias regiões do México o Bajío foi a que alimentou as ideias de conspiração revolucionária. As secas de

> 1808/1809 e as consequentes fomes de 1810-1811 ocasionaram grande penúria entre os *campesinos*, o fechamento de algumas minas por incapacidade de alimentar suas mulas, o desemprego dos trabalhadores mineiros e uma explosiva inquietação social." (ANNA, 1987, p. 84)

Apesar da "convocação" a luta contra a servidão colonial, da devolução de terras indígenas, e em nome da virgem de Guadalupe, Hidalgo não possuía uma plano objetivo e claro para o pós independência. Mesmo assim nas mais diversas regiões do país, foram formadas tropas compostas por indígenas, criollos e mestiços que se levantaram contra a ordem que os oprimia e excluía da vida pública. (ANNA, 1987, p. 85)

Porém em 1811 Hidalgo acaba preso, e fuzilado, apesar de fora da cena, as lutas continuaram sob as lideranças de Ignácio Lopez Rayón e o sacerdote José Maria Morelos y Pavon. O saldo da revolta de Hidalgo se sente na continuidade das revoltas, em específico numa maior maturidade para o objetivo de independencia, em torno da figura de Morelos, que cria um programa de independencia amplo e aprofundo.

Assim com Hidalgo, Morelos também era padre e com um elo muito mais profundo do que seu antecessor para com os pobres e as populações indígenas de sua região, Michoacán. Filho de mestizos e condutor de mulas durante a juventude, melhora sua condição social e intelectual ao ingressas na universidade sendo posteriormente ordenado padre, onde constrói o seu forte laço com os pobres. (ANNA, 1987, p. 89) Morelos se junta a rebelião logo no seu princípio crescendo aos poucos como uma liderança natural do movimento.

Em seu programa de independência se torna claro pela primeira vez objetivos a serem construídos e alcançados, sobre este programa Timothy Anna faz os seguintes apontamentos:

> "Morelos adotou também medidas importantes, que tornaram mais claros os objetivos políticos e sociais da revolta, os quais eram bastante vagos sob o comando de Hidalgo. Seu programa tinha em mira a independencia (proclamada em 1813), uma forma congregacional de governo e reforma sociais- entre elas a abolição

> do tributo, da escravidão, do sistema de castas e das barreiras legais ao avanço das classes baixas, bem como a introdução de um imposto de renda.” (ANNA, 1987, p. 89)

Em seu programa aprofunda o nacionalismo, ao romper ou negar obediência e servidão a figura do rei, e transformando em símbolo nacionalista a figura da Virgem de Guadalupe.

> “O mais nacionalista dos chefes rebeldes, Morelos, abandonou a presunção de lealdade à soberania do rei e conferiu ao símbolo da Virgem de Guadalupe um conteúdo patriótico muito mais profundo.” (ANNA, 1987, p. 89)

No tocante a questão de terras, Morelos propôs uma redistribuição destas, buscando promover mudanças sociais significativas, que acabariam por incluir na vida social e tirando da condição servil e miserável os pobres e os indígenas marginalizados.

> “Defendeu também a distribuição da terra aos que nela trabalhavam e, num documento controverso, exigiu aparentemente o confisco e a redistribuição de todas as propriedades pertencentes aos inimigos, os ricos. Atenuou sua revolução social com declarações sobre o primado absoluto da Igreja Católica e o direito ao dízimo, e proclamou seu respeito à propriedade privada. Tentou atrair abertamente o apoio dos *criollos* com declarações mais moderadas, mas, como Hidalgo, não conseguiu obtê-lo.” (ANNA, 1987, p. 89)

Como saldo da revolta conduzida pela liderança de Morelos, é possível notar novos avanços no objetivo da independência, ao mesmo tempo que se intensifica o conflito e se torna claro uma fragmentação do apoio popular ou dos grupos políticos envolvidos, indicando uma maior complexidade de objetivos.

> “A revolta de Morelos, apoiada mais pelos *mestizos* do que pelos índios, revelou maior habilidade militar, organização e propósito político do que o desgovernado levante indígena de Hidalgo. Morelos obteve muitas vitórias importantes, deixou mais claros os

> objetivos da revolução, patrocinou uma declaração de independencia, criou um congresso para regularizar seu governo, conduziu a guerra com exércitos revolucionários bem organizados e treinados e demonstrou excepcional talento e generoso devotamento à causa.” (ANNA, 1987, p. 91)

Um padrão que foi deixado como um dos legados de Hidalgo e Morelos, e que foi se confirmando com o desenrolar dos eventos, foi que a guerra de independência seria lutada por e contra os próprios mexicanos, Madrid teria pouco ou nenhum envolvimento militar nos eventos.

> “Foi o governo vice-real que combateu as revoltas na Nova Espanha . Embora representasse a Espanha e fosse leal à mãe-pátria, o regime vice-real formulou a maior parte da estratégia econômica, política e militar, pôs em campo os exércitos, elevou as receitas tributárias, lançou campanhas de propaganda, organizou as milícias, recrutou tropas e até mesmo ignorou ou evitou ordens inadequadas ou inoportunas da coroa espanhola. Em momento algum a Espanha em si participou efetivamente da luta; na maioria dos casos, foram os mexicanos que lutaram contra mexicanos.” (ANNA, 1987, p. 92)

No desenvolvimento da sua visão sobre a independência mexicana, Timothy Anna faz uma inferência interessante a respeito do evento, de que a guerra de independência no México, assumira contornos de uma guerra civil e revolucionária, opondo grupos diversos ambicionando o poder, e a rápida formação e fragmentação de alianças que espalhadas pelo país, dama a impressão de que lutavam cada uma por sua própria causa e razão.

> “A Guerra de Independência não foi um conflito desequilibrado com um desfecho predeterminado; foi mais uma luta na qual a nação se viu dividida em suas lealdades e o resultado final não era inevitável; foi uma guerra civil revolucionária.” (ANNA, 1987, p. 92)

Em 1815 após o fuzilamento de Morelos, os *criollos* começam a sufocar as rebeliões, ao mesmo tempo que na Espanha o rei Fernando VII, que havia recuperado o trono em 1814, inicia a perseguição e combate dos dissidentes

criollos ou de quaisquer outros grupos que possuíssem a independencia como objetivo. Além de no final daquele mesmo ano, conseguir restaurar a ordem de antes de sua deposição e prisão em 1808. (ANNA, 1987, p. 100)

> "Em março de 184, após a queda do domínio francês na Espanha, Fernando VII foi libertado por Napoleão de seu cativeiro de seis anos na França e retornou à Espanha. Em 4 de maio, deu a público em Valencia um longo manifesto, pelo qual revogava a constituição de 1812 e todos os atos das Cortes de Cádiz." (ANNA, 1987, p. 100)

A retomada do trono por Fernando VII, também significou para o México um controle repressivo eficiente das revoltas que se espalharam por todo o seu território. Sob o comando do vice-rei Félix María Calleja del Rey, as revoltas foram sufocadas gradativamente a partir da execução de Morelos, ao passo que conseguiu uma reorganização da economia local, e desacreditando a causa da revolução, com um exército bem treinado, disciplinado e numeroso. (ANNA, 1987, p. 104)[14]

No entanto apesar do sufocamento bem sucedido da revolução em prol da independência, da retomada da ordem monárquica sob a figura do rei, o descontentamento das elites *criollas* locais persistia, e ia deixando mais claro para esses grupos que as suas queixas não estavam de fato sendo ouvidas ou consideradas conforme novas resoluções chegavam da Europa. A ideia de uma monarquia continuava a atrair os grupos de disputa na Nova Espanha, mas faltava um projeto, um plano suficientemente elaborado que satisfizesse as ambições e demandas.

> "Precisava-se de uma proposta com concessões moderadas para a independência, diferente do que Hidalgo, Morelos, ou outros

[14] Alamán inclusive nutria um profundo respeito e admiração pela figura do vice-rei, como Timothy Anna expõe no seguinte comentário: "O historiador conservador Lucas Alamán concluiu que "se a Espanha não tivesse perdido seu domínio sobre esses países por causa de acontecimentos posteriores, Calleja teria sido reconhecido como o reconquistador da Nova Espanha e o segundo Hernán Cortés." (ANNA, 1987, p. 104)

> rebeldes anteriores haviam proposto. Precisava-se também de algum tipo de catalisador que impelisse a elite e a burguesia a uma posição na qual pudessem agir em conjunto.” (ANNA, 1987, p. 106)

Antes mesmo da elaboração de uma proposta veio o estopim final que conduziu o México rumo a independência, e separou de vez a relação colônia e metrópole que com certa dificuldade ainda era cultivada. O catalisador no entanto veio da península, de dentro do território da metrópole, sob o comando do ex vice-rei Calleja, diversos grupos com ideias e ambições distintas se unem contra o governo despótico de Fernando VII.[15]

> “Esse catalizador foi oferecido pela revolução, de janeiro a março de , na Espanha, quando uma grande força expedicionária (de aproximadamente 14 mil homens), reunida em Cádiz sob o comando do antigo vice-rei Calleja (agora capitão-general de Andaluzia), à espera de uma ordem para empreender a reconquista de Río de la Plata, revoltou-se contra o regime absoluto de Fernando VII. Outras unidades do exército por toda a Espanha aderiram à rebelião.” (ANNA, 1987, p. 106)

A rebelião termina em 1823, com a soltura por parte dos rebeldes liberais de Fernando VII, que mais uma vez reassume o trono do império, e com uma retaliação mais severa com que a de 1814 persegue, executa e condena os revoltosos. (ANNA, 1987, p. 107)

Os acontecimentos da rebelião na Espanha, mais o saldo das Cortes, apontava para os *criollos* da Nova Espanha, uma insatisfação definitiva e principalmente o quão irrelevante havia se tornado a relação ou a permanência como colônia

[15] Uma das consequências desta rebelião, foi que conseguiu colocar em risco permanente a manutenção das colônias americanas. “A Revolução de 1820 e a impossibilidade de a força expedicionária deixar a Espanha garantiram virtualmente a independencia de Rio de la Plata e do Chile, ao mesmo tempo em que o vice-rei do Peru, depois de ver negados reforços da coroa, previa a queda da colônia mais leal à Espanha.” (ANNA, 1987, p. 107)

espanhola, os riscos haviam se tornado altos demais com um poder de decisão, e autonomia tão baixo assim.

> “A elite e a burguesia reconheceram que as Cortes, agora restauradas, embora adotassem um programa de mudanças radicais na estrutura econômica e política da Península, ainda não tomavam medidas que respondessem aos principais protestos dos americanos. As Cortes ainda não reconheciam as insistentes reivindicações dos americanos de autonomia e livre comércio. Também não permitiram uma representação igualitária para a América, pois o povo de ascendência africana não era reconhecido para fins eleitorais.” (ANNA, 1987, p. 108)

No que consta a respeito da figura do rei, a insatisfação e irrelevância podem ser expressos neste seguinte exemplo, apresentado por Timothy Anna:

> “Numa proclamação publicada no México, em julho, o rei desculpou-se publicamente por ter revogado a constituição em 1814, admitiu seu engano e pediu aos súditos que não o confortassem com seu erro de julgamento. Esse tipo de proclamação só podia destruir qualquer fé que porventura os americanos ainda tivessem no trono.” (ANNA, 19987, p. 108)

Já no que diz respeito as Cortes, a insatisfação era maior pela grande falta de conhecimento e consideração pelos problemas e queixas apresentados pelos criollos da Nova Espanha, numa tentativa das Cortes de instaurar uma série de reformas liberais, que tinham como alvos os privilégios do clero, e da classe militar (exército).

> “Em setembro de 1820, as Cortes decretaram a supressão das ordens monásticas e impuseram limites ao crescimento das ordens mendicantes. Aprovaram a eliminação dos jesuítas; a proibição de qualquer vinculação de propriedade e da aquisição de novos bens imóveis por instituições civis e eclesiásticas; a abolição do *fuero* eclesiástico, ou imunidade contra processos civis; e a abolição do *fuero* militar para os milicianos que serviam na América.”

> “Além disso, as Cortes tinham decretado a subordinação da milícia aos *cabildos* e às juntas civis locais, cargos preenchidos por eleição; haviam estabelecido também que o comandante das tropas fosse distinto do chefe político local, a menos que lhe fosse outorgado o poder de capitão-general. Essa oposição estimulou o apoio à independência entre os mesmos grupos que anteriormente haviam sido a principal defesa do regime imperial.” (ANNA, 1987, p. 109)

Podemos resumir esse cenário como um contexto de total insatisfação com a metrópole, apesar do apreso pela constituição espanhola e pela monarquia como sistema de governo, o racha havia sido definitivo, e o caminho para a independência havia chegado num ponto irreversível para a Nova Espanha.

> “A independência ocorreu, portanto, porque a restauração do regime constitucional mostrou que o espírito imperial espanhol do altar e da coroa estava morto, e o objetivo do liberalismo constitucional espanhol era manter os territórios americanos em dependência colonial. Isso estimulou a reafirmação de todas as velhas queixas contra o domínio espanhol e, se já haviam sido válidas sob o absolutismo, agora, sob o regime liberal, elas se faziam sentir de modo ainda mais intenso. Além disso, a turbulência política na Península entre moderados e radicais, liberais e conservadores, era um lembrete ao México de que a constituição podia estar correndo perigo na própria Espanha e de que era necessária uma ação drástica para preservá-la no México.” (ANNA, 1987, p. 110)

A independência se torna algo viável através da figura de Itúrbide que uniu as classes distintas da Nova Espanha sob um único programa que conseguia agrega-los e atendê-los a partir de suas principais demandas e preocupações, ao mesmo tempo que o apresso pela monarquia e pela constituição espanhola eram mantidos. É neste contexto que Itúrbide elabora o Plano de Iguala, tal como descreve Jan Bazart:

> “Em seu manifesto, o Plano de Iguala, Itúrbide conclamava todos á independência, à união entre mexicanos e espanhóis e ao respeito à Igreja Católica Romana. A forma de governo seria uma monarquia constitucional, na qual o imperador seria escolhido dentro de uma dinastia europeia, de preferência espanhola, “de modo a que nos ofereça um monarca já pronto e nos salve dos atos fatais de ambição”; a redação da constituição nacional seria entregue a um congresso.” (BAZART, 1984, p. 413)

Foi através do que ficou conhecido como as três garantias, que Itúrbide atendeu aos interesses das partes interessadas na independência.

> “Com essa primeira de suas chamadas “três garantias”, Itúrbide obteve o apoio dos antigos guerrilheiros que haviam lutado pela independência, particularmente do general Vicente Guerrero, que na época estava em ação não muito longe de Iguala. A segunda garantia oferecia segurança aos espanhóis nascidos na Espanha e residentes no México, e com a terceira ele tentou atrair o clero, prometendo que, na Espanha, do regime revolucionário liberal. O exército assumiria a tarefa de “proteger” as garantias.” (BAZART, 1984, p. 413)

A independência é reconhecida num primeiro momento pelo acordo de Córdoba firmado em 24 de agosto, do qual estava presente como representante real capitão-general Juan O’Donojú.[16]

> “Reuniram-se em 24 de agosto, em Córdoba, ao sopé do vulcão Citlalpetl, coberto de gelo, e assinaram um tratado que reconhecia o “império Mexicano” como nação independente e soberana. O tratado parafraseou o manifesto de Iguala, mas com várias modificações. Pelo manifesto, o trono seria oferecido a Fernando VII ou, em caso de recusa, a um príncipe de uma dinastia reinante.

[16] A tarefa incumbida ao oficial era a de dar cabo das reformas liberais bourbônicas no Novo México, porém ao desembarcar a independencia já era uma realidade, além do que sua tripulação era afetada por um surto de febre amarela, o que contribuiu para o enfraquecimento ainda maior da posição espanhola nas negociações do tratado. (BAZART, 1984, p. 413)

> Supunha-se que houvesse pelo menos um príncipe disposto a aceitá-lo.” (BAZART, 1984, p. 415)

A transição proposta pelo plano de Iguala não trouxe grandes e radicais mudanças na estrutura prévia estabelecida pela ordem colonial, apenas tratava de uma transferência do poder central para o México, reconfigurando os atores sociais que passariam a ocupar os papeis mais proeminentes na sociedade.

> “A independência de 1821 não provocou uma mudança revolucionária imediata na estrutura social ou econômica do país. O primeiro e principal efeito foi a transferência do poder político antes exercido pela burocracia real, para o exército, isto é, para uma coalizão formada pelo exército realista de Itúrbide e pelos exércitos republicanos de Guerrero.
>
> O segundo pilar da nova nação foi a Igreja Católica Romana. Como todas as instituições coloniais constituídas, ela havia sofrido perdas substanciais em seu corpo de clérigos e em seus bens materiais durante essa década de guerras.” (BAZART, 1984, p. 415)

Em um outro momento Timothy Anna, explica também sobre como o Plano de Iguala buscaria numa primeira etapa organizar o México, por intermédio das três garantias.

> “Pelo Plano de Iguala, a Nova Espanha se tornaria uma monarquia católica separada, governada nos termos da constituição mexicana. Fernando VII seria convidado a assumir o trono como imperador e, se recusasse, o convite seria dirigido a seus dois irmãos, um após o outro. Seriam convocadas as Cortes mexicanas e, nesse meio tempo, seria formada uma Junta Soberana provisória, à qual se seguiria uma Regência. O novo governo garantia a permanência da Igreja católica, o estabelecimento da independencia e a união de espanhóis e americanos. Essas três garantias estavam expressas na fórmula “Religião, Independencia, União”. Seriam protegidas pelo Exército das Três Garantias

> (Ejército Trigarante), formado por rebeldes e por quaisquer membros do exército imperial que estivessem dispostos a jurar a lealdade ao plano.” (ANNA, 1987, p. 111)

Algo importante a se destacar também, está em como o Plano de Iguala conformou a *criollos* “conservadores” e os rebeldes revolucionários, com seus distintos interesses e objetivos.

> “Num único golpe, ao garantir estabilidade econômica, uma monarquia constitucional e a preservação de privilégios da elite, ao mesmo tempo em que prometia independencia e igualdade, eliminava as objeções de antigos rebeldes e de membros da elite que apoiavam o regime real. A cada um deles o Plano oferecia algo. A elite logo percebeu que Iguala lhe trazia vantagens e correspondia às aspirações de 1808. O clero e os militares se entusiasmaram, pois o Plano assegurava a preservação de sua posição e oferecia uma esperança de rápida ascensão. Por outro lado, os rebeldes mais devotados podiam encontrar agora uma causa comum com seus antigos adversários, porque reconheciam que a independencia era possível e o novo Estado, mesmo que não fosse a república que alguns deles desejavam, ainda assim seria reformista.” (ANNA, 1987, p. 111)

Prosseguindo no cenário pós-guerra, a situação nacional apontava para um declínio econômico, podendo ser sentido tanto nas arrecadações governamentais quanto na arrecadação da Igreja Católica por meio do dízimo que naquele momento ainda era obrigatório.

> “Em resumo, o número total do clero caiu de 9.439 para 7.500 membros e o número de paróquias também declinou. As rendas das igrejas, sobretudo as provenientes do dízimo, registraram uma queda substancial. No arcebispado do México, a renda proveniente do dízimo foi reduzida de 510.081 pesos, em 1810, para 232.948,

> em 1821, e nas dioceses de Michoacán de 500 mil pesos para 200 mil, em 1826."[17] (BAZART, 1984, p. 415)

Porém em fevereiro do ano seguinte, 1822, já se era perceptível os primeiros desgaste nas relações de Itúrbide com toda a classe da qual ele havia conseguido junto, e este primeiro desgaste se deu no não reconhecimento por parte de Madrid do tratado de Córdoba.

> "Para a desagradável surpresa de Itúrbide, a maioria dos deputados eram "bourbonistas", isto é, monarquistas pró-Espanha, ou republicanos. Entraram em disputa com ele sobre várias questões desde o primeiro dia e foi diante de um quadro de rápida deterioração das relações entre Itúrbide e os deputados que foi dada a conhecer a rejeição do tratado de Córdoba pela Espanha. Até aquele momento, a Espanha, a mãe-pátria com quem permaneciam fortes os laços de parentesco e de religião, continuava sendo venerada por quase todos os habitantes da colônia." (BAZART, 1984, p. 416)

Mesmo com alguns problemas importantes no presente Itúrbide foi coroado imperador sob o nome de Augustin I, no entanto mesmo após a independência frente a metrópole, o México seria tomado por um segundo movimento de agito social, a ideia de transformar o país em uma república ganharia folego e corpo.

A vida de Agustín como imperador desde o princípio demonstrava estar fadada a ser curta, logo depois da coroação o preço do apoio dado pelos outros grupos envolvidos na política nacional começou a ser cobrado.

> "Desde o início, surgiram obstáculos essenciais a sua sobrevivência. A nobreza mexicana desejava um príncipe europeu e encarava com desdém Itúrbide, filho de um comerciante: os *hacendados* e os comerciantes, a maioria dos quais nascidos na

[17] Os números acerca dessa queda de arrecadação são os seguintes segundo Bazart: "Os dados sobre o dízimo refletem o declínio econômico geral que se havia instalado. As estatísticas fornecidas pelo montante, passando de uma média anual de 22,5 milhões de pesos, de 1800 a 1809, para aproximadamente dez milhões de pesos, em 1820 e 1822. (Em 1821, foram cunhados apenas seis milhões de pesos.)" (BAZART, 1984, p. 415)

> Espanha, tinham esperança em que um príncipe europeu os livrasse dos empréstimos forçados e de outros ônus fiscais; e finalmente havia um grupo forte de republicanos, entre os quais se incluíam jornalistas proeminentes, advogados e o clero progressista.” (BAZART, 1984, p. 416)

Sem apoio de nenhum dos lados, a posição de Itúrbide ficaria insustentável abdicando logo em 1823, vendo as seguranças do plano de Iguala pensadas por ele serem usadas contra a sua posição como imperador. Além é claro, de instigar e liberar um caminho livre para a república.

> “Não causa surpresa, portanto, que a queda de Itúrbide tenha sido ainda mais rápida do que sua ascensão. Os bourbonistas acusaram-no de ter violado a promessa de oferecer o trono a um príncipe europeu. Os próprios atos arbitrários de Itúrbide estimularam a difusão das ideias republicanas, as quais até então estavam totalmente restritas aos intelectuais. Os ambiciosos oficiais do exército também estavam descontentes; embora um príncipe estrangeiro pudesse ser tolerável, sentiram dificuldade em aceitar alguém de sua própria estirpe; se não podiam ter um príncipe importado, então a solução era uma república, que, pelo menos, era um sistema em que todos eles podiam tornar-se presidentes.” (BAZART, 1984, p. 417)

O caminho que se seguiu foi de mais disputa e agitação social agora em torno da proclamação da república, que foi levada adiante por Antonio Lopes de Santa Anna, jovem coronel que acusou Itúrbide de tirania e proclamou a república em novembro de 1822.

> “Depois de cavalgar toda a noite, retornou ao seu quartel na manhã seguinte e, antes que a notícia de sua destituição chegasse a Veracruz, na tarde do mesmo dia, 2 de dezembro de 1822, acusou publicamente Itúrbide de tirania. Proclamou uma república, exigindo a reabertura do Congresso e o estabelecimento de uma Constituição baseada na “Religião, Independência e União”, isto é, as mesmas três garantias do manifesto de Iguala, que, na sua

> opinião, haviam sido infringidas pelo imperador. Procurou também conquistar o apoio dos comerciantes espanhóis de Verazcruz que tinham influencia local, convocando-os a uma vida de paz e de comércio com a mãe-pátria.” (BAZART, 1984, p. 418)[18]

O movimento de Santa Anna, abriu caminho para uma influência que se faria constante no decorrer da vida mexicana durante o século XIX, a presença de militares do exército no governo, a fim de garantir presença como presidentes ou interesses mais particulares ou da classe como um todo.

> “Desse modo, Santa Anna havia desencadeado um movimento que derrubou o império de Itúrbide e terminou com a instauração da república. Mesmo que o novo sistema político tenha sido concebido pelos intelectuais, foi o exército que o transformou em realidade e tornou-se ao mesmo tempo seu senhor. A rapidez com que o conseguiu mostrou o caminho para futuras insurreições de oficiais militares insatisfeitos.” (BAZART, 1984, p. 419)

O primeiro presidente desta fase republicana foi o general Guadalupe Vitória, que havia lutado pela independência ao lado de Hidalgo e Morelos, cujo seu verdadeiro nome era José Miguel Ramón Adaucto Fernández y Félix, ocupando o cargo de 1824 até 1829.

Mesmo após a proclamação da república, as disputas pelo poder do governo central continuaram. Guadalupe tem como sucessor o também militar Vicente Guerrero que chegou a presidência após um golpe bem-sucedido por ele e Santa Anna contra o então presidente eleito Manuel Gómez Pedrazza.

[18] No entanto passados apenas quatro dias, Santa Anna revisa a sua posição adotada no discurso, dando lugar a um tom mais ameno e ponderado. “Uma década antes, Hidalgo não proclamava formalmente a independência e muitos anos seriam necessários para que a ideia de um México não submetido ao rei da Espanha criasse raízes. Agora, do mesmo modo, a palavra “república” também soava demasiado revolucionária. Por isso, Santa Anna reviu sua posição e, quatro dias mais tarde, lançou um manifesto mais moderado e detalhado.” (BAZART, 1984, p. 418)

Guerrero sofre com o próprio veneno golpista por seu próprio vice-presidente o conservador Anastácio Bustamante y Osegura que por sua vez contou com o apoio mais uma vez de Santa Anna. Bustamante foi presidente em duas ocasiões, de 1830 á 1832 e entre 1837 até 1842.

Santa Anna por sua vez acumulou durante 40 anos de vida pública dentro da política 22 mandatos, onde foi presidente em três oportunidades a primeira delas entre 1833 até 1835, a segunda de 1839 a 1844 e pela última vez entre 1847 á 1855. Santa Anna esteve a frente do governo na questão texana na década de 1830 e durante a guerra contra os Estados Unidos na década seguinte.

A guerra por sua vez tem como uma das primeiras causas a expansão territorial do Estados Unidos a partir de 1803 com a marcha para o oeste, esta expansão também levou a conflitos contra posses territoriais britânicas como no Canadá e o atual estado do Oregon. O destino manifesto dos EUA exerceu papel importante como incentivador desta expansão, não necessariamente significando uma expansão violenta, nos anos de 1835 e 1845 os EUA fizeram ofertas ao México de 5 e 25 milhões de dólares pelo território da Califórnia, o México recusa todas as ofertas em ambas as situações por se tratar da perda de uma substancial parte de seu território.

A questão do Texas como um segundo fator que levou ao conflito, o atual estado norte americano buscava a sua emancipação do restante do México, principalmente pela distância com o governo central seja em termos geográficos como políticos, o que por sua vez isolava a distante região das discussões relevantes levadas a cabo pelo governo central.

A questão texana foi a responsável por uma última rodada de levantes na capital mexicana, o atrito e o desgaste das relações entre ambos os países envolveu também questões religiosas que colocou protestantes e católicos em lados distintos, além de evidenciar problemas econômicos, e ideológicos que culminavam em uma sucessão de golpes em torno da cadeira presidencial mexicana.

As hostilidades se iniciaram a partir do avanço de tropas norte americanas no Texas na região do rio Nueces, os norte-americanos reivindicavam aquelas terras para si, baseando-se no tratado de Velasco assinado em 1836, após esse

avanço iniciam-se os conflitos abertos entre ambos os exércitos, principalmente na região norte mexicana e por toda extensão da Califórnia, onde as cidade de Los Angeles e Monterrey foram capturadas por tropas norte-americanas.

Em março de 1847 tropas norte-americanas desembarcaram no porto de Veracruz, numa incursão em direção a Cidade do México a fim de captura-la, os conflitos se estendem até agosto onde as cidades de Cerro Gordo, Contreras, Chapultepec foram palco de violentas batalhas.

Já em setembro as tropas invasoras conseguem entrar na capital mexicana, o até então presidente Antonio Lopez de Santa Anna renuncia o cargo de presidente e mantém seu cargo no comando militar, no entanto suas tropas recusam-se a continuar lutando, culminando na derrota mexicana.

O tratado de Guadalupe Hidalgo foi assinado em fevereiro de 1848, assinado pelos dois países ratificando as anexações feitas pelos EUA durante o conflito e um pagamento de 15 milhões de dólares ao México como forma de compensação pelos territórios perdidos. Jan Bazart complementa sobre o saldo final da guerra com o seguinte parágrafo:

> “O México perdeu o que já estava de fato perdido: o Texas, o Novo México e a Califonia. Contudo, os negociadores mexicanos obtiveram de volta grande parte dos territórios que os Estados Unidos acreditavam ter ocupado em bases permanentes, como, por exemplo, a Baixa Califórnia. Ainda assim, as províncias perdidas equivaleram a cerca da metade do território mexicano, embora elas abrigassem apenas um ou dois por cento da população total do México e possuíssem então poucos recursos naturais conhecidos. Assim, sua perda não abalou a economia mexicana e o México ainda recebeu uma indenização de 15 milhões de dólares.” (BAZART, 1984, p. 436)

E em um segundo breve texto chamado, “La historiografia sobre la guerra entre México y EUA” (1999), Josefina Vázquez realiza um levantamento da historiografia acerca do conflito, e as linhas temáticas desenvolvidas ao longo dos séculos XIX e XX que abordam diversas facetas da guerra entre ambas as nações.

A primeira obra sobre a guerra que Vázquez apresenta, é a de Carlos Bustamante. *“El nuevo Bernal Díaz del Castillo, o sea historia de la invasión de los anglo-americanos em México”,* (1848). Trata da desolação e impotência frente aos invasores, adota um formato de diário, memórias de alguém que viveu o episódio. Esta obra como continuação de *“Apuntes para la historia del gobierno general D. Antonio López de Santa Anna”*, (1845 -1847). Acaba por abarcar um contexto abrangente dos acontecimentos que culminaram com o conflito. (VÁZQUEZ, 1999 , P. 476)

Em seguida fala sobre a obra, *Apuntes para la historia de la guerra entre México y Estados Unidos, (1848)*, esta obra como produção coletiva realizada no “retiro” em Querétaro, após a ocupação da capital pelas tropas norte-americanas. Uma grande heterogeneidade de autores que visaram compreender, analisar os acontecimentos da guerra. As circunstâncias principalmente do local, e a dificuldade de se obter informações e fontes historiográficas acabaram por limitar estes objetivos analíticos.

Vázquez aponta Roa Bárcena, como o primeiro autor que baseia sua obra em fontes documentais e historiográficas de ambos os lados do conflito, além do seu distanciamento com o ocorrido, a obra datada de 1883 *“Recuerdos de la invasión norteamericana(1846- 1848) por un joven de entonces”*,é a obra mais famosa sobre a guerra.

> “El autor no le concedía la categoría de ‘libro de historia’, al describirla como ‘una serie de artículos varios- abundantes noticias y datos históricos-‘, redactados em la década previa.” (VÁZQUEZ, 1999, P. 478)

A obra de Bárcena posteriormente inspirou outras publicações sobre a guerra, em questão metodológica de construção, ao irem as fontes e documentos sobre o evento e o distanciamento com o fato, obras como: *“México a través de los siglos”* (1885) de Enrique Olavarría y Ferrari*, La invasión norteamericana en 1846*, de Eduardo Paz e *Ensayo de historia pátria-militar (1889), y la Invasión de los norteamericanos en México (1890)* de Emilio del Castillo Negrete.

Existe também outras temáticas de obras que acabam por contemplar a guerra em si, dentro do campo diplomático. Observa na sequência três obras do século

XX que abordam essa temática: *“México y Estados Unidos de América. Apuntaciones para la historia del acrecentamiento territorial de los Estados Unidos a costa de México, desde la época colonial hasta nuestros días”* (1922) de Alberto María Carreño. Ou Historia *de las relaciones entre México y los Estados Unidos de América, 1800-1958*, (1965), por Luis G. Zorrilla.

O centenário do conflito trouxe a tona duas novas obras, que são: *“La intervención norteamericana em México”,* de Vicente Fuentes Díaz e *“Breve historia de la guerra con los Estados Unidos*, de José C. Valadés. Em específico na obra de Valadés a culpa do conflito passa para os Estados Unidos, o México até então historiograficamente se culpabilizava pelo conflito, principalmente pela sua divisão interna e fraqueza política, incapaz de deter o vizinho do norte. P. 480

E por último a autora trás o balanço ao completar 200 anos de conflito em 1997, onde a guerra retorna nas seguintes obras: *“México y los Estados unidos: Orígenes de una relacíon, 1819- 1861*, de Angela Moyano(1987), e os dois primeiros volumes de *“México y el mundo. Historia de sus relaciones exteriores*”, de Josefina Vázquez (1990).

Em *“Perspectivas regionales” e México al tempo de su guerra con Estados Unidos*, coordenados por Laura Herrera e Josefina Vázquez respectivamente, trazem à tona a perspectiva regionalista do conflito, a última obra traz a restauração do federalismo como enfraquecimento das possibilidades de defesa do país e consequentemente a derrota, tese já levantada pela autora em “El origen de la guerra com Estados Unidos.

A independência somada a derrota levou a um outro conflito, dessa vez reflexivo dentro do pensamento de Lucas Alamán, que buscava as causas e as consequências da guerra para uma jovem nação mexicana. Estas questões conduziram seu pensamento para dois tempos distintos: o futuro e o passado mexicano, de forma respectiva um tempo se tornava uma folha em branco que aguardava por ser escrita, e o outro a fonte de respostas que preencheriam essa folha em branco.

1.2. Lucas Alamán, e os conservadores

A fim de investigar está determinada formação nacional, chegou-se até a figura de Lucas Alamán, educado na Nova Espanha e identificado com os valores de um espanhol, devido a sua origem familiar. Os valores dessa criação influenciariam intrinsecamente a sua vida adulta, atuando como homem público e principalmente como historiador.

> "El hecho de que Alamán hubiera crecido en la rica ciudad minera de Guanajuato durante la última etapa de la administración colonial española y disfrutara de la abundancia económica vinculada com ese sector parecería explicar, por otra parte, su idealización de la época preindependiente de la entidad que más tarde se convertiría en México". (ZEPEDA, 2012, p. 46).

Durante a invasão napoleônica atuou como representante da Nova Espanha nas Cortes de Cádiz, obtendo destaque principalmente na representação dos interesses de uma elite local *criolla* simpatizante com a monarquia espanhola. Como saldo da sua atuação nas Cortes, acabou por ocupar diversos cargos no governo mexicano durante toda primeira metade do século XIX, principalmente como ministro das relações exteriores e interiores após a queda do imperador Agustín I em 1823, e do presidente Anastácio Bustamante já na década de 1830. Em sua vida, foi acometido por dois acontecimentos que foram determinantes para direcionar suas produções e organizar-se politicamente como um sujeito histórico e político. O primeiro destes acontecimentos foi a independência do México, do qual a via como uma experiência pessoal traumática, como relatado por Blanca Gutiérrez:

> "Hidalgo – relata Alamán – le dio a un subordinado, (al que había hecho capitán, Ignacio Centeno) de defender la casa de Alamán, pero sin embargo, no se pudo contener el saqueo que hizo de está el Pueblo, ya que ni siquiera el general Allende pudo contener a éste, él que 'lleno de ira sacó su espada y empezó a dar con ella sobre la plebe que huyó despavorida...Así, el pillaje de la plebe

> siguió em el más regularizado abuso que Hidalgo hizo practicar, ocultándosele al pueblo...' (GUITIÉRREZ, 1999, p. 142)[19]

Alamán foi testemunha da violência desenfreada da revolta de Hidalgo, encorajada pelo Grito de Dolores, que atingiu a região dos Barios (Guanajuauto), em específico uma elite criolla (da qual ele fazia parte) que havia prosperado com a mineração – grande atividade econômica da região - com saques e execuções.

> "A revolta alastrou-se com uma fúria violenta por toda a intendência de Guanajuato, à medida que a população pagadora de tributo se insurgia espontaneamente no que logo se transformou em violenta guerra de retaliação contra os brancos, fossem peninsulares ou *criollos*."
>
> "[...]Em 28 de setembro, os insurretos atacaram o celeiro fortificado onde os europeus e os *criollos* se haviam refugiado, massacraram seus defensores e submeteram a cidade a dois dias de saque. Daí em diante, a destruição de Guanajuato forneceu um símbolo de ferocidade rebelde que os realistas poderiam usar, convenientemente, em sua propaganda." (ANNA, 1987, p. 85)

Por outro lado, enxergava este acontecimento como algo inevitável, que estava sendo maturado durante os últimos três séculos, um caminho natural para qualquer nação, no entanto se mostrou um grande crítico quanto a forma como ocorreu, tal como ilustra Beatriz Zepeda:

> "[...]Alamán sostenía que esta guerra había comprendido, en realidad, dos movimientos distintos. El primero, iniciado por Hidalgo em 1810, no había tenido como finalidad procurar la independencia, ni había sido la expresión de los verdaderos

[19] Estas experiencias de juventude vivida por Alamán que, "...refiere los significados y valores sociales reflejados en sus creencias políticas, fue interpretada cuarenta años después como 'un levantamiento de la clase proletaria contra la propiedad y la civilización...'[...] Es por ello que Alamán creyó que 'el triunfo de la insurrección(insurgente) hubiera sido la mayor calamidad que hubiera podido caer sobre el país...', puesto que la revolución en su primer período comenzó por un engaño, en la que 'se propagó y sostuvo por los medios más inmorales y atroces...'" (GUITIÉRREZ, 1999, p. 142)

> pensamientos y sentimientos de los mexicanos. Más bien, la revuelta popular había sido un levantamiento violento y anárquico de la turba contra las clases propietarias. En opinión de Alamán, Hidalgo había sido sólo un demagogo que había 'exagerado las doctrinas democráticas de la Revolución Francesa' (citado por Hale, 1968:20)" (ZEPEDA, 2012, p.47).

O início da vida política de Alamán foi marcado por seu amadorismo econômico, ao investir os esforços na agricultura e na extração mineral como a verdadeira riqueza da nação, acaba por fracassar na tentativa de atrair o capital estrangeiro para o México e de estabelecer um mercado interno. Francisco Calderón compreende a partir da leitura de José C. Valadés que *"don Lucas"* era no princípio um mercantilista, esquecendo que a riqueza era a acumulação de riquezas, não incluía em seus cálculos a importância de se ter uma balança comercial favorável, considerava apenas que a riqueza pública aumentaria somente com o sucesso da mineração e o emprego dos braços trabalhadores.

Estas eram as ideias da 'primeira fase de Alamán', porém que o acompanhariam por toda vida. Na esfera privada de sua vida, é descrito como um homem decepcionado, e que fracassou em todos os negócios dos quais investiu, morrendo em 1853 mais pobre do que se encontrava uma década antes.

Um segundo acontecimento o marca profundamente, a guerra contra os Estados Unidos vista como um grave ferimento a soberania mexicana, colocando em risco o futuro da jovem nação. Josefina Vázquez aponta no texto *"El origen de la guerra con Estados Unidos"* (1997), algumas das causas que levaram ao conflito entre as duas nações e como a derrota afetou os planos do México como nação independente.

> "La modernización del imperio español y la profesionalización de su aparato administrativo rompió las estructuras desarrolladas en la colonia y dividió a los más selecto y a la burocracia colonial en vísperas de la profunda crisis que enfrentaría el imperio al quedar acéfalo en 1808." (VÁZQUEZ, 1997, P. 288)

E as consequências dessa modernização do império que segundo a autora deixaram o México fragilizado do ponto de vista econômico quanto do político.

> “Una Nueva España endeudada, descapitalizada, con una minoría fragmentada y la poblacíon pauperizada por el incremento de cargas fiscales y una larga sequía, sufrió la prolongada y sangrenta lucha por la independencia en la que no contó con aliados, ni siquiera Estados Unidos del cual esperaba solidaridad por su procedencia colonial.” (VÁZQUEZ, 1997, P. 289)

A questão do Texas, também expõem um desgaste de relações entre EUA e México, como no seguinte trecho onde a neutralidade ou a “boa vontade” do presidente americano é colocada em dúvida.

> “Era natural que la cuestión de Texas afectara las relaciones entre México y Estados Unidos. La dudosa neutralidad del presidente Andrew Jackson permitió la libre entrada de una avalancha de voluntarios estadounidenses y de armas a Texas...” (VÁZQUEZ, 1997, P. 290)

A instabilidade interna mexicana da última década de conflitos e revoltas pela independencia, enfraquecera enormemente a econômica do país, o que favoreceu o inimigo, visto pela autora como mais organizado, coeso e determinado.

> “Un aspecto que no puede soslayarse es que la inestabilidad favoreció al enemigo, a la cual contribuyeron los poderes extranjeros con sus amenazas, presiones diplomáticas e intervenciones en los movimientos políticos. La más grave fue la conspiración monarquista maquinada por España que elimino a un aliado natural, y que además logro la anuencia franco-británica.” (VÁZQUEZ, 1997, P. 305)

1.3. Alamán e o partido conservador

Da reflexão sobre o presente e o temor para com o futuro Alamán se dirigiu ao passado para defender e buscar na monarquia as respostas e ferramentas políticas que julgou necessárias para a reconstrução do México, e parte desta reconstrução passou pela organização de um partido político conservador, que sai das sombras e se organiza formalmente. É neste contexto conflituoso que surgem os conservadores, partido que tinha como agenda política uma nostalgia

que remetia a paz e estabilidade dos tempos coloniais, o funcionamento das instituições, os valores, a tradição e o corporativismo deste período. (ZEPEDA, 2012, p. 44,45)

O que catalisou a organização dos conservadores foi a guerra contra os EUA, a independencia no começo do século apenas fomentou em alguns indivíduos as ideias iniciais a respeito do pensamento conservador, principalmente quanto a velocidade das mudanças, a adoção ao federalismo, e o rompimento com a herança espanhola que se tornaram os principais pontos de crítica do partido. Porém o conflito contra o vizinho do norte representou a estes pensadores do partido uma crise das instituições mexicanas, que na sua leitura se demostraram débeis quanto a defesa da soberania e do território da nação.

> "En la lectura de los conservadores el origen de los problemas del país debía buscarse en las instituciones políticas adoptadas por los líderes gobernantes a partir de 1824. Desde su perspectiva, el federalismo había sido el principal culpable, ya que fomento el localismo y la desunión, y com ello debilitó irremediablemente al país. Preocupados por la supervivencia de México como un Estado independiente, los conservadores de mediados del siglo XIX pronunciaron su veredicto en términos lapidarios: al adoptar principios e instituciones ajenas, el México independiente rompió com su pasado, condenándose así a la anarquía interna y a la debilidad ante el exterior." (ZEPEDA,2012, p. 44)

A crítica ao federalismo como sistema de governo ajuda a entender e identificar um pouco mais sobre a origem dos pensamentos que eram comuns aos conservadores,

> "[...] pues los conservadores mexicanos se definieron a partir del horizonte cultural heredado por España con la que sentían una ascendencia común compartida (de nacimiento, lengua, territorialidad, etcétera), de onde surgió el sentimiento de identidad y pertenencia a la nación mexicana." (GUTIÉRREZ, 1999, p. 131)

Ainda segundo Blanca Gutiérrez, os conservadores acabam por se identificar e beber das ideias antirrevolucionárias europeias, surgidas ainda no século XVIII na era da Ilustração, e tendo em Edmund Burke sua maior inspiração e sustentação intelectual.

Foi a partir da crítica burkeana que os conservadores começaram a ler e refletir sobre o presente, iniciando um processo de reinterpretação do passado, visando construir um ideal de nação e do que deveria vir a ser o México no campo político, social, cultural e religioso. Para isso ancoram-se em três pilares fundamentais para disseminação de suas ideias, eram eles a religião, ordem e a unidade, estes três pontos claramente influenciados pela herança espanhola e as garantias do Plano de Iguala.

É importante registrar que as experiencias dos seus membros quanto aos acontecimentos da independencia e da guerra contra os EUA são fatores importantes que compõe as suas reflexões do tempo presente.

Ancorar as críticas e reflexões em cima destes pontos, seria manter no México as bases herdadas do período colonial, evitando assim perder novamente os rumos da nação em uma possível guerra, ou qualquer tipo de influência externa quanto aos assuntos internos.

> "Mas aún, Alamán sostenía que al haber constituido a México como una república federal, los líderes políticos parecían haber supuesto que el orden formado y establecido durante más de tres siglos de gobierno español había desaparecido como por arte de magia, y que la nación mexicana estaba compuesta por individuos que carecían de recuerdos, aspiraciones o derechos previos" (ZEPEDA, 2012, P.49)

O trecho acima apresentado por Zepeda expõe uma das críticas conservadoras ao federalismo, e como o partido utilizava-se de tal argumento como legitimador de seus discursos e reflexões. Ainda se é possível notar a crítica quanto ao rompimento com a base espanhola, pois na leitura conservadora era nesta base que se constavam a unidade e a nacionalidade mexicana, tendo na fé católica o seu principal expoente.

> "Habría por ello que mantener estas tradiciones novohispanas en toda la poblacíon a través de la religión católica, y la toma de decisiones políticas deberían de recaer en hombres ilustrados (de méritos) y con recursos económicos, restringiéndose, por ende, la participación política de las mayorías." (GUTIÉRREZ, 1999, p. 133)

É na figura de Alamán que se é possível notar além destas críticas e reflexões outro grande temor dos conservadores e que também alimentou as críticas e produções tanto do partido quanto do pensador. Que foi uma eterna ameaça dos Estados Unidos.

> “El vecino del norte provocaba en Alamán una mezcla de temor y desdén que él expresaba abiertamente. El particular a raíz de la guerra de 1846-1848 había desarrollado la convicción de que el objetivo de los Estados Unidos era apoderarse de lo que había quedado de México.” (ZEPEDA, 2012, p. 49)

Uma última, porém, fundamental crítica conservadora estava na ausência de unidade, conceito que transcorreu em particular a produção de Alamán, onde segundo sua leitura, tal conceito era o que tornaria possível ou não, qualquer ação ou medida tomada pelo país. E é a partir deste conceito que Alamán sustenta sua crítica ao federalismo adotado a partir de 1824:

> “El guanajuatense lamentaba, además, que al emular a la primera república federal del planeta, los mexicanos no hubieran considerado las diferencias de origen, religión e historia que hacían fundamentalmente distintas a las dos sociedades (El tiempo, 7 de febrero de 1846)[...] Esta unidad hacía que el sistema federal fuera completamente inaplicable en México y convertía, en cambio, a la monarquía en la forma ideal de gobierno, en virtud de que este sistema no sólo estaba en línea con la experiencia previa de México, sino que también posibilitaba la recuperación de los factores principales de la organización social anterior a la Independencia: un gobierno fuerte, una estructura centralista y la religión católica como principio organizador.” (ZEPEDA, 2012, p. 49,50)

Este trecho, sintetiza o funcionamento do pensamento de Alamán quanto crítico, a partir do conceito de unidade como fator preponderante ao funcionamento do México. Unidade é um dos pontos que sustenta as produções de Alamán e o documento tomado como fonte desta dissertação.

Portanto podemos sintetizar como dois os principais objetivos do partido: *a)* a substituição do sistema federalista pela monarquia, sob a visão da familiaridade da nação quanto a esse sistema, e seu funcionamento; *b)* a fé católica como religião oficial do Estado, pois acreditava-se que nela se encontrava o principal elemento da unidade mexicana, e o fortalecimento e valorização das instituições políticas e judiciárias, como forma de fortalecer o Estado contra eventuais ameaças futuras a soberania nacional, e devido a um entendimento da imaturidade e falta de experiencia do povo quanto a assuntos políticos. (ZEPEDA, 2012, p. 54)

Estes três pontos em que se observa a intenção do partido em conservar a forma de sociedade e vida do México herdados do período colonial, é explanado no folhetim conservador *El Universal*. Tomemos como exemplo a edição de 9 de janeiro de 1850 que diz o seguinte,

> "queremos conservar la débil vida que le queda a nuestra sociedad a la que habréis herido de muerte[...] no deseamos continúen los despojos que hicisteis de la nacionalidad, de la patria, de las virtudes, fuerza, valor y esperanza." (GUTIÉRREZ, 1999, p. 145)

Assim como também é exposto em carta do próprio Alamán a Antonio López de Santa Anna datada de 1853.

> "[...] Nuestros enviados[...] no van a pedirle a Ud. nada, ni alegan nada: van únicamente a manifestar a Ud. cuales son los principios que profesan los conservadores, y que sigue por un impulso general toda la gente de bien.
>
> Es el primero conservar la religión católica, porque creemos en ella, y porque aun cuando no la tuviéramos por divina, la consideramos como el único lazo común que une a todos los mexicanos, cuando todos los demás han sido rotos, y como lo único capaz de sostener la raza hispanoamericana y que puede librarla de los grandes peligros a que está expuesta. Entendemos también que es menester sostener el culto con esplendor y los bienes eclesiásticos y arreglar todo lo relativo a la administración eclesiástica con el Papa[...]" (ZEPEDA, 2012, p. 52)

Além de Alamán, destaca-se também a figura de Manuel Díaz de Bonilla, a quem é atribuída a autoria de *el Reglamento de la Sociedad Conservadora de las Garantías Sociales* (1859), onde em um trecho destacado por Zepeda, o autor grifa o compromisso e os objetivos do partido conservador.

> "El Partido Conservador se definía como 'la reunión de todas las personas honradas que profesan y practican los principios constitutivos de una sociedad religiosa, culta y tranquila'. Los objetivos declarados de esta sociedad-partido eran, por su parte, preservar la religión católica romana como la única de la nación; proteger el derechos a la propiedad de corporaciones e individuos; 'trabajar a favor de la nacionalidad política en la extensión actual de la República'; fortalecer la autoridad en la esfera pública y en las relaciones de familia; proteger la inviolabilidad de las garantías sociales; procurar que la educación católica fuera la única permitida en los colegios particulares; fomentar la industria y el empleo en 'ocupaciones honestas y útiles', y reorganizar las finanzas públicas.(ibid.: 6-11)." (ZEPEDA, 2012, p. 54)

O folhetim *"El Universal"* foi a maneira comum e direta de disseminação das ideias, críticas e reflexões para com a população, entre 1849 e 1850 o partido conservador, ainda não organizado como partido propriamente dito, se limitou a disseminar suas ideias e críticas por meio deste periódico.

> "El Universal se publica todos los días a las siete de la mañana[...] únicamente se insertarán los comunicados del interés público; los de interés personal so se publicarán por suplemento." (El UNIVERSAL, julho de 1849, num. 229)

Segundo Miguel Fuentes os periódicos do século XIX, possuíam grande importância no fomento do debate político pois:

> "Organizados con mucha frecuencia alrededor de los diversos proyectos políticos que aparecieron durante las primeras décadas de vida independiente en México, los periódicos del siglo XIX, sirvieron como medio de expresión de los partidos, facciones y grupos políticos que eventualmente intervenían en la contienda pública para acceder a las instancias de gobierno del país. Desde

> la perspectiva de la lucha por el poder, su objetivo consistía, por un lado, en presentar ante la opinión de los ciudadanos los argumentos y razones que fundaban las aspiraciones del grupo o partido con el que se hallaban vinculados, y por otro en denunciar la inconsistencia e irracionalidad de las pretensiones de sus grupos rivales." (FUENTES,2015, p. 351)

O El Universal se propunha a expor suas ideias, e a cumprir uma função panfletária, além também de criticar expondo suas discordâncias e inconstâncias para com os seus rivais o partido liberal. Muitas das críticas e propostas ao que deveria ser o Estado mexicano, se deram como respostas aos liberais, proporcionalmente contrárias as colocações conservadoras, tal como leu Miguel Fuentes sobre Elías Palti e os objetivos do periódico.

> "Como ha señalado Elías Palti, entre 1849 y 1850 este grupo político se propuso alcanzar dos metas políticas mediante su actividad periodística: primero, poner en discusión, de manera pública y abierta, la idea de establecer una monarquía en México, y después, impulsar el establecimiento de un sistema de partidos en el país." (FUENTES, 2015, p. 353)

Além do mais Fuentes também infere sobre conceitos e ideias que permeiam as publicações destes periódicos, em específico o El Universal, conceitos como progresso, avanço, retrocesso, marcha da humanidade, espírito do século. Na edição do dia 2 de julho de 1849, o El Universal, em sua primeira página apresenta uma coluna intitulada Princípios Conservadores, nesta coluna já se observa de forma bem estruturada textualmente críticas a revolução francesa, e ao iluminismo, vistos como causadores de grande cólera e desordem, onde o poder nas mãos do povo serviu como sabotador da ordem e como consequência corroendo a unidade da francesa.

Na sequência surge a figura de Napoleão, descrito como o capitão do século na leitura conservadora, é dotado de uma grande observação, que lhe traz o grande conhecimento, de que para se encerrar o fervor revolucionário por todo o continente que silenciava a inteligência, era necessário reconquistar a ordem. Napoleão se torna o grande exemplo conservador, pelo restabelecimento da ordem desfeita pela revolução e por alcançar a unidade novamente, e com isso

a superação da inteligência frente as emoções, e o emprego das armas como resposta aos problemas políticos.

> “Napoleón, pues, aquel genio singular y privilegiado que apareció como luminoso sol entre el espeso y tenebroso caos de la revolución y anarquía que amenazaban envolver á toda la Europa, y convertirla para siempre en un vasto cementerio, ese hombre extraordinario nada hubiera hecho ni alcanzado con todo el arrojo y atrevimiento de su espíritu, con toda la perfección de su disciplina, ni conta tenacidad y constancia de su carácter, si la aplicación de elementos tan preciosos no hubiera conspirado al orden y á la unidad: el mérito verdadero del capitán de siglo, é nuestros modo de ver, consiste en haber comprendido el instinto de los pueblos, y que él orden es una necesidad de las naciones.” (EL UNIVERSAL, 2 de julho de 1849)

Ordem, unidade e reconquista, são três conceitos conservadores, que se fazem presentes na fonte analisada para este texto, e que somados com a defesa do Estado monárquico constroem imagens que retratam a Conquista como uma fundação legítima e ordeira do México, e o seu passado indígena como uma superação do obscurantismo.

1.4. O partido liberal

Uma das últimas explanações que se faz necessária para este capítulo está na disputa ideológica e política entre liberais e conservadores. Os liberais desenvolvem assim como os conservadores suas ideias próprias sobre o que deveria ser o México, sua organização como Estado, planos de desenvolvimento econômico, e mais importante uma narrativa nacional, que assim como a conservadora buscava contemplar, elucidar e argumentar alguns pontos fundamentais e norteadores. Essa divulgação discursiva se deu principalmente por meio de periódicos como o *El Siglo XIX*, e num segundo momento através da escrita e publicação de livros didáticos voltados para o ensino de História, como por exemplo*, Compedio de historia de México* escrito por Anastasio Leija, publicado em 1857, sendo na sua época o didático de *maior êxito editorial no México oitocentista.* Um segundo didático de sucesso foi *Compendio de la*

historia de México para el uso de los establecimientos de instrucción primaria de la República, escrito por Manuel Payno e publicado no ano de 1870. Estas publicações remetem a um período onde os liberais ainda não possuíam uma organização formal partidária, recorrendo a publicações variadas como forma de disseminação das ideias.

Diferentemente do pensamento conservador sobre a origem da nação mexicana, que estava ligado a questões de herança cultural, religiosa e linguística espanhola, a leitura liberal caminhava para um campo étnico, rememorando ao passado pré-hispânico.

> "Con base en la tipología étnico-cívica presentada en el capítulo anterior, propugnó aquí que la idea liberal de 'nación mexicana' era predominantemente cívica, aunque contenía un elemento étnico importante, pues mientras concebía a la nación mexicana como una comunidad de ciudadanos y subrayaba el marco legal e institucional en el que ésta debería desenvolverse, también rastreaba los orígenes de la nación en el pasado prehispánico." (ZEPEDA, 2012, p. 83, 84)

O elemento étnico destacado na formação dos cidadãos mexicanos, estava no resgate ao passado mexica, uma valorização dessa sociedade posta como uma resistência a invasão e a Conquista, assim como um saudosismo e um orgulho de luta além da não aceitação dos invasores de maneira passiva são alguns dos pontos construídos pela narrativa liberal.

Mas anteriormente ao início dessas narrativas se deu a união desses indivíduos em torno das ideias liberais da época, um ponto comum que uniu estes *criollos* em torno dos ideias liberais foi a defesa da propriedade privada. Um segundo ponto comum estava na crítica feita em cima da manutenção das instituições herdadas do período colonial, como a Igreja grande influenciadora política regrada de grandes benefícios e cobradora de dízimos obrigatórios de toda a população.

A constituição de 1824 também era alvo das críticas liberais, pois era vista como uma forma legal de manter e perpetuar os poderes dessas instituições e corporações, que na leitura liberal sobrepunham o Estado e os indivíduos.

> "Sí, el Estado debía prevalecer, el primero debería ser escogido, pues en el antiguo régimen, más que con la nación, la gente se

> identificaba con unidades corporativas pequeñas, lo que impedía el surgimiento de cualquier tipo de 'espíritu nacional'." (ZEPEDA, 2012, p. 87)

Estes liberais anteriores a Reforma[20], enxergavam o período de independencia como um ponto de partida para o México, seu surgimento, e criticavam os três séculos anteriores do governo colonial, vistos como obscuros e retrógrados.(ZEPEDA, 22012, p. 90) Se vê nessas reflexões um primeiro traço da crítica a submissão do Estado em detrimento de instituições e grupos que por sua vez detinham o poder político em benefício próprio.

> "Dichas estructuras- afirmaban- habían originado y reproducido divisiones socioeconómicas agudas que, en última instancia, eran las causantes de la debilitad de México y su imposibilidad para organizar una defensa efectiva." (ZEPEDA, 2012, p. 91)

Neste trecho de Zepeda, também se nota uma crítica e um entendimento do porquê da derrota mexicana frente aos EUA, a ausência de uma unidade nacional coesa e forte, centralizada, com planos e estratégias bem definidas e um território interligado, ajudaram o México a ser derrotado e ter sua capital sitiada por tropas inimigas, graças a tentativas de manutenção de uma ordem sociopolítica colonial. Nisso se entra propriamente nos planos liberais para o desenvolvimento do México, para superar os obstáculos e alcançar o progresso.

> "También significaba erradicar la mentalidad colonial a la que México estaba amarrado, mediante el rompimiento de las cadenas que bajo el sistema español ataban a los individuos, particularmente la vinculación con las corporaciones que, de acuerdo con los liberales, impedía el surgimiento de cualquier

[20] Período marcado pelo golpe monárquico, tendo a coroação de Maximiliano de Habsburgo como imperador, posteriormente deposto e executado após conflitos intensos conflitos, sendo seguido pela ascensão liberal ao controle do Estado mexicano, seguindo por uma nova constituição de 1857 e um plano de reformas liberais que segundo Beatriz Zepeda buscava: "en transformar el México tradicional en una sociedad de ciudadanos individuales, iguales ante la ley y com derechos a la representación em todos los niveles de la administración, desde el municipio, hasta el congreso federal. Implicaba también fortalecer el Estado y modernizar, secularizar y democratizar uma comunidad política que se presentaba, al menos a los ojos de los liberales, atada aún a la mentalidad colonial." (ZEPEDA, 2012, p. 103)

> lealtad nacional. Los elementos del proyecto liberal empezaron así a desplegarse de manera más clara: a los ataques de los conservadores monarquistas los liberales respondieron con una defesa apasionada del sistema republicano federal. Se discutieron planes para colonizar el hasta entonces despoblado territorio del país com inmigrantes europeos(protestantes), que prevendrían futuros avances de los Estados Unidos en suelo nacional y transmitirían a los mexicanos la ética del trabajo y el deseo de mejorar. [...] Sin embargo, el mayor antagonismo entre liberales y el establecimiento religioso provendría, como lo había hecho en el pasado, de las propuestas para reducir la influencia de la Iglesia, institución que, en la visión de los liberales, encarnaba los peores elementos de la herencia colonial.[21] (ZEPEDA, 2012, p. 93)

Após a derrota frente aos EUA e a queda de Maximiliano de Habsburgo[22], os liberais saem organizados como um partido formal, e fortalecido. A partir da década de 1850 até o final do século XIX, se dá o período que ficou conhecido como o das Reformas, levadas a cabo e intensificadas após as tentativas que não foram adiante, na primeira metade do século, já planejadas no programa do partido em 1833, que eram:

> "[...]consolidación del Estado mexicano, fortalecimiento de las instituciones republicanas, eliminación de los fueros, desamortización de las propriedades de las corporaciones y la creación de una sociedad de ciudadanos individuales, iguales ante

[21] A respeito da influencia da Igreja, Zepeda comenta sobre as primeiras medidas liberais adotadas para conter num primeiro momento esta influencia clerical: A finales de la década de 1840, el programa liberal se limitaba a reducir la influencia de la Iglesia mediante la desamortización de sus propriedades. Con esta medida, los liberales aspiraban a eliminar el control de la Iglesia sobre los pequeños propietarios de tierra y transferir, así, su lealtad a la nación (Hale, 1968: 37)." (ZEPEDA, 2012, p. 90, 91)

[22] Num último golpe desesperado arquitetado pelos conservadores como resposta as reformas liberais, se funda o Segundo Império do México (1864-1867), onde Maximiliano de Habsburgo é o seu primeiro e único imperador. Parente distante de sangue de um dos vice-reis da Nova Espanha é trazido ao México para ocupar o trono do segundo império. Acaba deposto e executado pelos liberais em junho de 1867 no estado de Querétaro.

> la ley, leales no al pueblo, a la comunidad o a la corporación sino a la nación (Hammett, 1994: 49).” (ZEPEDA, 2012, p. 94)

O plano de reforma foi colocado em prática a partir de três leis, a lei de Juaréz a lei de Lerdo e a “Ley Iglesias”. A lei de Juaréz e a Ley Iglesias estavam voltadas a restrição da jurisdição da Igreja e do exército em assuntos civis, a lei de Lerdo se voltava a desapropriação e venda de terras improdutivas ou de “mãos mortas”. (ZEPEDA, 2012, p. 94)

Esta última lei não visava apenas restringir o poderio da Igreja e o seu vasto contingente de terras, mas também acabar com as propriedades comunais indígenas, a fim de faze-los “cidadãos completos”, onde sua lealdade estivesse direcionada somente ao Estado, minando as especificidades destes povos, nivelando-os como iguais perante uma mesma constituição.

As três leis de reforma colocaram liberais e a Igreja como inimigos, diferente da tentativa de 1833 onde apesar de tudo ambos os lados conviviam de forma amistosa, a partir do aprofundamento das reformas os liberais ganham a Igreja como inimiga e uma disputa argumentativa que girava em torno do tamanho do poder político de um dos lados, que por sua vez era visto como fragmentador da unidade nacional, contra a censura da fé da maioria dos cidadãos mexicanos do outro, a única herança de três séculos capaz de manter a unidade nacional.

Dentro desta disputa contra a Igreja os liberais tentam apropriar-se do discurso religioso, numa tentativa de diminuir a má fama adquirida após 1855, se apresentando como os verdadeiros cristãos e o seu programa como o mais próximo da excencial do cristianismo. Segundo Beatriz Zepeda a origem desse sentimento anticlerical nos liberais tem origem durante o conflito contra os EUA, visto como uma intromissão excessiva e constante na política do país criando tal posicionamento antagônico com tal instituição.

> “[...]Fue esta interferencia la que endureció la posición liberal y condujo a los liberales a acusar a la Iglesia de ser un ‘interés antinacional’, que explotaba ‘la ignorancia y el fanatismo’ em favor de sus propios intereses, basada en el inmenso poder que le daba su ‘influencia secular’.” (ZEPEDA, 2012, p. 99)

Fora através do sufrágio universal que os liberais tomaram o lugar de fala para si, no entanto esse sufrágio possuía algumas exceções.

> “Mientras en la retórica extendían los beneficios de la nacionalidad a todos los ciudadanos, en la práctica excluyeron a la mayor parte de la poblacíon de participar en la vida política de la república-nación.” (ZEPEDA, 2012, p. 101)

Para Zepeda a partir da leitura de Marcello Carmagnani, a adoção do sufrágio universal previsto pela constituição de 1857, ampliava os direitos políticos da população, tal ideia buscava coincidir o acesso a direitos com a expansão da ideia de nacionalidade mexicana, e com isso a conquista da unidade.

No entanto a adoção de eleições, a partir de uma divisão social da população, restringia o poder eleitoral dos cidadãos, aqueles mais “bem vistos” socialmente poderiam votar em mais cargos, e aqueles cidadãos com “menor expressão social”, votavam em cargos de menor relevância. Na prática esta divisão de eleitores compreendia praticamente toda a população masculina adulta, deixando boa parte do restante com menos visibilidade social de fora do pleito. (ZEPEDA, 2012, p. 103)

Sobre apropriação do passado em prol da unidade nacional e da sua própria legitimidade de projeto para com a população, os liberais apostaram na construção de uma imagem oposta a conservadora, onde os Astecas assumiram um protagonismo de resistência, heroísmo e devoção pela pátria. Uma narrativa que coloca o passado indígena como patriótico mas que no fundo tira a autonomia e a voz histórica dessas sociedades antigas, além de criar um anacronismo com o conceito de Estado-nação.

> “Así como las elites revolucionarias francesas miraban hacia el pasado galo-romano para buscar su ascendencia (Smith, 1986: 147; Llobera, 1994: 182 – 183), las elites liberales mexicanas se volvieron hacia el pasado prehispánico, particularmente el azteca, y encontraron en él los antecedentes de su lucha contra los opresores extranjeros. Más aún, de manera similar a los patriotas criollos del siglo XVIII, los liberales de la segunda mitad del siglo XIX establecieron una continuidad entre el imperio azteca- o la ‘nación azteca’ como ellos la llamaban- y el México que trataban de construir y, al mismo tiempo, resucitar.” (ZEPEDA, 2012, p. 104-105)

Apesar de toda a trajetória, a tenuidade que separou liberais e conservadores foi bem sutil, mesmo com as críticas voltadas a Igreja, a separação de poderes, e a centralização política no Estado, não significou que os liberais não fossem católicos, ou possuíssem raízes consolidadas de experiencias do passado colonial que gostariam de preservar, e que por algum momento os uniu com os conservadores, e vice versa. José Luis Soberanes Fernández no artigo *"El pensamiento conservador en el nacimiento de la nación mexicana"*, atenta para esse cuidado ao se olhar para ambos os grupos.

> "Es decir, que resulta imposible calificar, certeramente, de 'conservadores" o 'liberales' y 'liberales' de tal o cual acepción a unos y otros, según el caso, puesto que, si consideramos que 'conservadurismo' y 'liberalismo' son términos definidos como mutuamente antagónicos y referidos siempre entre sí, habrá que examinar cada caso particular y preguntar: ¿liberal respecto a qué, conservador respecto a qué y de qué grado?" (FERNÁNDEZ, 2012, p. 75)

1.5. Início de uma releitura do passado, o México como um Estado moderno

Ao abordar a expansão do império espanhol, incluindo a análise do reinado dos reis católicos Fernando e Isabel, ou as consequências das bulas papais, Alamán fornece indícios de como funciona o seu pensamento ao olhar para o passado da Conquista. As dissertações aqui tomadas como fonte deixam transparecer os pensamentos conservadores do autor, onde a defesa monarquia, da superioridade espanhola, e de uma legitimidade no processo como um todo darão o tom do seu texto.

Algo que podemos antecipar aqui neste primeiro capítulo ainda a respeito disso, consta logo na primeira dissertação e na concepção do seu índice, aqui o autor recorre a Europa quando olha para o passado, em específico para a formação do império espanhol, indo do período das cruzadas chegando até o matrimonio dos reis católicos Fernando e Isabel, buscando dar destaque a construção de uma unidade e toda uma ordem e tradições legítimas em cima da monarquia. A fundação do México para Alamán está na Europa e não no passado indígena.

INDICE

DE LAS MATERIAS CONTENIDAS EN ESTE PRIMER TOMO.

PRIMERA DISERTACION.

SOBRE LAS CAUSAS QUE MOTIVARON LA CONQUISTA Y MEDIOS DE SU EGECUCION.

Objeto de esta obra. 1
Obstáculos que han impedido hasta ahora escribir libremente sobre la conquista y gobierno español. . . 3
Estado de la Europa á fines del siglo XV. . . 6
Efectos producidos por las cruzadas 8
Circunstancias particulares de España. . . . 9
Reinado de Fernando é Isabel. 10
Reinado y gran poder de Cárlos V°. . . . 11
Estado de la América al fin del siglo XV. . . . 14
Descubrimiento de la América 17
Bula de Alejandro VI, concediendo á los reyes Católicos las tierras nuevamente descubiertas y que se descubriesen. 20
Consecuencias de esta bula. 22
Establecimiento en la isla Española. . . . 24
Carácter del reinado de los reyes Católicos. . . . 26
Sistema adoptado en los nuevos establecimientos. . 27
Fr. Bartolomé de las Casas. 29
Parte que tuvo en la introduccion de los negros en las Antillas 31
Continuacion de su carrera y sus opiniones. . 33
Su carácter. 35
Sistema del gobierno español con respecto á los establecimientos de América. 36
Testamento de la reina Doña Isabel. . . . 37
Continuacion de los descubrimientos en las islas y el continente 38
Estado de los establecimientos españoles cuando se descubrio Mégico. 41

30

Figura 1 Índice da primeira dissertação de Alamán[23]

[23] ALAMÁN, Lucas. **DISERTACIONES SOBHE LA. HISTORIA DE LA REPÚBLICA MEGICANA:** DESDE LA ÉPOCA DE LA CONCIUISTA QUE LOS ESPAÑOLES HICIERON A FINES DEL SIGLO XV Y PRINCIPIOS DEL XVI DE LAS ISLAS Y CONTINENTE AMERICANO HASTA LA INDEPENDENCIA. Cidade do México: D. José Mariano Lara, 1844. Disponível em: <http://clasicos.librosmexico.mx/autores/lucas-alam%C3%A1n/disertaciones-sobre-la-historia-de-la-rep%C3%BAblica-mexicana>. Acesso em: 15 jun. 2018. p. 1.

Outro aspecto importante a se observar em seu texto se dá na construção e descrição das personagens chaves da Conquista, as virtudes possuem um grande papel apelador, servindo como uma balança moral que pende para o lado invasor, conduzindo a um entendimento de legitimidade na Conquista e em todas as suas implicações consequentes.

Hernán Cortés é o protagonista eleito pelo autor, Carlos V a figura monárquica onipresente que serve como observador distante e regulador da ordem que se buscava construir a partir da chegada castelhana ao continente. A personagem de Cortés tem fortes inspirações no que foi escrito e criado por diversos cronistas e pelo próprio Conquistador[24], imagens estas que se espalharam e conjugaram o mito em torno da sua figura somente após a sua morte.

O tlatoani Montezuma II, é o antagonista destes textos, Alamán dedica pouquíssimas páginas a respeito da liderança mexica, e nos momentos que o faz o constrói como o oposto de Cortés e de Carlos V, um líder ilegítimo, fraco, idólatra e ao mesmo tempo bárbaro e selvagem. Será em cima da sua figura e de toda a complexa sociedade indígena pré-colombiana que Alamán busca transparecer as reflexões e leituras conservadoras que saciassem os anseios do partido que ainda buscava manter e construir uma relação com Madrid baseada na ordem colonial.

No seguinte capítulo, analisaremos estas narrativas e imagens construídas e reproduzidas por Alamán a partir da figura de Hernán Cortés e de como essa posição de protagonista construiu e buscou corroborar com os argumentos de Lucas Alamán e do partido conservador em detrimento do silenciamento indígena.

[24] *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva Espana* de Bernal Díaz del Castillo, ou as próprias cartas de Cortés publicadas com o título de *Cartas de Relacion a Carlos V*, são alguns dos exemplos que ajudaram a criar uma imagem virtuosa, católica, e de um humilde servidor de sua majestade, em cima da figura do conquistador espanhol.

Capítulo 2. A Conquista como fundação do México: uma relação de protagonismo e inspiração entre Hernán Cortés e Carlos V

2.1. Cortés como o fundador do México: As funções e a importância das crônicas do século XVI

Dentro do paradigma que enxergava a Conquista como a fundação do México, uma operação se mostrava fundamental a fim de sustentar tal perspectiva. A necessidade de se construir um herói, cuja imagem em sim sintetizasse os valores e virtudes e transmitisse apenas os feitos dignos de serem lembrados e cujas contribuições ainda possuíssem uma capacidade comunicativa e de respostas para com o presente.

O protagonista ou o herói necessita de um oposto antagônico, de alguém que carregue os significados e vícios dos quais o protagonista não podia possuir, pois sua natureza excencial não o permite. No caso do paradigma em questão essa função foi delimitada a figura de Montezuma II, que acaba por abraçar a totalidade do mundo indígena do México pré-colombiano. A discussão a respeito desses significados em cima da figura de Montezuma tal como do mundo indígena mexicano como um todo será discutida posteriormente no capítulo terceiro.

Para este momento da discussão estaremos focando na construção da figura heroica de Hernán Cortés, dentro das dissertações escritas por Lucas Alamán. Nestes textos o conquistador é apresentado como o centro dos acontecimentos da Conquista, e a sua centralidade no fato em si se dá a partir da valorização e no resgate das realizações creditadas a sua figura.

No entanto se faz necessário um breve resgate a respeito das crônicas americanas do século XVI e a sua importância como texto e documento de valor historiográfico, a começar pela lógica narrativa utilizada pelos cronistas. Para o diálogo sobre as crônicas utilizaremos os escritos de Leandro Karnal, Anderson Robert dos Reis e Luiz Estevam de Oliveira Fernandes[25], além da instigante

[25] As referências respectivamente aos autores dos artigos: *As crônicas ao sul do Equador*, e *A crônica colonial como gênero de documento histórico*, ambos os artigos disponíveis na revista Idéias volume 13, UNICAMP 2006.

dissertação de mestrado de Maria Emília Granduque José[26], e a obra de Matthew Resttal[27].

Gênero que florescia no Império Romano, a crônica desenvolveu-se ao longo de toda Idade Média. Ela organizava fatos históricos de forma linear e concatenada (KARNAL, 2006, p.13). A desconstrução, de maneira negativa da crônica foi levada a cabo e com esmero no século XIX destituída de razão ou método, a crônica perdia o seu espaço e importância em um século das ciências.[28]

As crônicas a respeito do Novo Mundo são memórias criadas, inicialmente eram a única forma de informação acessível na Europa sobre os eventos que ocorriam no continente americano. E como memória possuíam um papel de se registrar para a posteridade eventos e personagens, e principalmente de se fixar uma verdade histórica. Nesta operação de escrita dos acontecimentos, o testemunho ocular assumia uma grande importância na veracidade dos textos.

> "Na composição das Crônicas de Índias, a preocupação com a fidelidade dos acontecimentos narrados atuou de forma preponderante para todos os cronistas envolvidos na transmissão das notícias americanas. A história concebida como mestra da vida, em que o homem se amparava para conduzir moralmente seus atos e comportamentos, exigia o compromisso com a verdade

[26] *A presença de Malinche nas crônicas de Índias do século XVI*, UNESP 2011.

[27] *Sete Mitos da Conquista Espanhola*, ed. Civilização Brasileira, 2006.

[28] Leandro Karnal ainda aponta a existência de três tipos de crônicas europeias sobre a América: "O primeiro tipo é a crônica paralela ou imediatamente posterior à conquista.[...]Militares ou seus escribas escrevem num sentido muito específico: justificativa da ação e de garantir que a versão consagrada do ato seja a deles. [...]O segundo tipo, mais vasto e complexo, é a crônica religiosa. Levada adiante por pessoas com formação intelectual superior a dos militares, esta crônica tem um objetivo corporativo-catequético. [...]O autor é um religioso profissional, geralmente com curso de Filosofia e Teologia e, por consequência, certas elaborações retóricas mais desenvolvidas. [...]O terceiro tipo é muito complexo. Trata-se da crônica de indígenas ou de mestiços cristianizados, como Poma de Ayala e Garcilaso. Há um esforço grande de traduzir valores do mundo pré-hispânico para a linguagem alfabética europeia e para narrativas compreensíveis para europeus. [...]O cronista deste recorte insiste como seu povo era civilizado, como tinha "polícia"(ou seja, bons costumes), como eram já, em muitos sentidos, cristãos se o Cristianismo, mesmo sendo 'idólatras'." (KARNAL, 2006, p.17)

> dos fatos passados. A fim de que o leitor imitasse as façanhas dos espanhóis, a crônica listava as boas ações e ocultava as más, ciente da função pedagógica que exercia a história nessa época".(GRANDUQUE, 2010, p. 49)

Neste trecho se consegue extrair, além da importância do testemunho ocular como fonte confiável, mais duas coisas que estaremos pontuando a seguir. A primeira delas, a crônica como documento de promoção pessoal do conquistador ou do cronista, pelo testemunho ou participação ativa dos acontecimentos narrados e a fixação da ideia de sua vital e virtuosa importância dentro dos acontecimentos. E em segundo, a crônica como um texto pedagógico, visando responder aos anseios sociais de uma época específica e ao entendimento de história vigente em seu momento temporal.

E é no desenvolvimento destes dois objetivos que entra a importância de uma figura centralizadora dos eventos, um protagonista para estas crônicas, e no caso especifico da Conquista do México, a figura de Hernán Cortés foi a construída. Foi principalmente através de suas *"Cartas de Relaciones"* que o conquistador buscou demonstrar o seu valor ao rei espanhol e um reconhecimento por parte do mesmo, além de alavancar um novo *status* social.

Nessa perspectiva de valorização pessoal, vale destacar dois textos que convergem muito bem com esse objetivo, o primeiro são as cartas do próprio Hernán Cortés, escritas entre 1519 e 1526, sobre o título de *Cartas de relacíon a Carlos V.* O texto de Cortés foca na narrativa das ações militares, alianças políticas, dos perigos e das disputas até a tomada de Tenochitlan (Granduque, 2010, p. 19).

> "A caracterização de sua imagem nas Cartas dirigidas ao rei Carlos V foi construída de forma persuasiva a fim de fixar sua representação de herói da conquista, já que pretendia reivindicar recompensas pelos favores prestados ao monarca espanhol. Como muitos indivíduos dessa época, Cortés agregou a seus escritos os valores da cavalaria herdados do passado medieval e transferidos para o século XVI por meio dos romances, que sobreviveram no

> momento renascentista ditando os modos de comportamento do homem." (GRANDUQUE, 2010, p. 43)

A apropriação desse popular tipo de literatura, também rendeu comparações e argumentos, que transformaram a figura do conquistador ou do cavaleiro errante, em um guardião ou guerreiro da cristandade onde a sua espada e coragem estariam a serviço da cruz, ou seja da santa fé católica. Esse tipo de transformação da imagem do cavaleiro foi de boa utilidade ao argumento legitimador da conquista baseado no providencialismo, como apontam por exemplo Ana Raquel Portugal e Marcus Vinícius de Morais[29]:

> "Os romances cavaleirescos de aventura introduziram, num primeiro momento, um ideal novo, uma moral laica: a cortesia, as boas maneiras, o serviço à senhora, o amor "cortesão", que era naturalmente adúltero, o desprezo pelo casamento e o desdém pelo ciúme. No entanto, aos poucos ocorreu uma cristianização desses heróis. Surgia a cavalaria celestial, a idealização das Cruzadas, a história santa da cavalaria. Apareceu, assim, o cavaleiro cristão que colocou a espada a serviço do Estado e da cristandade que ameaçada só rechaçava os infiéis graças à bravura dos cavaleiros do Ocidente (LE GOFF, 2006, p. 197)."

O segundo texto de destaque trata-se de *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, publicada pela primeira vez em 1632[30]. Neste texto Bernal Diaz del Castillo, valoriza Cortés como o grande protagonista, como também registra na história a sua participação ativa nos eventos como testemunha ocular. Bernal Díaz é um dos múltiplos exemplos de cronistas que através da escrita buscou a sua valorização pessoal, aproveitando o enorme interesse e busca por informações sobre o distante novo mundo que se conquistara.

---

[29] *Hernán Cortés e Francisco Pizarro: História e Memória,* revista TEMAS & MATIZES, Vol. 9 Nº.18, 2010.

[30] É importante ressaltar a diferença de contexto entre os eventos da Conquista e a data de publicação do texto de Bernal Díaz, pode-se dizer que o mito de Cortés começa a ganhar vida justamente um século após os eventos dos quais as crônicas narram, a partir da publicação de Bernal Díaz. Os louros dos feitos do conquistador começam a ser valorizados um bom tempo após a sua morte, já no século XVII.

> “A repetida descrição de Cortés nas Crônicas de Índias aqui trabalhadas e o próprio esforço de Bernal Diaz para ser um dos nomes destacados da conquista revela a preocupação com a construção da memória dos eventos americanos. A problemática de quem deveria ser lembrado e colher os louros da vitória estava embutida no fazer cronístico de Índias. A exaltação e a valorização dos feitos de Cortés foi uma atitude quase unânime entre as crônicas do período, assim como a inserção de vários outros participantes espanhóis e líderes indígenas que se destacaram, mas ocuparam um lugar secundário em relação ao conquistador extremenho.”(GRANDUQUE, 2011, p. 62)

Como forma de inspirar o leitor, e também adicionar eufemismos a si próprio acerca dos acontecimentos narrados nas crônicas ou cartas, o cronista buscava um ponto familiar do qual quem lesse encontrasse alguma orientação nas páginas escritas. A inspiração nos romances de cavalaria, herança da idade média, era um destes recursos.

> “Sob a mesma temática segue a crônica do soldado espanhol Bernal Diaz del Castillo, que também se amparou nos contos de cavalaria difundidos coletivamente nos círculos sociais espanhóis. Aliás, nenhum outro cronista até agora analisado incorporou o ideal de cavaleiro medieval no momento da conquista espanhola como Bernal Diaz o fez. Tal como os personagens fictícios, os modos de agir desse soldado foram guiados pelo esforço em preservar sua honra e ser reconhecido pelas boas ações, que possivelmente trariam a fama individual e as recompensas financeiras que tanto almejava.” (GRANDUQUE, 2010, p. 44)

A promoção pessoal da figura do conquistador, também percorria a construção de uma imagem de aproximação com o rei, esse contato direto visando um reconhecimento do monarca e possíveis recompensas futuras principalmente aquelas que trariam algum tipo de ascensão social para o conquistador, esta

intrinsecamente ligada as origens sociais dos conquistadores dentro da sociedade espanhola quinhentista.

> "Os espanhóis, pois, ingressavam em expedições de conquista não em troca de uma remuneração específica, mas na esperança de adquirir riqueza e *status*. Nas palavras do historiador James Lockhart, eram 'agentes livres, emigrantes, colonos; detentores, sem salários nem uniformes, de *encomiendas*[31] e cotas de tesouro.'"(RESTALL, 2006, p. 77)

A busca pelo contato direto com o monarca era também uma tentativa de autonomia por parte do conquistador, essa autonomia buscava um fim as "amarras" que a patronagem[32] muitas vezes representava para aqueles que buscavam a sorte nas expedições de conquista. Em caso de sucesso, o reconhecimento viria em forma de status, ou de *encomiendas*, ou como no exemplo de Cortés e Colombo o agraciamento com o título de governador geral. Ainda segundo Maria Emília Granduque, a aproximação dos romances de cavalaria, ajudou na popularidade das crônicas com o público espanhol, que se sentia instigado a continuar a leitura dos textos, pelos seus elementos de aventura, honra, coragem, a criação e a descrição dos lugares exóticos, além da

[31] "As *encomiendas* eram concessões de mão-de-obra americana nativa. A seus detentores, ou *encomenderos*, era conferido o direito de tributar, em bens e trabalho, os indígenas de determinada comunidade ou grupo de aldeias. Tais concessões possibilitavam a seus beneficiários desfrutar de um *status* elevado e, com frequência, de um estilo de vida superior ao dos demais colonos." (RESTALL, 2006, p. 77)

[32] "O fragmento da carta de Marquina sugere a existência de uma rede de patronagem que interligavam indivíduos e grupos de famílias, em geral oriundos da mesma cidade ou região da Espanha, por meio de vínculos sociais, alianças políticas e atividades econômicas. Um aspecto central dessas redes era a tensão entre a desigualdade e a co-dependência entre seus membros. [...] No contexto das companhias de conquista, os patronos organizavam e efetuavam consideráveis investimentos financeiros nas expedições e obter provisões. O recrutamento puro e simples- o ato de persuadir pessoas relativamente desconhecidas de que valia a pena correr os riscos de uma empreitada de invasão em face dos potenciais benefícios em termos de riqueza e status social- encontrava-se pois subordinado ao recrutamento vinculado às relações de patrocínio." (RESTALL, 2006, p. 82)

luta contra os inimigos. (GRANDUQUE, 2011, p. 44) Tais elementos eram colocados propositalmente na narrativa e ajudaram na construção da figura do conquistador, fazendo parte de uma série de eufemismos e virtudes presentes nas crônicas.

O segundo apontamento a respeito da crônica que faremos neste momento é o da função historiográfica, de preservar para a posteridade, de educar a respeito dos feitos mais valorosos e das lições e ensinamentos que por sua vez deveriam servir como guia para as futuras gerações. Mas antes de tudo é preciso entender e colocar que o conceito de *Historia Magistra Vitae*, influenciava o vigente entendimento sobre história e a sua função no século XVI, e consequentemente acabava por permear em certa medida os escritos sobre a Conquista, principalmente *a posteriori.*[33]

> "Tal relação com o tempo e com a história encoraja as aproximações, incita a busca dos paralelos entre os Antigos e os Modernos e deveria justificar a prática da imitação. Visto que a história é fundamentalmente repetição, a comparação(como busca e inventário de semelhanças) com a Antiguidade é o primeiro momento, indispensável, de um prognóstico bem construído." (HARTOG, 2013, p. 105)

Ainda sobre esse assentimento, Anderson dos Reis e Luiz Estevam Fernandes escreveram sobre a crônica:

> "Esse sentido etimológico da palavra, por sua vez, remete a uma sorte de narrativas que organizam sua estrutura discursiva em

[33] O valor pedagógico dessas crônicas coincide com algo que Kosseleck pontua ao escrever sobre a função de mestra da vida da História, o passado como guardião de sabedorias essenciais para se responder e viver adequadamente o presente, instrutor das gerações do presente. Portanto crônica como documento histórico é encarregado desse sentido, por conter além dos "relatos corajosos e verdadeiros" de seus autores, estas sabedorias essenciais para a vida, trazendo assim para o documento um caráter de validação, mesmo estando ancorado em cima das vivencias e experiencias de seus autores, ausentando a presença de fontes documentais que compusessem o texto. "A expressão pertence ao contexto da oratória; a diferença é que, nesse caso, o orador é capaz de emprestar um sentido de imortalidade á história como instrução para a vida, de modo a tornar perene o seu valioso conteúdo de experiencia." (Kosseleck, 2012, p. 43)

> ordem cronológica de eventos, partindo de uma origem, causal, até atingir um fim, normalmente anunciado como um desdobramento esperado, efeito da causa antes mencionada. Ou seja, a noção de crônica é muito próxima à antiga acepção de História como mestra da vida, narração e exposição 'verdadeira' dos acontecimentos passados e de coisas memoráveis." (REIS, FERNANDES, 2006, p. 25)

A crônica também, não pode ser entendida como um texto de apenas uma voz presente, mais sim todo um contexto que envolveu a multiplicidade de colaboradores, a coleta de relatos, além da interação e compartilhamento entre dois mundos distintos, o indígena e o espanhol, tal como Granduque pontua.

> "Trata-se de obras elaboradas por diferentes participantes que estiveram no Novo Mundo, por letrados que descreveram os fatos a partir da consulta de testemunhos ali presentes e por indígenas que receberam uma educação europeia com a frequência nos colégios religiosos. Dada a diversidade de seus autores, as Crônicas de Índias caracterizam-se por uma interação cultural estabelecida entre elementos indígenas e espanhóis na composição narrativa. Diferentes informações, dados e aspectos culturais se relacionaram e se entrecruzaram durante a descrição da história da conquista, o que indica que esses relatos não podem ser considerados isoladamente como crônicas indígenas e crônicas espanholas." (GRANDUQUE, 2010, p.14)

Sobre essa pluralidade de vozes e atores, novamente Anderson Reis e Luiz Estevam Fernandes pontuam que, "os autores desses relatos foram, em muitos casos, membros do clero, funcionários espanhóis, indígenas educados em colégios construídos nas Américas, conquistadores e toda sorte de pessoas alfabetizadas." (REIS, FERNANDES, 2006, p.26)

O valor das crônicas como parte importante de discussão historiográfica foi retomada no século XIX, agora sob a necessidade e o advento da formação dos Estados nacionais, especificamente por toda a América Latina e suas jovens nações independentes, estas necessitavam de narrativas históricas que

ocupassem uma lacuna que respondesse o que elas haviam sido no passado, e como se deu a sua formação.

> "O 'resgate' e o trabalho dos historiadores junto a esses documentos revelavam parte dos projetos políticos levados adiante pelos grupos responsáveis por forjar a identidade nacional, a partir da seleção e interpretação desses materiais, no pós-independencia. A História como disciplina 'científica' nos Oitocentos possibilitava esse 'conhecimento do passado' e as reflexões sobre o presente. E é nesse porto seguro que os homens ilustrados do século XIX quiseram ancorar suas naus, assimilando ou, por vezes, rejeitando fontes e informações à medida que teciam os fios de sua história." (REIS, FERNANDES, 2006, p. 32)

Neste contexto se insere a figura de Lucas Alamán, como dito anteriormente neste trabalho, Alamán não produziu nada inédito, seguiu os passos de seu amigo William H. Prescott, a respeito do paradigma da Conquista do México, como o ponto fundador da nação dentro da modernidade. E é dentro desse paradigma que ele produz a sua narrativa, muitas vezes sustentadas pelas fontes oriundas das crônicas do século XVI, documentos que anteriormente foram localizados, selecionados e publicados por Martin Fernández de Navarrete, do qual foi tomado como fonte por Alamán, assim como também o fez com Clavijero, e a sua obra do século XVIII. (PRESCOTT, 1844, p. 8)

> "Outro notório popularizador da obra de Clavijero foi o famoso historiador norte-americano William H. Prescott. O livro II de sua *History of the Conquest of Mexico*, de 1843, segundo suas próprias palavras, foi embasado, principalmente, em Torquemada e Clavijero. De conservadores como Lucas Alamán a liberais como Tadeo Ortiz, os louvores tornaram-se unanimes. Alamán qualificou Clavijero como 'nosso historiador nacional'. (ALAMÁN, 1941 [1849], nota 2.)" (FERNANDES, 2012, p. 30)

O historiador mexicano portanto, utiliza-se desses materiais como fontes, a fim de sustentar e buscar responder as suas preocupantes inquietações quanto ao cenário político mexicano da primeira metade do oitocentos. Neste cenário Alamán retorna aos acontecimentos da Conquista e tem como objetivo mostrar que este momento foi o momento de clivagem do México dentro de sua formação histórica como país, e que esta fundação tinha como "cidadão modelo" a figura de Hernán Cortés.

Alamán busca portanto, resgatar a imagem construída através das crônicas e em textos produzidos por religiosos sobre a imagem e os feitos dos conquistadores. O oportunismo do autor se dá nas motivações que o leva a olhar e questionar suas fontes, buscando, novamente, responder aos seus anseios do presente. O ponto seguinte deste capítulo, busca investigar e tentar responder (conforme as fontes permitirem) justamente como se deu a construção desse Cortés, trazido ao centro de uma narrativa historiográfica, agora no século XIX, perguntas como quem era esse Cortés? E o que ele buscava transmitir ao leitor mexicano do século XIX? São levantadas a seguir.

2.2. O resgate e a construção do Cortés heroico para o século XIX: As virtudes como a separação entre a civilização e a barbárie

> "A concepção histórica quinhentista definida a partir de sua função pedagógica de mestra da vida" determinava a escrita somente dos fatos que valiam a pena ser lembrados pelo conteúdo moral que possuíssem. Dessa forma, os atores dos feitos notáveis eram vistos como modelos de virtudes para servir como exemplo ao ensino e formação das gerações futuras. Mercedes Serna[34] aponta para a existência de uma responsabilidade moral do cronista que constrói seu relato fundamentado na ideia do magistério da história. Por isso, a crônica deveria exaltar os grandes homens da conquista e silenciar a presença daqueles indivíduos que não representavam a postura moral valorizada pela época, a partir do entendimento do passado

[34] Crónicas de Índias, Madrid: Cátedra, 2000.

> como uma lição para o presente. É nesse sentido que Cortés foi visto como o ideário de homem virtuoso pela coragem e audácia expressadas na conquista espanhola do México, razão de seu destaque nas Crônicas de Índias e a inserção de seu nome na memória desse evento.” (GRANDUQUE, 2011, p. 57)

A partir dessa ideia apresentada por Maria Emília Granduque, podemos iniciar a análise sobre a operação historiográfica de Alamán em cima da figura de Hernán Cortés, apesar da citação referida dizer respeito as crônicas sobre a américa do século XVI, ela será bastante útil para entendermos o resgate a uma personagem histórica até hoje bastante polemica como a do conquistador espanhol. Conforme apresentado no capítulo primeiro, o México da primeira metade do XIX enfrentava um conturbado cenário político nacional, e dentro deste cenário dois grupos disputavam o controle da política nacional, eram eles, os liberais e os conservadores.

Para entendermos esse Hernán Cortés de Lucas Alamán, olharemos para a aproximação da figura do conquistador para com o rei, operação originalmente realizada pelo próprio Cortés por meio de suas Cartas de Relaciones, e em segundo o uso das virtudes dentro do texto como ferramenta de aproximação e valorização da figura cortesiana. Vale ressaltar que tanto no contexto do século XVI de Cortés, como o XIX de Alamán, tal aproximação sempre teve encontrou iniciativa por parte do conquistador.

O uso exacerbado das virtudes como argumentação dentro de uma estrutura textual não foi uma novidade trazida por Alamán, como visto a sua presença já era encontrada dentro das crônicas e cartas a respeito da América no século XVI. Entretanto, é necessário uma breve explanação sobre o entendimento de virtudes apropriado para este texto, para assim conseguirmos dar procedência na análise e no uso dados por Alamán em suas dissertações.

Em Quentin Skinner a discussão é colocada a partir da relação entre virtude e nobreza. Em uma antecipação dos comentários tecidos sobre *A Controvérsia da Nobreza*[35]*,* o autor escreve:

> "A outra pressuposição que os humanistas continuam a aceitar é que o valor de um cidadão não se deve medir pela antiguidade de sua linhagem ou pelo volume de suas riquezas mas, acima de tudo, por sua capacidade de desenvolver os talentos que possui, de atingir um senso adequado do espírito público, e de assim canalizar as energias para o serviço da comunidade." (SKINNER,1978, p. 102)

Aqui o autor apresenta uma percepção da virtude como parte importante da nobreza e do seu desenvolvimento, na sequência em seus comentários sobre a obra de Montemagna ele complementa:

> "Repete assim a ideia - antes formulada por Dante[36]- de que não pode ser relevante ter uma grande riqueza, já que a "miséria" honesta não faz perder nada da virtude". Também concorda com outra tese de Dante, segundo a qual a ideia de nobreza como "coisa hereditária" não passa de uma "vã suposição", posto que um homem de antiga linhagem sem virtudes próprias deveria ser considerado especialmente 'vergonhoso e abominável' por se mostrar incapaz de seguir o exemplo de seus 'veneráveis ancestrais'." (SKINNER,1978, p. 103)

Nesse ponto a virtude nos é apresentada como algo desprendido das riquezas materiais e consequentemente do seu acúmulo, e o centro do real valor, se encontra em um caráter elevado, essa elevação entrega ao homem a nobreza, por essa definição a virtude seria o meio de se alcançar essa elevação nobre. Emanuel França de Brito[37] em sua tese de doutorado a respeito de Dante, entra

[35] Escrita por Buonaccorso de Montemagna (1392- 1429), "um jovem professor de direito em Florença e que parece ter mantido estreito contato com os círculos humanistas da cidade." (SKINNER,1978, p. 102) *A Controvérsia sobre a Nobreza* foi concluída no ano de 1428.

[36] Refere-se a obra *Convívio*, escrita por Dante Alighieri entre os anos de 1304 e 1307.

[37] O nobre poeta em si mesmo: Dante e o *Convívio,* USP FFLCH, 2015.

no aspecto do entendimento da nobreza e o seu valor na elevação do homem do qual escreve o seguinte:

> “Desse modo, chega-se á definição de Aristóteles das onze virtudes morais conduzidas e apoiadas ainda pela virtude intelectual da prudência, sendo essas as reais consequências geradas pelas atitudes nobres. Para Dante, apenas através dos hábitos destas virtudes é que o homem poderia se considerar feliz, porquanto, segundo *Ética*, a felicidade é “agir de acordo com a virtude em uma vida perfeita”. Para isso, no entanto, é essencial que o homem saiba encontrar a justa medida entre os vícios que se colocam nas extremidades opostas a cada virtude, refletindo apenas nobreza em seus atos. Não seria possível, nesse sentido, ser nobre apenas por descendência de alguma estirpe, pois a nobreza não pode ser concedida além de Deus. Além disso, são os indivíduos que fazem com que uma linhagem se torne nobre, e não o contrário. A nobreza seria, portanto, uma “semente de felicidade posta por Deus na alma predisposta”...” (BRITO, 2015, p. 87)

Assim podemos elencar as onze virtudes aristotélicas mencionadas por Brito, sendo elas a fortaleza, temperança, liberalidade, magnificência, magnanimidade, amor pelas honras, mansidão, afabilidade, veracidade, eutrapelia e justiça. As virtudes portanto, levam a elevação do homem e a um viver bem em sua condição humana, adicione também a essa equação, as sete principais virtudes do cristianismo que vão de encontro com algumas das onze pensadas por Aristóteles (e também com o teor das cartas e crônicas de Índias do século XVI, assim como os objetivos dos seus autores em reconhecimento) são elas: a humildade, generosidade, castidade, paciência, temperança, caridade e a diligencia.

Mais adiante Brito acaba por aprofundar os significados e a etimologia das virtudes aristotélicas, escrevendo e elencando o seguinte:

> “As virtudes nomeadas pelo Filósofo são onze. A primeira se chama Fortaleza, que é a armadura e o freio para moderar a nossa audácia e o nosso temor frente ás coisas que ameaçam a nossa

> vida. A segunda é a Temperança, que é medida e freio à nossa gula e à nossa abstinência excessiva frente às coisas que conservam a nossa vida. A terceira é a Liberdade, que é a nossa moderadora no dar e no receber as coisas materiais. A quarta é a Magnificência, que é a moderadora dos grandes gastos, fazendo-os e mantendo-os até certo limite. A quinta é a Magnanimidade, que é a moderadora e obtentora de grandes honras e famas. A sétima é a Mansidão, que modera a nossa ira e a nossa paciência excessiva contra os males exteriores. A oitava é a Afabilidade, que nos faz conviver bem com os outros. A nona é a chamada de Veracidade, que nos modera ao nos avantajarmos para além do que somos e ao nos diminuirmos mais do que o devido quando falamos. A décima é chamada de Eutrapelia, que nos modera na diversão, fazendo-a [e] usando-a adequadamente. A décima primeira é a Justiça, que nos determina a amar e a operar com retidão em todas as coisas." (BRITO, 2015, p. 333, 334)

Um exemplo que pode ser posto neste momento, sai diretamente da segunda carta de Cortés ao rei Carlos V, onde o conquistador busca demonstrar e fixar por meio da escrita as suas virtudes e portanto o merecimento e pertencimento a uma "casta" nobre e elevada.

> "Si de todo a vuestra alteza no diserte tan larga cuenta como debo, a vuestra sacra majestad suplico me mande perdonar; porque ni mi habilidad, ni la oportunidad del tempo en que la sazón me hallo para ello me ayudan. Mas con todo, me esforzaré a decir a vuestra alteza lo menos mal que yo pudiere, la verdad y lo que al presente es necesario que vuestra majestad sepa. Y asimismo suplico a vuestra alteza me mande perdonar si todo lo necesario no contare, el cuándo y como muy cierto, y si no acertare algunos nombres, así de ciudades y villas como de señoríos de ellas, que a vuestra majestad han ofrecido su servicio y dándose por sus súbditos y vasallos." (CORTÉS, 1520, p. 7)

Neste exemplo ainda do início da segunda epístola, o conquistador se coloca em uma posição de humildade perante o seu rei, e firma um "acordo" de lhe contar

a verdade sobre os fatos, desculpando-se de antemão por possíveis erros em relação a nomes, cidades, e de seus senhores respectivamente, em uma colocação de servo de sua majestade. “Y que confiado en la grandeza de Dios y con esfuerzo del real nombre de vuestra alteza, pensara irle a ver a doquiera que estuviese...” (CORTÉS,1520, p. 7). E um terceiro exemplo se dá logo na primeira sentença da sua primeira epístola, onde os gracejos e reverencias as autoridades reais e principalmente o rei ganham total destaque: “Muy Altos y Muy Poderosos, Excelentíssimos Príncipes, Muy Católicos y Muy Grandes Reys y Señores. (CORTÉS, 1520, p. 2)”

Esse será o tom seguido por Alamán ao longo de suas dissertações, o seu Cortés será exaltado pelas virtudes que demonstra durante as passagens, como forma de firmar um posicionamento autoral que busca transmitir essa elevação para a esfera pública e social do México. Considerada a grande mente do lado conservador, vê na historiografia uma oportunidade de difusão dos pensamentos conservadores e de imprimir na mentalidade social, sentimentos referentes a nacionalidade mexicana, e os seus significados.

Uma das primeiras etapas então foi a construção de um passado comum, na sua visão esse passado iniciava-se com a vitória castelhana e de seus aliados e associados sobre os Astecas. O Cortés de Alamán é um homem que “exala” virtudes, em um contexto de caos político e social o autor busca construir em cima da figura do conquistador um modelo.

Como forma de organizar melhor o raciocínio desenvolvido, neste texto estaremos analisando os seguintes eventos: A partida de Cortés da ilha de Cuba, momento em que o autor nos apresenta Cortés, e a breve descrição feita sobre a relação com Diego Velázquez. O segundo evento trata-se do encontro com o cacique Pilpatoe a quem os castelhanos “batizaram” de Ovandillo, na semana santa de 1519, onde em Alamán é o momento onde a comitiva tem a percepção das extensões do império asteca tal como as suas riquezas, numa clara relação com o providencialismo.

E em terceiro a recepção dos mensageiros de Cempoala e a percepção de Cortés de uma disputa política interna entre os astecas e outras cidades como Tlaxcala, revelando que o império comandado por Montezuma não era

homogêneo, além da importância dada por Alamán a este momento, como chave para o início das relações de alianças com estes povos descontentes, e uma clareza maior dos castelhanos sobre os objetivos a serem alcançados a partir daquele momento.

Um dos primeiros momentos em que somos apresentados a figura do conquistador, se dá em Cuba na escolha de Cortés como capitão da expedição organizada por Velázquez que parte rumo ao continente:

> "Era menester escoger un capitán capaz de ejecutar tan grande empresa, y después de haber vacilado entre varios, su elección se fijó en el hombre más a propósito para el intento, y este hombre fue Hernan-Cortés." (ALAMÁN, 1844, pg. 48).

Cortés nos é mostrado como um homem de grande espirito, e coragem, certos para uma empresa de tamanha magnitude. Velázquez aqui assume um papel de apoio as qualidades de Cortés, no entanto a coragem e o espírito não são vistos em sua descrição que se ressume a dizer da existência de uma grande ambição em conquistar sem o esforço de sair da ilha de Cuba, explorando e controlando alguém submisso as suas ordens.

Diferentemente do que é redigido por Alamán, Nathan Restall[38] pontua que Cortés na verdade não passou da quarta opção de Velázquez, que passou algum tempo na tentativa de convencer algum de seus parentes a assumir os custos e os riscos de se investir em um empresa rumo ao continente, o que nos evidencia o seguinte, o Cortés de Cuba não era o mesmo Cortés que triunfou no México posteriormente:

> "A quarta alternativa do governador Velázquez era seu ex-secretário, proveniente de Medelín, na Extremedura, que lutara ao seu lado na invasão de Cuba e dele recebera uma *encomienda*, convidando-o mais tarde para ser padrinho de sua filha *mestiza*(mestiça) ilegítima. Numa carta de 1519, Velázquez descreve esse homem como um criado *mio de mucho tempo* (um antigo agregado meu). Seu nome Hernán Cortés." (RESTALL, 2006, p. 83)

[38] Sete Mitos da Conquista Espanhola, 2006, editora Civilização Brasileira.

Algo não mencionado ou trabalhado por Alamán foi a relação e os atritos existentes entre ambos, o que fez com que na sua leitura dos acontecimentos o governador de Cuba reconsiderasse a decisão de manter Cortés como líder da comitiva rumo ao continente, com o receio de sua ambição e o conflito de interesse entre ambos. Uma escolha que pode indicar a preocupação de Alamán em evitar os momentos e aspectos do conquistador que de alguma forma arranhassem a sua biografia.

Dentre as escolhas realizadas por Alamán, a exaltação das virtudes foi uma das mais importantes, foi principalmente através delas que buscou transmitir uma mensagem heroica e virtuosa para um Hernán Cortés trazido a vida no século XIX. Em um outro momento da segunda dissertação por exemplo pode-se notar essa escolha por parte do autor.

> "...Cortés activaba los preparativos de su viaje. En el tiempo de su residencia en la isla de Cuba, del cual y de todo lo que le es personal me reservo á hablar en otra disertación, había reunido alguna fortuna y adquirido mucho crédito, y era á la sazón alcalde de Santiago. Su popularidad le proporciono reclutas que embarcaron, como él mismo, toda su fortuna en la nueva empresa." (ALAMÁN, 1844, pg. 51)

Ao iniciar a sua segunda dissertação o autor busca explicitar o foco em Cortés desde o princípio, Alamán elabora a partida de Cuba como um momento chave, não só como uma clivagem narrativa mas também um momento histórico, como um ato providencial reservado a Cortés e aos castelhanos, que mudaria por completo a história mexicana:

> "Velázquez, avisado de esta novedad, se levantó y ocurrió á la marina con toda la ciudad espantad, y habiéndose acercado á tierra Cortés en una lancha bien armada, le dijo aquel: *¿Pues cómo compadre así os vais? Buena manera es esa de despediros de mí.* A lo que cortés respondió: *Señõr, perdónenme vuesa merced porque estas cosas, y las semejantes, antes han de ser hechas que pensadas: vea vuesa merced que me manda.* Velázquez quedó atónito con tan atrevida respuesta, y la armada habiendo hecho á

> la vela, vio desaparecer con ella sus esperanzas y todos los cálculos de su ambición.” (ALAMÁN, 1844, P. 53)

A respeito dessa questão do providencialismo de Cortés, Marcus Vinícius de Morais[39] escreveu de maneira mais aprofundada, destacando a relação e a inspiração na figura dos cavaleiros como uma maneira de ascender socialmente e conseguir a nobreza a fortuna e a glória dignas desses guerreiros.

> “Alguém que não fosse da nobreza só seria visto como merecedor do título e da posição de cavaleiro se provasse seu valor por meio de façanhas guerreiras e atos de heroísmo, além, é claro da capacidade de liderança e das indispensáveis habilidades com armas e cavalos.
>
> Para jovens como Cortés, de origem plebeia, um fidalgo pobre e sem os privilégios reservados aos nascidos em berço nobre, ser um guerreiro conquistador era uma boa chance de ascensão social e uma forma de chegar mais perto da vida reservada aos aristocratas numa sociedade de hierarquias estamentais rígidas como a Espanha da época.” (MORAIS, 2011, p. 33)

Os pontuais momentos em que a figura de Diego Velázquez surge nas dissertações é marcada por um homem, movido pelas ambições, pela gloria de bens materiais, uma satisfação puramente pessoal e simples, que não se mostram nobres, portanto faltam virtudes dentro da sua figura, Alamán usa em favor dessa argumentação o fato de Velázquez querer comandar toda a empresa rumo ao continente a partir de Cuba, utilizando como instrumento as cartas que por sua vez seriam endereçadas a Cortés.

> “Pero si Cortés era el hombre que reunía las calidades necesarias para tal empresa, era sin duda el que menos convenia para los intereses de Velazquez. Este quería conquistar la Nueva-España sin moverse de la isla de Cuba, y pretendía hallar un hombre que tuviese toda la elevación de espíritu precisa para tan grandes intentos, y toda la sumisión indispensable para sujetarse á trabajar

[39] Hernán Cortez: civilizador ou genocida?, 2011, editora Contexto.

> para otro; dos circunstancias difíciles, por no decir imposibles de encontrar reunidas.” (ALAMÁN, 1844, p. 48)

A valorização da figura nobre de Cortés é reafirmada em um discurso citado pelo autor a partir do relato de Gomara, nele Alamán busca destacar a habilidade e o carisma do conquistador em abraçar as ideias que imperavam o imaginário daquela época, como a fé católica e a popularidade dos heróis presentes nos romances de cavalaria.

> “Yo acometo, dijo á sus soldados, en el cabo de San Antonio, una grande y famosa hazaña, que será después muy gloriosa. He hecho en ella grandes gastos, en que tengo puesta toda mi hacienda y las de mis amigos, y aun me parece que cuanto menos tengo de ella, he acrecentado en honra, pues se han de dejar las coas chicas cuando las grandes se ofrecen. Callo cuan agradable será á Dios nuestros Señor, por cuyo amor he puesto de muy buena gana el trabajo y los dineros. Vamos á comenzar guerra justa y buena y de gran fama. Dios Todopoderoso en cuyo nombre y fe se hace, nos dará victoria. Yo os propongo grandes premios, más envueltos en grandes trabajos, pero la virtud no quiere ociosidad, y si no me dejáis, como yo no os dejaré á vosotros ni á la ocasión, os haré en breve espacio de tempo los más ricos hombres de cuantos jamás acá pasaron, ni cuantos en estas partes siguieron las guerras” (ALAMÁN, 1844, pg. 57, 58)

Por sua vez não se nota em Alamán nenhum tipo de questionamento ou aprofundamento crítico das suas fontes documentais, neste exemplo, questões como atestar uma possível veracidade do discurso, ou de uma produção posterior ao desenrolar dos fatos, ou o intuito pelo qual foi adicionada essa passagem a jornada de Cortés na América, ou por quem foi produzido tal relato. Alamán apenas “aceita” as colocações de suas fontes, nos momentos em que vai um pouco mais além em seus documentos, tem como função apenas reforçar seus argumentos e posicionamentos a respeito de Cortés e a Conquista ou sobre indígenas americanos.

Isso é notável no encontro entre a comitiva castelhana e o cacique Pilpatoe enviado de Montezuma, sendo esse o primeiro contato entre Cortés e enviados do líder asteca. Deolinda de Jesus Freire[40] consegue expressar o tom providencial que o encontro entre ambos teve na jornada de Cortés, a partir da leitura de Dom Antonio de Solís.

> "Em San Juan de Ulúa, após subjugar Tabasco e Tomar Malinche, Cortés recebe uma comitiva enviada por Pilpatoe e Teutile, sob ordem de Moctezuma. Esse grupo falava uma língua distinta da que dominava Aguilar, por isso Cortés se viu em grande apuro. Providencialmente, de acordo com Sólis, o céu não tardou em socorrer o capitão- "(*Grande Artífice de traer, como casuales, las obras de su Providencia)"*- com a ajuda de Dona Marina, que sabia tanto a língua de Yucatán como a Mexicana. Assim, Dona Marina traduzia as falas dos mexicanos na língua de Yucatán para Aguilar que traduzia ao castelhano para Cortés, que pode então se comunicar com os primeiros enviados de Moctezuma." (FREIRE, 2014, p. 165)

O encontro em Alamán não deixa de possuir um tom providencial como descrito por Solís, aqui o destaque está em marcar na memória que tal encontro aconteceu no domingo de Páscoa, uma data de fundamental importância dentro do calendário de ritos cristãos.

> "El domingo de pascua llegó al ejército el gobernador de aquella comarca por Moctezuma, llamado Teutile, acompañado de un cacique principal que se llamaba Pilpatoe á quien los españoles, sin saberse por qué, pusieron el nombre de Ovandillo." (ALAMÁN, 1844, p. 60)

Em Solís a importância de tal encontro está marcada pela presença e ajuda de Malinche na tradução como o primeiro encontro entre as comitivas castelhanas e astecas, mas para Alamán o uso de uma simbologia cristã esta pelas

[40] A competição entre os discursos e as artes na *Historia de la Conquista de México* de Dom Antonio de Solís, 2014, FFLCH USP.

informações obtidas e como essas marcam um segundo ponto chave na jornada de Cortés. A providência aqui presente e marcada por Alamán acaba por antever o desfecho da jornada do conquistador, e trazendo mais veracidade e legitimidade a Conquista :

> “Cortés tuvo ya idea más exacta de la riqueza y extensión del país, y desde entonces sus intentos se dirigieron a penetrar en él y llegar á la capital de aquella gran monarquía.” (ALAMÁN, 1844, p.61)

Para Alamán a partir desse encontro, Cortés tem claro em sua mente o objetivo que aquela campanha estaria buscando a partir daquele momento, e a busca por informações a respeito daquela terra seriam fundamentais para planejar os próximos passos da comitiva, chegar a capital asteca e encontrar Montezuma. O texto de Alamán também sofre alterações a partir desse encontro, visando construir a imagem do conquistador nobre e virtuoso, volta-se para as justificativas que legitimam do ponto de vista moral, a Conquista.

Demonstra a necessidade de afirmar mais uma vez a posição nobre de Cortés, dessa vez frente aos seus próprios associados, utilizando-se da autoridade recebida por Velázquez. Nessa passagem mostra a rápida iniciativa do conquistador em “profissionalizar” as suas forças não apenas como forma de aumentar a eficiência no ponto de vista militar, mas também em questão de destacar a posição do conquistador como capitão da comitiva e a figura central dos eventos, e se livrar cada vez mais das amarras que o prendiam a Velázquez por meio da patronagem.

> “Emanando su autoridad del nombramiento que había recibido de Velázquez, revocado éste, no tenía título ninguno legítimo para exigir el ser obedecido[...] nombraban libremente los individuos que los componían; arreglaban sus gastos y levantaban gente armada, que marchaba á la guerra bajo su propia bandera.” (ALAMÁN, 1844, p. 61)

A profissionalização das forças invasoras, assim como as informações obtidas por Cortés direcionam a percepção da comitiva castelhana para a necessidade de se formar alianças com os dissidentes dos Astecas. Com isso o próximo grande argumento utilizado por Alamán em favor de Cortés e também das

Espanha, será a unidade. A unidade em Alamán surge a partir desse reconhecimento de que o império de Montezuma possuía rachaduras que com potencial de aprofundamento, e consequentemente sendo benéfico para os interesses espanhóis.

Essa percepção está colocada na biografia de Cortés, como um dos seus grandes trunfos, e nas dissertações de Alamán, funciona também como uma forma de se consolidar como um ser virtuoso e nobre, pela sua capacidade política de formação de alianças e de julgamento das ações, as justificativas para as inúmeras situações em que o conquistador é apresentado de tal forma podem ser encontradas por exemplo nas suas *Cartas de Relaciones*, ou na *Historia Verdadera* de Bernal Díaz.

Além do mais em Alamán tinha como objetivo se mostrar um importante exercício de reflexão para com o presente nacional daquele momento, de debilidade e caos político, a imagem do conquistador nobre, virtuoso e astuto era uma tentativa de mover o pensamento político para novos horizontes de expectativa.

Essa relação de construção de alianças políticas pode ser observada na relação dos conquistadores com as cidades de Cempoala e Tlaxcala, além de estarem no caminho até a capital asteca, ambas tinham em comum a inimizade com Tenochtitlan, porém também possuíam uma rivalidade e interesses próprios.

> “Ellos informaron á Cortés que su nación había sido recientemente sometida por los mejicanos, quienes les hacían sufrir una opresión tal, que deseaban impacientemente sacudir aquel yugo intolerable, y que instruido el cacique de la llegada de los españoles, había mandado aquéllos mensajeros para invitarlos á pasar á su capital. El genio penetrante de Cortés conoció al momento toda la importancia de estos informes: por ellos se enteró del estado interior del país y descubrió desde luego, que aquella monarquía que á primera vista parecía tan poderosa y temible, encerraba en sí misma los elementos de su ruina: que esta podía efectuarse por medio de los descontentos y prestándoles apoyo, y que Mégico podía ser conquistado con recursos sacados del mismo país.” (ALAMÁN, 1844, p. 63, 64)

Para o ponto de vista de Alamán sempre que possível se torna válido as tentativas de demonstrar que o México pré-hispânico estava mergulhado em conflito, dominado por uma monarquia terrível porém fraca ao mesmo tempo. Mas é justamente neste ponto que Alamán que consiste algo que ele não consegue "enxergar", ou simplesmente não o quer, é a dinâmica interna do mundo indígena do qual Cortés e os castelhanos chegam em meio de uma continuidade de acontecimentos de natureza política que colocavam em exposição a rivalidade ou dissidência de grupos distintos contrários ao domínio asteca, em detrimento de favorecer a sua narrativa nacionalista conservadora de fundação nacional com bases espanholas[41].

O percurso de construção dessas alianças com os indígenas vai expondo mais uma vez essa intencionalidade de consolidar uma posição tipicamente eurocêntrica.

> "A medida que Cortés se acercaba á Cempoala, multitud de personas salían á recibirle manifestándole el mayor agasajo, y la satisfacción que esto causaba en los españoles creció mucho de punto, con la noticia que trajo uno de los soldados que iban en una partida de descubierta que precedía el ejército." (ALAMÁN, 1844, p. 67)

Em Matthew Restall, esse comportamento focado somente na figura do conquistador, ou na superioridade dos castelhanos é analisado logo no primeiro capítulo chamado, *"Um punhado de aventureiros: o mito dos homens excepcionais"*. Nele o autor analisa como se deu ao longo dos séculos coloniais a construção de uma memória de superioridade dos castelhanos e como tal construção esconde o cenário mais amplo de um contexto histórico em desenvolvimento no qual os invasores europeus chegam ao continente americano.

> "Em sua forma absoluta, contudo, a abordagem dos "grandes homens" ignora os papéis desempenhados por processos mais

[41] A discussão a respeito da dinâmica interna política do mundo indígena americano, será retomada no capítulo seguinte.

> vastos de transformação social, deixando de reconhecer o significado do contexto e a proporção em que os grandes homens são obrigados a reagir- mais que modelar- eventos, forças e os muitos outros seres humanos que os cercam.” (RESTALL, 2006, p. 30)

Cortés é uma das partes mais importantes do mito do conquistador, alimentado ao longo dos séculos coloniais da América espanhola, argumenta em favor disso, o papel decisivo de William Prescott no resgate e na nutrição da superioridade dos conquistadores, ao escrever sobre as conquistas de México e Peru, tendo como principal ator a imagem Cortés.

> “Como o relato de Gómara, a narrativa de Prescott termina não com a queda de Tenochtitlán, mas mais adiante, com a morte de Cortés. Como admite o próprio Prescott, “os dois principais pilares sobre os quais se ergue a história da conquista são as Crônicas de Gómara e Bernal Díaz.” Para ele, esses dois se contrabalançavam- de modo que, embora Díaz “exponha livremente a astúcia ou cupidez(de Cortés), e ás vezes sua crueldade, faz plena justiça ás suas grandes e heroicas qualidades”.”(RESTALL, 2006, p. 48)

Muito semelhante operação realiza Alamán em solo mexicano como dito anteriormente, foi amigo de Prescott e Irving, e partilhou a mesma visão sobre os acontecimentos da conquista, como uma realização de homens excepcionais carregados de nobreza e virtude.

> “Prudente precaución del capitán, que penetrando en un país desconocido no quería dejar nada á la casualidad sino ir siempre prevenido para cuanto pudiera ocurrir.” (ALAMÁN, 1844, p. 82)

Esse tipo de afirmação sempre focada em Cortés o cristalizou como o ponto de irradiação das ações, que respondesse como um punhado de guerreiros castelhanos conseguiu ser vitorioso, essa resposta viria a partir do gênio do capitão que por exemplo, graças a sua astúcia em perceber a necessidade de uma boa comunicação e com isso a obtenção de informações a respeito do império em que se localizavam, e as suas disputas e rachaduras internas, estas

por sua vez só receberam as luzes do sol a partir justamente da percepção política de Cortés, ou como Restall resumiu a partir do livro de Hugh Thomas:

> "O livro de Thomas contém os principais elementos daquela perspectiva que, passando por Prescott e Gómara, remonta ao próprio Cortés e às probanzas[42] dos conquistadores. São eles: a estruturação da Conquista numa narrativa clara, que conduza de modo inexorável à vitória; uma explicação do processo que confirme a superioridade civilizacional dos espanhóis; a glorificação de Cortés; e o endosso do mito de que alguns homens excepcionais levaram a cabo a Conquista." (RESTALL, 2006, p. 49)

Alamán juntamente de Prescott e Irving[43] fizeram parte de uma geração historiográfica que deu o terceiro ponto ou elemento que alimentou o mito dos conquistadores, baseando-se nas fontes documentais produzidas pelos próprios atores envolvidos no tema, se inspiraram e reproduziram cada um com as suas motivações) uma visão que não fugia totalmente do que se estava sendo posto e defendido como uma verdade histórica dentro dessas crônicas.

Dentro das crônicas os conquistadores buscaram demonstrar para o rei ou para a autoridade real competente o seu valor em expedições de conquista no Novo Mundo, numa tentativa de conseguir o reconhecimento que acreditavam merecer. As crônicas por sua vez têm origem nas *cartas de relaciones*, ou *probanzas*, documentos naturalmente curtos e sucintos que inicialmente tinham

[42] Sobre as *probanzas* o autor ainda escreve: A linha divisória entre ambos, apesar de indistinta, é crucial para o meu argumento: a *probanza* transformou-se em crônica; as *probanzas* foram usadas como base de histórias; e as obras históricas adotaram as convenções da *probanza*. A mais notável dessas convenções era o tratamento dispensado aos indivíduos, sobretudo os heróis aos quais a Conquista podia ser atribuída. (RESTALL, 2006, p. 43)

[43] Em particular Washington Irving se destaca pelo resgate e valorização que fez da imagem de Cristóvão Colombo como o descobridor da América, em obras como *Vida e Viagens de Cristóvão Colombo*(1828), onde valoriza e resgata o "gênio visionário" do navegador genovês. "Foram os historiadores norte-americanos, tais como Washington Irving, que despertaram nos leitores de língua inglesa do século XIX o interesse por Colombo. E foram os imigrantes italianos e irlandeses e seus descendentes nos Estados Unidos que, em fins do século XIX, fundaram instituições de solidariedade centradas na imagem de Colombo como epítome do imigrante católico." (RESTALL, 2006, p. 39)

uma função de relatório das atividades de conquista para as autoridades reais, porém assumiram um papel de valorização e demanda pessoal por reconhecimento e livramento da patronagem para alguns conquistadores. No caso de Cortés suas *cartas de relaciones* serviram também como documento de defesa frente aos processos que sofreu.

Lucas Alamán nada fez de inovador nesse sentido, apenas seguiu um paradigma contemporâneo e o inseriu dentro de um contexto social mexicano de independencia frente a Madrid. Como forma de combater esse contexto enxerga a figura de Cortés como uma personagem histórica de importante valor para ajudar a moldar uma consciência do modelo de cidadão mexicano baseado em uma proposta e visão conservadora.

Na busca pela aprovação e reconhecimento frente a figura real Cortés desenvolveu em suas cartas uma tentativa de intima ligação para com Carlos V, essa ligação estaria sendo guiada pelo humilde servo, que busca e pensa em entregar ao seu soberano o melhor, e a uma forte intencionalidade evangelizadora para com as populações, a seguir o diálogo será construído em cima dessa relação, e como tal foi retratada em Alamán reproduzindo não apenas o discurso construído pela voz do conquistador, mas também pela do autor Alamán.

2.3. A inspiração do herói: Cortés e Carlos V, uma relação espelhada e servil

Uma outra “face” dessa relação Cortés com a Conquista consiste na aproximação de sua figura para com o rei, e aqui é importante salientar que existem duas partes nessa aproximação. A primeira delas é a aproximação criada pelos próprios conquistadores para com a figura monárquica, ou a autoridade real competente, uma aproximação que se dava através do registro escrito das ações com a valorização dos méritos dos conquistadores em suas devidas campanhas sempre visando servir ao monarca.

E a segunda delas, se encontra nas dissertações de Alamán, onde o autor resgata tais construções a partir de suas fontes e reforçando a intencionalidade do conquistador, acrescenta um novo olhar as suas fontes um olhar que agrega

as intenções e visões ideológicas. Nesta sessão, a análise estará mais uma vez pautada pelas dissertações de Lucas Alamán.

Antes no entanto, é necessária uma análise mais atenta a primeira dissertação, pois é a partir dele que se amarra e conduz a distribuição das ideias do autor ao longo do restante da obra. É nele ainda que se inicia a construção da relação íntima de Cortés para com os monarcas espanhóis, e principalmente é o berço da nação mexicana moderna que Alamán vive e que problematiza a partir do seu presente.

Após essa explanação, voltaremos o olhar a exemplos das dissertações do autor, enfatizando estará a relação entre a comitiva castelhana e sua aliança com os tlaxcaltecas, e nos momentos mais relevantes que dizem respeito a Cortés e sua demonstração de utilidade e serventia ao monarca. E encerrando com uma discussão tomada a partir do Massacre de Cholula ou o Massacre do Templo Maior levado a cabo em 1519 pelos castelhanos e seus aliados tlaxcaltecas.

Alamán vê na união dos reis católicos, Fernando de Aragão e Isabel de Castela, um ponto de “felicidade”, a união de dois reinos sob a tutela de um mesmo conjunto de crenças conhecidas e habituais, para o autor a união dos reis fomentou o espírito público em todos os súditos.

> “Las medidas que tomaron para afirmar y aumentar su autoridad en el interior fueron igualmente felices: la incorporación á la corona de los grandes maestrazgos de las órdenes militares, no solo aumento inmensamente el poder real, sino que le libró de la dependencia en que de continuo le tenían aquéllos jefes turbulentos de unos religiosos armados, y las leyes dictadas en las famosas cortes de Toledo, dando influjo y poder á las municipalidades, despertaron el espíritu público, inspirando en los españoles libres, dirigidos por una nobleza guerrera, el ardor y entusiasmo capaces de las mayores empresas.” (ALAMÁN, 1844, p. 10)

A união entre Castela e Aragão por meio do casamento trouxe uma forte unidade, abrindo passagem a uma consequente unidade interna em torno dos dogmas católicos, além da unificação das posses territoriais e de súditos

consequentemente, essa contração de patrimónios tornou possível as futuras empresas espanholas, a mais famosa delas seria a chegada de Colombo a América em 1492.

A primeira dissertação chama a atenção logo de cara pelo seu índice e título: *"Sobre las causas que motivaron la conquista y médios de su egecucion".* Tem como premissa básica que a fundação do México se encontrava no passado de formação do império espanhol, um passado longínquo que remete ao período das cruzadas, uma forma retrospectiva encontrada por Alamán de argumentar em favor do tamanho e importância do império espanhol, nas palavras do autor justificando a produção da obra ele diz:

> "Ningún estudio puede ser mas importante que el que nos conduce á conocer cuál es nuestro origen, cuales los elementos que componen nuestra sociedad, de donde dimana nuestros usos y costumbres, nuestra legislación, nuestros actual estado religioso, civil y político: por qué medios hemos llegado al punto em que estamos y cuales las dificultades que para ello há habido que superar." (ALAMÁN, 1844, p. 9)

Ao contar todo o percurso de expansão do que viria a ser o império espanhol, Alamán busca traçar um perfil que justificasse desde o princípio uma superioridade ou a legitimidade das ações expansionistas e de conquista dos espanhóis para com a América. Segundo Matthew Restall tal argumentação já era conhecida dentre os escritos sobre a Conquista e buscava justamente consagrar tal posição, o "hábito de vencer".

> "A Conquista tinha uma "boa razão" por constituir uma missão civilizadora contra os bárbaros - e foi bem-sucedida por contar com o auxílio da vontade de Deus e do "hábito de vencer" espanhol. "Uma vez que tínhamos a bandeira da cruz e lutávamos por nossa fé e pelo serviço de nossa sagrada majestade", alegou Cortés em outra ocasião, "Deus concedeu-nos tal vitória e matamos muitas pessoas." "(RESTALL, 2006, p. 228)

Alamán portanto prepara o terreno utilizando-se de argumentos conhecidos da historiografia, para consolidar a posição de superioridade branca sobre as

populações indígenas americanas, o hábito de vencer, a providência divina e o uso de termos como “guerra santa”, a comparação com fatos da antiguidade, são exemplos de argumentos utilizados pelo autor. Em guerra santa, busca dar o respaldo da Conquista pela providência de Deus, a ideia de que os espanhóis haviam sido o povo escolhido para civilizar e disseminar o evangelho aos povos bárbaros do além-mar.

A concessão papal datada de novembro de 1518, onde permitia a Diego Velásquez seguir em frente com os objetivos de conversão e pacificação, serve como um exemplo de abertura de precedente para o futuro uso da guerra santa como instrumento legítimo e legal das ações espanholas.

> “Primeramente, se le concedió licencia para descubrir a su costa cualquiera isla o tierra firme que hasta entonces no hubiese sido descubierta, sin mas limitación que el que no cayese dentro de la demarcación del rey de Portugal. Que pudiese conquistar las tales tierras, como capitán del rey, con tal que guardase las instrucciones que se le diesen para el buen tratamiento, pacificación y conversión de los indios.
>
> Esta magnífica concesión fue hecha en Barcelona el día 13 de noviembre de este mismo año de 1518.” (ALAMÁN, 1844, pg. 50, 51).

A origem do providencialismo estaria ligada a uma herança medieval espanhola, segundo argumenta Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, ao citar a historiadora espanhola Ana de Zaballa Beascoechea, dissertando o seguinte:

> “Em primeiro lugar, Deus teria elegido o povo espanhol, e mais concretamente seus monarcas, para uma missão especial o povo espanhol, e mais concretamente seus monarcas, para uma missão especial de propagação do reino de Cristo no mundo. Os missionários, fiéis a essa ideia, se julgavam reparadores das perdas que Roma havia sofrido. Sendo assim, a Providência divina teria se manifestado, através de milagres e aparições de santos, em importantes vitórias militares, garantido e abençoando o sucesso da empresa colonial. Em terceiro lugar, os eleitos teriam

> relativa consciência dessa predileção divina e a mencionaram em seus memoriais e crônicas. Por último, esse ambiente providencialista espanhol seria característico de um clima religioso da Baixa Idade Média e Renascentista, específico da Península Ibérica, bem disposto nas reformas das ordens mendicantes, desde o Concílio de Constanza (Zaballa, 1992, p.387-304).” (FERNANDES, 2012, p. 84)

Além do argumento católico apela também para o uso das ciências como um fator que colocou a Espanha afrente de outras nações e também em relação aos povos indígenas da América, como posto no seguinte trecho:

> “A medida que los gobiernos europeos habían adquirido estabilidad y poder, las ciencias habían hecho considerables progresos, y estos, unidos á los adelantos prácticos de la navegación, debían precisamente conducir á un conocimiento perfecto de la figura del globo que habitamos, de la probabilidad de encontrar nuevas tierras en el inmenso espacio hasta entonces ignorado: había llegado ya el siglo en que, cumpliéndose la célebre profecía del trágico español, el Oceáno rompiese las prisiones que impedían el conocimiento de las verdades físicas ocultas en su tempo, en que se descubriese un gran continente, y en que la diosa de los mares diese á conocer un nuevo mundo.” (ALAMÁN, 1844, p. 17)

No entanto como forma de fortalecer o seu argumento, desconsidera neste trecho a colaboração importante dos navegadores italianos, e o fato de o império lusitano ter sido o primeiro a realizar um consistente mapeamento do atlântico antes mesmo da viagem de Colombo, que culminou com a chegada ao continente americano em 1492. “Muito embora homens das cidades - Estados italianas estivessem envolvidos desde o princípio e os castelhanos tivessem participação crescente no processo (especialmente, a partir do fim do século XIV, na competição hostil pelo controle das Canárias), foi Portugal que dominou essa expansão. Os navegadores italianos eram cooptados pela monarquia lusa (á qual mais tarde se juntariam os flamengos) de maneira sistemática e bastante eficaz, permitindo que o novo império português controlasse a colonização do

Atlântico (com exceção das Canárias) e as iniciativas expansionistas." (RESTALL, 2006, p. 35)

Guerra santa, como um desdobramento do providencialismo, também indicou uma outra informação importante a respeito das virtudes, o uso das virtudes cristãs como parte importante de um discurso de legitimação e superioridade cultural sobre os povos americanos. A construção da nobreza respaldada diretamente por Deus através das bulas papais, portanto Alamán transfere o uso de guerra santa como um conceito aplicável para se entender o que foi a Conquista, já pré-justificando as ações dos conquistadores (Cortés principalmente), antes mesmo de entrar propriamente dito nos assuntos da Conquista.

> "Nada parecía ya imposible á los españoles: ni aun los obstáculos de la natureza y de los elementos eran poderosos para contenerlos, y así fue como el célebre duque de Alva, Fernando de Toledo, pasó el Elva al frente de un ejército español á la vista del enemigo, y mas tarde D. Luis de Requesens, gobernador de los países bajos, acometió y llevó al cabo la temeraria empresa, de hacer atravesar á vado por una coluna de tres mil hombres, á las órdenes del célebre Osorio de Ullo, en una noche tempestuosa y aprovechando la baja marea, el brazo de mar de mas de lengua y media de ancho que separa la Zelanda de Holanda." (ALAMÁN, 1844, p. 13)

O uso das virtudes e da nobreza em Alamán é tomado como forma de ligação entre o conquistador e o rei. Aqui o autor repete uma operação iniciada pelos conquistadores em suas tentativas de reconhecimento ou pensões junto a coroa por intermédio de suas *probanzas,* ressaltando seus feitos e utilidades em expedições no Novo Mundo.

Ao retomar essa atividade Alamán não busca nenhum tipo de reconhecimento, ou "justiça social" para com os descendentes dos conquistadores, busca traçar e criar um perfil de cidadão virtuoso e nobre, guiado pelos princípios cristãos para o México contextualizado do século XIX, um Estado independente dentro da modernidade.

Assim as ações e atitudes de Cortés dentro dos acontecimentos narrados, sempre traçam um espelho, uma comparação entre o conquistador e o seu rei, Cortés está não apenas para angariar bem materiais, resumidos a ouro, prata por exemplo, mais sim representando o seu soberano, e com isso também a sua fé, um de seus deveres como tal representante é o de conquistar novos súditos para sua majestade e dessa forma converter e trazer novas almas para a verdadeira fé. Através da busca em cumprir com esses dois objetivos é que Alamán busca extrair o insumo do qual necessita para responder a realidade mexicana na qual está inserido.

Vejamos agora como ele realiza essa operação no seguinte exemplo extraído da segunda dissertação. Cortés e seus aliados da cidade de Cempoala recebem uma nova comitiva enviada por Montezuma, em sua composição estavam dois sobrinhos de Montezuma e quatro pessoas de relativa importância dentro da corte mexicana, Cortés liberta três mexicanos que havia feito prisioneiro, e durante as negociações os Totonacas são informados de que deveriam pagar tributos aos enviados da capital asteca, ao descrever a cena Alamán constrói a seguinte imagem:

> “Cortés recibió el presente, y contestó haciendo nuevas protestas de su sinceridad, y en prueba de ello les entrego los tres mejicanos que tenia en las naves: pero en cuanto al pago de los tributos que se reclamaban á los Totonacas dijo, que estos no podían servir á dos señores, por que habiéndose puesto bajo la protección del rey de Castilla, estaban exentos de toda obligación para con su antiguo soberano...” (ALAMÁN, 1844, p. 72)

Aqui não tem como não perceber uma metáfora clara com a passagem bíblica contida no evangelho segundo Matheus, capítulo 6, entre os versículos 24 ao 33 conhecida pela frase onde Jesus diz:

> "Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro".

Alamán compara a ação de Cortés como o Jesus na sua situação e Carlos V numa figura divina espelhada em Deus pai, ausente fisicamente porém

onipresente. Os Totonacas do qual Alamán fala estão em um dilema entre servir a um soberano ligado e prendido a posses materiais e automaticamente a opressão, pela cobrança de tributos que era Montezuma e a um segundo senhor, esse que por intermédio de seu "mensageiro" busca conquistar novos súditos a um longínquo e distante reino, onde (no discurso) livraria os povos nativos da opressão asteca e os apresentaria a uma verdadeira fé e crença no seu Deus verdadeiro.

Cortés em seu papel de mensageiro portanto deve possuir as mesmas qualidade e virtudes do rei, por se apresentar como seu enviado direto e propagador de uma fé verdadeira, elemento importante na lógica narrativa de Alamán(e também na do próprio conquistador no século XVI) uma real crença nas palavras que eram proferidas, a demonstração de sinceridade no que se registrava no papel mostrando a sua serventia e lealdade para com o rei, para com Deus e dessa forma também para os interesses de Alamán e os mexicanos do século XIX.

A importância da sinceridade se mostra consistente ao darmos um segundo exemplo na sequência dos acontecimentos, onde Cortés sem contar com a real "convicção" dos habitantes de Cempoala tenta combater a idolatria, colocando em risco a aliança construída com a cidade: "Pero esta amistad estuvo á punto de perderse por un acto de celo religioso de Cortés, quien por un golpe de autoridade quiso destruir el culto estabelecido, sin que en ello tuviesse todavia parte alguna la conviccion." (ALAMÁN, 1844, p. 74)

A inspiração e a comparação retornam por meio dos exemplos clássicos da antiguidade, outro argumento que será bastante utilizado por Alamán principalmente ao encerrar a segunda dissertação, no seguinte exemplo o autor compara os sacrifícios dedicados a Camaxtli[44] com ritos cristãos e a um trecho de a Ilíada escrita por Homero.

[44] Deus da caça da guerra, da esperança e do fogo, dentro da mitologia tlaxcalteca. Considerado também um dos quatro deuses criadores da Terra. Por sua ligação com a caça e com a guerra sua concepção era refletida em suas vestes e no seu ritual realizado pelos tlaxcaltecas. Em Alamán a sua grafia termina com um "e" ao invés do "i" comumente mais utilizado.

> “Los sacrificios á Camaxtle, divinidad protectora de los tlaxcaltecas y los oráculos de los sacerdotes de este ídolo, alternan con los actos mas fervorosos de piedad del culto cristiano, y los grandes caracteres de Jicotencatl[45] y Cortés dominan y sobresalen en toda esta escena de animada accion, como Héctor y Aquíles en la Ilíada son el centro de donde parten todos los sucesos.” (ALAMÁN, 1844, p. 86)

Exemplos como esse são repetidos com certo ritmo ao longo dos textos do autor como forma de sempre reafirmar um posicionamento em relação a figura de Cortés, não muito diferente do que foi feito durante o período dos próprios conquistadores no século XVI, onde o próprio Cortés ou associados seus como Gomara e Bernal Díaz também faziam uso de tal argumentação. No entanto tal como coloca Matthew Restall, o uso dos exemplos clássicos da antiguidade foi um acréscimo realizado pelas ordens religiosas, que viam nas figuras dos conquistadores(pelo menos os mais bem sucedidos) uma forma de prosseguirem com as suas missões religiosas para com as populações nativas.

> “Em 1543, Sepúlveda descreveu a Conquista como simbolizada por “um nobre e valoroso Cortés” e “um timorato e covarde Montezuma.” Também fazia parte do grupo madrileno Cervantes de Salazar, que em sua ode de 1546 a Cortés(dedicatória de um diálogo sobre a dignidade humana) comparou-o a Alexandre, Júlio César e São Paulo.” (RESTALL, 2006, p. 47)

Ainda segundo Restall, o interesse de ordens religiosas como a dos Dominicanos e principalmente a dos franciscanos em Cortés se deu pela rápida e ampla divulgação de suas cartas ao rei, e a ausência de dúvidas de que estas epístolas deixavam claro que, a Conquista fora realizada pela providencia de Deus em favor da monarquia espanhola, sendo assim a primeira grande explicação para o sucesso espanhol na América. (RESTALL, 2006, p. 45)

[45] Aqui o autor não deixa especificado se refere a Xicotencatl I ou Xicotencalt II, porém ambas as denominações dizem respeito a posição de *tlatoani* do *altepetl* Nahua de Tizatlan, que fazia parte da confederação de Tlaxcala. Sua grafia em Alamán possui um “j” ao invés do mais comumente utilizado “x”.

> “Os franciscanos consideravam crucial para sua missão o apoio de Cortés á sua entrada no México e ás suas atividades nos primeiros anos da colônia, e por conseguinte em muito contribuíram para a formação da lenda em torno de sua pessoa. Um desses freis, Toribio Motolinía, um dos famosos 12 primeiros franciscanos no México, inquiriu o imperador, numa carta de 1555: ‘Quem foi amado e defendeu os índios deste novo mundo como Cortés?’ ”(RESTALL, 2006, p. 45)

Luiz Estevam mostra o grande interesse das ordens religiosas em Cortés, ao citar uma relação entre o nascimento do conquistador com o de Martinho Lutero, escritor pelo franciscano Jerónimo de Mendienta em 1520:

> “Deve-se, aqui, muito ponderar como, sem dúvida alguma, elegeu Deus assinaladamente e tomou por instrumento a este valoroso capitão, D. Fernando Cortés, para por meio seu abrir a porta e caminho aos predicadores de seu Evangelho neste novo mundo onde se restaurasse e se recompensasse a Igreja católica, com conversão de muitas almas, a perda e dano grande que o maldito Lutero havia de causar na mesma época e tempo na antiga cristandade. De sorte que o que uma parte se perdia, se cobrava por outra. E assim, não carece de mistério que no mesmo ano em que Lutero nasceu em Eisleben, vila da Saxonia, nasceu Hernando Cortés em Medelín, vila da Espanha, aquele para turvar o mundo e por debaixo da bandeira do demônio a muitos dos fiéis que de pais e avós e muito tempo atrás eram católicos, e este para trazer ao grêmio da Igreja infinita multidão de gentes que por um sem números de anos havia estado debaixo do poder de Satanás envoltas em vícios e cegos com a idolatria. (MENDIENTA, 1997, p. 305)” (FERNANDES, 2012, p. 85 - 86)

E um segundo exemplo do uso religioso legitimador da Conquista e portanto da veracidade divina em prol da Espanha, estava na comparação de Cortés com a figura de Moisés do Egito. Cortés portanto seria o “profeta” que guiaria os astecas para longe do seu mundo idólatra indo em direção a terra do leite e do mel da fé católica. A apropriação metafórica do cavaleiro cristão virtuoso é

assimilada na figura de Cortés primeiramente, uma publicidade que alimentou o mito do capitão espanhol e foi reproduzida em textos de religiosos como o Frei Toríbio de Montolinía e Gerónimo de Mendieta. (Portugal, Morais, 2010, p. 91)

> “Para os religiosos, a chegada dos irmãos menores ao Novo Mundo foi o equivalente à saída do povo judeu do Egito: significava a derrota da idolatria e o início da peregrinação em direção à terra prometida. Nesse caso, também se faz uma associação direta entre Cortés e Moisés e, assim, os grandes feitos do capitão espanhol são comparados às grandes narrativas do texto sagrado. Hernán Cortés e suas manobras habilidosas se transformaram, a partir dos escritos religiosos, em parábolas bíblicas.” (PORTUGAL, MORAIS, 2010, p. 91, 92)

Já em um episódio de setembro de 1519, Alamán marca essa data com relativa importância pelo firmamento da aliança com Tlaxcala, onde o autor faz questão de ressaltar o feito com as seguintes palavras:

> “En seguida pasó á la capital en la que entró el día 22 de septiembre de 1519, y fue recibido por los habitantes no como un vencedor en cuyas manos los ponía la suerte de las armas, sino con todas las muestras de cordialidad que se hacen á un antiguo amigo, y desde entonces se formó aquella liga fiel entre Cortés y los tlaxcaltecas que no se desmintió en ningunas circunstancias, resaltando mas la lealtad de aquella nación en los mayores reverses de fortuna de los españoles, quienes consideraron siempre á Tlaxcala como su apoyo el mas firme y el centro de todas sus operaciones sucesivas.” (ALAMÁN, 1844, p. 92)

Assim como em Cempoala, o autor pula qualquer tipo de disputa ou negociação que possa ter havido entre as duas parte culminando na formação de uma aliança, isso também é uma omissão importante de se notar no texto, pois mais uma vez nos indica uma forma de suprimir qualquer voz ou reconhecimento das populações nativas da América como sujeitos históricos. Isso fica possível de se também no seguinte exemplo, Cortés mais uma vez recua ao notar

resistência em combater a idolatria em Tlaxcala, porém ao invés de focar na questão da sinceridade, Alamán se volta a comparação para chegar a exaltação do conquistador.

> “Los tlaxcaltecas, reconociendo que el Dios de los cristianos era una divinidad muy poderosa, proponían admitirlo entre los dioses de la república, sin dejar por esto el culto de estos, de la misma manera que lo hacían los griegos, y los romanos, siendo en este punto muy fácil el politeísmo en todas partes.” (ALAMÁN, 1844, p. 95)

A comparação com o exemplo romano principalmente nos remete as perseguições sofridas pelos cristãos no antigo império, antes da legalização em 313 d.C. pelo imperador Constantino e a adoção como culto oficial do império em 390 d.C. pelo então imperador Teodósio I. No entanto apesar dessa comparação, a posição de Alamán dentro da narrativa sempre está ao lado dos espanhóis em uma posição de comando e controle da situação, marcando o ritmo da narrativa, de forma semelhante mais uma vez a Bernal Díaz ou a Gomara e as próprias cartas de Cortés.

A segunda parte dessa passagem é marcada pela insistência de Cortés, até ceder as sugestões do Padre Olmedo em que seria inútil naquele momento o combate e destruição dos ídolos tlaxcaltecas, a aceitação por parte do conquistador é marcada em Alamán pela escolha que privilegia a racionalidade e sagacidade, com um adendo de defesa a Cortés.

> “Cortés cedió á la fuerza de estas razones que apoyaron los principales capitanes, y este incidente es una de las muchas pruebas que presenta la historia de la conquista de que Cortés no procedía hipócritamente al establecimiento del cristianismo, como lo han acusado algunos escritores extranjeros, considerando la creencia que introducía como un dominio, ó como cosa enteramente secundaria en sus designios.” (ALAMÁN, 1844, p. 95, 96)

A marcação da posição de controle, comando e protagonismo do ponto de vista espanhol, é mais uma vez posta a prova em um momento importante da

jornada, a disputa entre Cholula e Tlaxcala pela aliança com os invasores castelhanos, sendo este um dos raros momentos onde o texto de Alamán abre margem para a percepção da existência de um complexo contexto político em andamento na Mesoamérica, que transcendia a chegada da comitiva ao continente.

Essa pequena "brecha" de reconhecimento por parte de Alamán, surge acompanhada da sombra de superioridade castelhana, uma marca do autor da qual ele não abre mão durante o texto, podemos observar isso quando ele discorre sobre o período de permanência de Cortés em Tlaxcala.

> "Esta fué la que le mandó Ixtlilxochitl, hijo de Nazahualpilli rey de Tezcuco, quien habiendo disputado la corona á su Hermano mayor Cacama, había obtenido una parte del reino, y conservando siempre en su pecho sus ambiciosos proyectos, creía haber encontrado ocasión de realizarlos con la venida de los españoles." (ALAMÁN, 1844, p. 97)

No entanto o desbalanceamento em relação a esse reconhecimento por parte de Alamán deixou muito mais coisas de fora do que dentro do seu texto. A disputa interna dentro da Mesoamérica ganha uma importante passagem que analisaremos neste momento, que se trata da institucionalização e importância da guerra, referenciada aqui pelo massacre de Cholula, levado a cabo por castelhanos e aliados tlaxcaltecas, acontecimento do qual Alamán dedica uma longa descrição, da qual tomaremos apenas um fragmento menor:

> "En este momento se dispara un arcabuz que era la señal convenida: un fuego vivo que parte de todas las azoteas del cuartel, aniquila en un instante á los que estaban encerrados en el patio, al mismo tiempo que los tlaxcaltecas que habían acampado fuera de la ciudad, entran en ella sin perdonar mas que á las mujeres y á los niños, matando, ó haciendo esclavos á los hombres, y saqueando todas las casas, con el furor con que se vengan inveterados agravios. La obra de la desolación caminó de tal manera, que según el mismo Cortés, en dos horas murieron mas de tres mil hombres. La distribución del botín se hacia por sí

> misma, pues los tlaxcaltecas preferían tomar los muebles, ropas y demás comodidades de la vida de que su pobreza les había hecho carecer, mientras que para los españoles presentaba mayor atractivo el oro y la plata que tomaban como su parte. Cortés puso término á la matanza, y ofreciendo el perdón por lo pasado, dio libertad á dos de los caciques que tenia detenidos, y por su medio hizo volver á sus casa a los habitantes que habían huido despavoridos, y persuadiendo á los tlaxcaltecas que die sen libertad á sus prisioneros, hizo también cesar la enemistad que había entre los pueblos." (ALAMÁN, 1844, p. 100)

A descrição do evento realizada pelo mexicano, conforme já salientado deixa de fora praticamente por inteiro, uma complexidade de acontecimentos e trocas culturais que trariam a essas populações que compunham a tríplice aliança indígena um "status" histórico, de indivíduos e sociedades que possuem um passado contínuo de conflitos e existências muito antes da chegada europeia a América. Conforme pontuou em sua dissertação de mestrado, Pablo Martins Coelho[46], destaca a vital importância da guerra como um instrumento ideológico, político e religioso na complexidade da vida social de mexicas, e tlascaltecas.

> "Desse modo, a guerra além de ser uma razão de Estado, foi o meio pelo qual a civilização mexica conseguia articular seu propósito social, sendo que para seu povo, o destino do guerreiro representava a oportunidade de transcender sua existência e dar sentido a sua própria vida.[47] O sacrifício dos deuses pelos seres humanos e o sacrifício dos seres humanos para manter o sol em movimento, estruturava-se como uma interminável cadeia de

[46] *"A Permanencia de Tlaxcala Frente ao poderio Mexica nos séculos XV e XVI"*, defendida na UNESP no ano de 2010, sob orientação da professora Dr. Ana Raquel Portugal.

[47] Sobre a expansão e asteca, recomenda-se a leitura do texto "A Mesoamérica antes de 1519, escrito por Miguel León Portilla, contido no volume 1 da coleção Histórica da América Latina organizado por Leslie Bethell e publicado pelo editora Edusp. Para referencia completa ver bibliografia.

> acontecimentos a qual unia o humano com o divino, o céu com a terra.” (COELHO, 2010, p. 28)

Para os mexicas a guerra havia se tornado o meio pelo qual sua civilização conseguia se expressar, e crescer em termos territoriais, aglutinando também mais significações que alimentavam essa máquina de combate como uma estrutura vital de sua sociedade, tal como pontua o autor em um outro trecho ao comentar sobre a importância da guerra nos sacrifícios dedicados ao deus Huitzilopochtli:

> “Portanto, partindo desta visão cosmogônica[48], os mexicas acharam-se obrigados, dando continuidade às imolações a que se tinham submetido os deuses, a sacrificar seres humanos, cujo sangue, contendo uma substância mágica denominada chalchivatl, determinava a manutenção existencial do sol e, por conseguinte, do universo. Caso estas práticas imoladoras cessassem, acreditavam os mexicas que o mundo se extinguiria.
>
> Assim, a necessidade de se sacrificar seres humanos para satisfazer a sede de sangue dos deuses só seria possível com a ocorrência de guerras regulares, cujo intuito devia ser a de capturar guerreiros adversários ou subjugar o povo oponente para obrigá-los a ceder pessoas para imolá-las em função de seus deuses. Este costume correlacionava-se com a expansão da

[48] No culto asteca desenvolvido em seu momento de expansão sob o reinado de Itzcoalt (1426-1440), se fixou a ideia de que os astecas eram o povo do Quinto Sol, e como escolhidos deveriam alimentar e agradecer as vitórias conquistadas com sacrifícios humanos dedicados a Huitzilopochtli, como forma de também o quinto sol, e consequentemente o seu mundo existindo. Sobre isso o autor escreve: “Para isso, foram produzidos novos registros concebidos para mostrarem o fundamento e a raiz da nova grandeza dos mexicas, destacando a sua importância e alçando-os à condição de poderosos, tal como tinham sido os toltecas. Concomitantemente, o antigo deus patrono dos mexicas, Huitzilopochtli, foi projetado ao mesmo plano das divindades criadoras dos tempos toltecas (LEÓN-PORTILLA, 1992).” (COELHO, 2010, p. 25)

> nação mexica que impunha aos povos dominados sua autoridade.” (COELHO, 2010, p. 27)

Essa breve e rápida explanação a respeito da importância da guerra na Mesoamérica, serve para perceber como Alamán ao narrar o massacre de Cholula, realiza uma escolha, consciente ou não, deixa de fora do texto toda a complexidade e historicidade pertencentes as populações indígenas americanas, os breves reconhecimentos realizados pelo autor em alguns pontos de suas dissertações acabam por endossar essa argumentação.

Alamán segue um paradigma historiográfico cujo maior representante foi seu amigo William Prescott, conforme pontuado anteriormente no texto. Ao seguir esse paradigma recorre a artifícios argumentativos consagrados no século XVI pelas crônicas, cujo um dos focos estava na justificação da Conquista, com as argumentações em cima da questão da barbárie, e do *nós* contra *eles*.

O autor se enxerga e se reconhece com tal argumentação ao ler os acontecimentos do seu entorno presente, episódios pessoais da guerra de independencia por exemplo, marcam sua trajetória intelectual, que encontra na figura de Hernán Cortés uma expressão segura e construída de um modelo virtuoso, capaz de transmitir e educar aos cidadãos mexicanos valores e pensamentos conservadores.

No entanto a rápida superação de Alamán chama atenção pelo resgate a um glorioso passado indígena de luta e resistência que nasce ainda no Porfiriato e segue com a revolução. No capítulo seguinte estaremos buscando mostrar tal superação e a partir da desconstrução da imagem indígena montada por Alamán e daquilo que o autor não conseguiu(ou não quis) enxergar sobre o passado mexicano, demonstrando como a historiografia tem nos mostrado como as sociedades indígenas americanas possuíam uma complexa e rica cultura, e como isso se configura em história.

A partir dessa visão do Cortés virtuoso, exemplo e modelo de cidadão, foi percebida uma segunda intencionalidade do autor, que justifica as argumentações apresentadas no decorrer das quatros dissertações. Alamán busca construir a superioridade do europeu, representado pelo espanhol, sobre todo o mundo indígena, e como representante máximo dessa inferioridade o

autor elegeu por sua vez o Montezuma II tlatoani asteca e da cidade de Tenochtitlan.

O primeiro “defeito” de Montezuma é a poligamia, vista como uma ofensa ou pecado pela concepção eurocêntrica do autor, um rompimento com um dos mandamentos da fé católica e uma falha virtuosa também, em contraponto com Cortés o protagonista das dissertações, onde este apresenta e age de maneira virtuosa em boa parte de suas ações, mesmo aquelas de caráter mais duvidoso o conquistador apresentado por Alamán, pensa e entra em ação sendo movido por alguma das virtudes.

As luzes necessárias ao México antigo foram trazidas da Europa, a partir disso o autor indica nas ciências o fator responsável e crucial que coloca dentro da sua lógica argumentativa os invasores europeus um patamar civilizatório acima dos indígenas.

> “Este conocimiento no podía estar oculto ya por más tempo. A medida que los gobiernos europeos habían adquirido estabilidad y poder, las ciencias habían hecho considerables progresos, y estos, unidos á los adelantos prácticos de la navegación, debían precisamente conducir á un conocimiento perfecto de la figura del globo que habitamos, de la posibilidad de encontrar nuevas tierras em el inmenso espacio hasta entonces ignorado: había llegado ya el siglo en que, cumpliéndose la célebre profecía del trágico español, el Océano rompiese las prisiones que impedían el conocimiento de las verdades físicas ocultas en su tempo, en que se descubriese un gran continente, y en que la diosa de los mares diese á conocer un nuevo mundo.” (ALAMÁN, 1844, pg. 17)

Aqui neste trecho, Alamán indica uma ausência de cultura ou ciências por partes das populações indígenas do século XVI, devido a esta ausência estas populações por sua vez não conseguem obter o desenvolvimento necessário para prosperarem, logo a unidade fica comprometida, a unidade é abordada pelo autor na sua visão das “falhas” que levaram ao colapso do mundo indígena.

Neste exemplo a importância da unidade é trabalhada a partir de uma passagem da qual Cortés é procurado por dois mensageiros da cidade de Cempoala, o

motivo da vinda dos mensageiros era em busca de ajuda e auxílio dos invasores. Com esta nova informação Cortés percebe que apesar da grande extensão do império de Montezuma, este não era tão coeso quanto se poderia supor.

> “Ellos informaron á Cortés que su nación había sido recientemente sometida por los megicanos, quienes les hacían sufrir una opresión tal, que deseaban impacientemente sacudir aquel yugo intolerable, y que instruido el cacique de la llegada de los españoles, había mandado aquéllos mensajeros para invitarlos á pasar á su capital. El genio penetrante de Cortés conoció al momento toda la importancia de estos informes: por ellos se enteró del estado interior del país y descubrió desde luego, que aquella monarquía que á primera vista parecía tan poderosa y temible, encerraba en sí los elementos de su ruina: que esta podía efectuarse por medio de los descontentos y prestándoles apoyo, y que Mégico podía ser conquistado com recursos sacados del mismo país.” (ALAMÁN, 1844, pg. 64)

Outro ponto explorado aqui se dá no uso presságios do fim ou condenação daquele mundo indígena, pelo autor. Montezuma é descrito como um líder que está tomado pelo medo dos invasores, pela angústia, a dúvida e a curiosidade. Qualidades incoerentes a um monarca de acordo com os manuais dos príncipes, como o de Maquiavel por exemplo. Esta passagem aborda os argumentos iniciais de Alamán quanto aos indígenas, a necessidade de um choque civilizatório, com isso a superioridade de um sobre o outro era legitimada e naturalizada, e as virtudes dignas de um príncipe presentes em um conquistador, enquanto o “Emperador de México” era tomado pelo medo.

O uso dos pronomes de tratamento foi observado como uma maneira do autor em inferiorizar ao monarca asteca, o uso de imperador, ou príncipe, ou simplesmente Montezuma, sempre se ligam a trechos de valorização de feitos espanhóis, a superioridade de Cortés, ou a obscuridade do mundo indígena, justificando a conquista.

Um exemplo da obscuridade retorna na questão da unidade que continua a ser trabalhada por Alamán. Desta vez, as críticas incisivas de lideranças ou

mensageiros indígenas de outras cidades, recaem sobre a opressão infligida a seus povos pelos mexicanos. Cortés se apresentava a estes pedidos como alguém que vinha livra-los desta opressão, ou “yugo”.

> “Cortés, a quien todas estas noticias estaban ¿confirmaban más y más en el plan que tenía ya formado, le aseguró que no sufriría semejante opresión, que era mandado para librarlos de ella por el mayor monarca del mundo; ‘que no venía sino a deshacer agravios, y favorecer los presos, ayudar a los mezquinos y quitar tiranías’.
>
> [...]No tardó en llegar también el cacique de Cempoala, quien unido a los del pueblo renovó con lágrimas sus quejas contra la opresión de los mejicanos, exponiendo todos los agravios que de ellos de continuo recibían.” (ALAMÁN, 1844, pg. 68, 69)

Montezuma se tornava um tirano dentro da lógica de Cortés e de Alamán, o conquistador que agora se apresentava como um libertador além de embaixador, enviado por Carlos V, novamente tem como contraste um monarca que além de ser colocado como medroso era um tirano. No que concerne a unidade esse tipo de representação também se mostrou útil, pois o pedido de ajuda confirma, na visão do autor, a ruptura desse mundo, e Cortés ao se apresentar como libertador contribui para a sua ruptura . A unidade conservadora de Alamán extrai destas passagens uma importante lição, transmitida didaticamente pelo autor por intermédio de seu herói.

Apesar de toda a exploração das imagens criadas por Cortés a seu favor e a favor da sua companhia, esse trecho demonstra que Montezuma ainda exercia grande influência sob os seus “súditos”, e tamanha influencia é percebida pelo temor dos caciques, pela indiferença dos cinco tributadores para com os invasores espanhóis, e também pela atitude tomada por Cortés logo na sequência. Cortés encoraja os caciques a não aceitarem tal situação, a deixarem o abatimento em favor da coragem, contagiados pelos conselhos do conquistador, os caciques decidem prender os cinco tributadores mexicanos. Novamente esta passagem sofre com uma ilusória igualdade ou reconhecimento de Montezuma como igual aos invasores europeus ou a Carlos V, a astúcia de

Cortés se sobressai mais uma vez, apesar de ser possível notar a presença e poder de Montezuma sob os caciques.

> “Haciendo pues servir este incidente a dos objetos diversos, hizo traer em la noche a su presencia a dos de los presos megicanos, les preguntó por lo ocurrido, y atribuyendo estos el atrevimiento de los caciques al apoyo de Cortés, negó tener conocimiento alguno del suceso, y tomó secretamente las medidas necesarias para su evasión, a fin que fuesen a hacer saber á Moctezuma la protección que les había dispensado, como una prueba de la amistad que le profesaba y de su deseo de estrecharla más yendo á visitarle. Al día seguiente reprendió a los caciques por la negligencia con que habían guardado a los presos, y para que no se escapasen también los otros tres que quedaban, los hizo conducir á los buques.” (ALAMÁN, 1844, pg.70)

Mesmo diante de uma situação em que a força do Tlatoane asteca era mostrada, Alamán leva o protagonismo sempre de volta a Cortés, que mais uma vez sai de uma situação de desconforto para uma situação onde ele tem a vez de dar a próxima jogada. Ao facilitar a fuga dos enviados de Montezuma, Cortés buscava não se indispor, criando um incidente diplomático que atrapalhasse as intenções de se criar uma amizade com os astecas. Amizade demonstrada por meio das virtude do conquistador, a astucia e a benevolência neste caso.

A recepção da notícia da prisão dos enviados de Montezuma, é recebida com grande irritação pelo monarca indígena segundo Alamán, o autor aqui abre um parênteses sobre um cenário diferente sobre os desdobramento dos eventos futuros caso o monarca asteca utilizasse de sua força para reprimir aos invasores europeus e os insubordinados.

> “Si en aquel momento el soberano de Mégico hubiera hecho uso de su poder, es muy probable que hubiera triunfado, pues la situación en que se hallaba Cortés era todavía muy peligrosa, y sus aliados en demasiado corto número, y demasiado insegura su cooperación para poder contar con ellos...” (ALAMÁN, 1844, pg. 71)

Essa irritação de Montezuma serve como mais uma de toda a série de críticas ou exemplos em que Alamán tem como objetivo demonstrar as falhas e fraquezas do líder asteca. Neste trecho ele busca através de um cenário mais hipotético mostrar novamente um momento de vacilo em tomar uma atitude mais contundente. Essas falhas são seguidas dentro da lógica narrativa do autor de um sentido que vai na contramão das falhas, esse sentido é Cortés.

> "Cuatro meses había permanecido Cortés en la costa de Veracruz, durante los cuales había sublevado contra su soberano a una gran parte de los pueblos de la serranía, había atacado el culto establecido, é insistido en su resolución de pasar á Mégico, sin que en tanto tempo Moctezuma, alarmado ya justamente desde el suceso de Tabasco, hubiese tomado la menor providencia para su defensa..." (ALAMÁN, 1844, pg. 82)

As passagens de Cortés narradas por Alamán nos apontam um outro caminho instigante, do qual vale a pena explorar, e que através dele se torna mais visível as intenções do autor através de sua narrativa histórica, e ao mesmo tempo política. Partindo dos poucos trechos em que o autor reconhece a existência de um senhor soberano no México Central, podemos nos aprofundar em questões não exploradas ou narradas por Alamán, o ponto de vista indígena da História.

Não simplesmente narrando de uma perspectiva indígena os acontecimentos da Conquista como propôs por exemplo Miguel León Portilla[49], mas sim destacando e dissertando sobre a complexidade de um Estado indígena altamente complexo e organizado. Indo assim além das visões de um Montezuma descritivo e estereotipado, de uma Malinche tradutora e o elo de comunicação entre ambos os mundos, ou de representações e inferências sobre os mexicas que tem como ponto referencial de análise os rituais de sacrifícios humanos.

E para tal objetivo, fazemos valer de uma recente historiografia que faz uso de fontes diversas em nahuatl e até multidisciplinares, que contrastam com os escritos de Alamán e Prescott, e principalmente com as ideias e narrativas

[49] PORTILLA, Miguel León. **A Visão dos Vencidos**: a tragédia da conquista narrada pelos astecas. Porto Alegre: L&Pm, 1985. Tradução de: Carlos Urbin e Jacques Wainberg.

levantadas por ambos os autores e que em certa medida ainda permeiam o imaginário social latino-americano acerca não só da Conquista do México, mas do período colonial como um todo.

Capítulo 3 – Por uma historiografia indígena: Altepetl, Calpolli e o silenciamento cultural expresso em Lucas Alamán

3.1. Os Altepetl e os Calpolli

Conforme apontado no segundo capítulo, Alamán tinha como um dos objetivos a construção da superioridade castelhana cristã sobre os povos americanos nativos que compunham a Nova Espanha, e durante suas quatro dissertações se valeu de três destacadas estratégias para alcançar tal objetivo: a hiper valorização da figura do conquistador centralizada em Cortés, a difamação de personagens indígenas relevantes como Montezuma II, e uma reprodução pobre e simplificada da complexidade de toda uma dinâmica política, social e religiosa própria presente na América as vésperas da Conquista.

Neste último capítulo o foco centrará na discussão a respeito dos "silêncios" de Alamán acerca do complexo mundo do qual Montezuma e Malinche faziam parte. Indo ao caminho contrário tomado pelo autor que visou construir e seguir uma historiografia focada em representar um inseguro e fraco líder (Montezuma) que não conseguia reagir frente a astúcia e a superioridade do representante real castelhano (Cortés), reforçando e alimentando o estereótipo do indígena inocente, bárbaro e ao mesmo tempo selvagem. Ou como James Lockhart assim definiu essa geração da qual Alamán pertenceu.

> "La primera generación, de la cual William Prescott es su principal representante, siguió a las crónicas españolas al escribir historias narrativas de la conquista del siglo XVI; subrayaron la importancia del mero choque militar, de las victorias y derrotas de las fuerzas en contienda." (LOCKHART, 1999, p.12)

Porém antes de adentrarmos a discussão do capítulo, se faz necessário alguns parágrafos para se discutir a figura histórica de Alamán em relação a discussão proposta para este capítulo e o distanciamento histórico entre o autor e o objeto de análise do texto a seguir.

O texto de Alamán assim como sua figura estão presos a uma temporalidade específica, com conceitos e ideologias específicas, assim claro como concepções e métodos historiográficos específicos para sua época, adicionar

críticas excessivas que fujam a esse esclarecimento em relação ao objeto de análise desta dissertação, nos leva a um anacronismo que contamina e confunde a compreensão das reflexões e ideias levantadas e propostas para o texto, equivalendo temporalidades, discussões, e métodos que não se equivalem.

A escolha e o uso de uma bibliografia muito mais recente e multidisciplinar que dialogue especificamente com a tese central desse capítulo se mostrou uma saída para o bom desenvolvimento do texto. Longe de querer esgotar a fonte ou a discussão sobre o tema do silenciamento indígena em si, a escolha em dialogar com uma bibliografia de pouco mais de duas décadas, com a fonte deste trabalho, tem como objetivo ajudar a quebrar visões e construções narrativas que perduram até a atualidade. Criando e retroalimentando visões estereotipadas e incorretas sobre as populações indígenas não só do México central, mas da América Latina como um todo.

O silencio se torna portanto inquietante, e propor um diálogo que vá além de apenas expor o que disse Alamán, como e porque se torna uma tentativa de romper com o silenciamento e com os estereótipos, sempre fazendo parte integral do método e das críticas a Alamán a suas limitações impostas pelo tempo.

O silencio aqui mencionado se trata de seguirmos um diálogo focado no “não dito”, por meio de uma historiografia que busca apresentar e discutir pontos que exemplifiquem e elucidem o tamanho e complexidade das relações sociais, políticas e religiosas que regiam o México Central as vésperas da Conquista, e que se fazem ausentes nas dissertações de Alamán. Explorar e adentrar como tal mundo foi reorganizado e ordenado por meio de negociações, trocas culturais e o aproveitamento de toda essa estrutura institucional no pós Conquista faz parte desta complexidade silenciada e da vitória da Conquista. Resumindo, um protagonismo indígena que contribua com a desconstrução de estereótipos imprecisos, construídos ao longo dos séculos coloniais, e que em certa medida perduram até os dias de hoje.

Ao longo da pesquisa nenhuma discussão falou tão alto para com a proposta deste capítulo do que a organização urbana dos grupos étnicos indígenas da região do México central, no entanto para começarmos é necessária uma breve

volta ao que foi escrito por Pablo Martins Coelho em sua dissertação sobre Tlaxcala. Em um dos aspectos mais fundamentais de seu texto, o autor se concentra na importância da guerra como um instrumento importante de manutenção da ordem, da organização social, religiosa e política. Os territórios eram expandidos e suas populações aumentadas ou diminuídas a partir do desenrolar de conflitos bélicos, que possuíam um próprio espaço reservado para as batalhas.

> "Nesse sentido, no primeiro capítulo, esboçaremos o papel da guerra nas sociedades mesoamericanas, colocando as questões militares em um contexto social e histórico para mostrar sua importância na criação e manutenção da Mesoamérica como uma área de cultura." (COELHO, 2010, p. 12)

Tomando a guerra como ponto de partida foi notado que ela por sí só não se insere sozinha dentro das sociedades indígenas ou como o autor chama: "áreas de cultura". Para tal é importante expandirmos e adentrarmos no contexto maior, onde a sua prática nos ajuda a compreender o contexto político, social e sagrado no qual estava inserido. Este contexto se expressa em grande forma nos estudos dos conceito de altepetl e calpolli da região do México Central, como estruturas sociais ordenadoras, assim como uma expressão urbanística distinta da qual os castelhanos estavam habituados.

Na sequência da discussão do capítulo, observaremos sobre as mudanças ocorridas no pós conquista, a reordenação do mundo indígena sob o ponto de vista da instalação de novas instituições, tendo como ponto de partida físico as mudanças urbanísticas baseadas nos antigos altepetl e suas instituições.

Para discutir os altepetl, temos como referência as ideias apresentadas na obra multidisciplinar *"Territorialidad y Paisaje en el Altepetl del siglo XVI (2006)"*, organizada por Federico Fernández Christlieb[50] e Ángel Julián García

[50] "Doutor em Geografia pela Universidade de Paris Sorbone, investigador no Instituto de Geografia da UNAM e professor nas faculdades de Arquitetura, Filosofia e Letras na mesma instituição, tem como principal linha de pesquisa a geografia cultural." (tradução do autor)

Zambrano[51]. Obra colaborativa que conta com cada capítulo escrito por autores diferentes discutindo aspectos importantes a respeito dos altepetl, sob o ponto de vista historiográfico, geográfico e antropológico. E também a obra de James Lockhart *"Los nahuas después de la Conquista: Historia social y cultural de la poblacíon indígena del México Central, siglos XVI-XVIII",* que tem como diferencial a utilização de fontes documentais em nahuatl fazendo assim, uma narrativa a contrapelo da historiografia tradicional canônica do período.

Iniciaremos tratando dos altepetl a partir de suas duas importantes e distintas traduções e compreensões, a do pré Conquista e a do pós Conquista. A primeira oriunda daqueles que falavam o nahualt, entendendo o altepetl como unidades básicas de moradia e organização étnica e de urbe. A segunda tradução realizada a partir do entendimento castelhano, o altepetl ganha uma gama mais ampla, aglutinada e correlacionada de significações as visões urbanísticas vistas na Europa.

> "Altepetl fue él término utilizado por los habitantes del náhuatl antes de la Conquista para denotar sus unidades básicas de organización comunitaria. Tras la llegada de los españoles a Mesoamérica, el vocablo fue traducido como "pueblo" o bien como "ciudad" cuando el tamaño y densidad del asentamiento les hizo pensar en una aglomeración urbana. Con esta primera traducción al castellano comenzó la redefinición de un concepto que originalmente no sólo implicaba- como propone esta traducción- aspectos urbanísticos o sociopolíticos, sino también de índole estética, simbólica, ecológica y geográfica." (CHRISTLIEB, ZAMBRANO, 2006, p. 13)[52]

[51] "Professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Autónoma do Estado de Morelos, além de ser doutor em História da Arte pela Universidade de Nuevo México, tem como principal linha de pesquisa a investigação a respeito da cognitividade da paisagem fundadora mesoamericana." (tradução do autor)

[52] Os autores apresentam duas ideias de Altepetl a serem desenvolvidas ao longo da obra, a primeira delas oriunda do nahualt e a segunda vinda da tradição otomi. No entanto para o uso didático do entendimento de Altepetl seguiremos trabalhando com a concepção nahuatl da ideia, evitando que a discussão se disperse muito do nosso cerne.

O território do altepetl no entanto era reservado apenas para os calpolli[53] principais, “[...] las cuales constituían el ámbito residencial y territorial del grupo étnico principal. Dicho grupo las adquiría simplemente por ocuparlas y, en caso de necesidad, las defendía por medio de la guerra.” (García, Zambrano, 2006, p. 38) Lockhart também apresenta e aprofunda o significado e as traduções de altepetl da seguinte forma:

> “[...]En una historia náhuatl del siglo XVI, se describe a los habitantes del valle de México en los tiempos anteriores a la conquista como “la gente de los altépetl”.
>
> La palabra en sí es una forma algo modificada de la doble metáfora in atl, in tepetl, “el(las) agua(s), la(s) montaña(s)”, y por tanto se refiere, en primer lugar, al território, pero lo que significa principalmente es una organización de personas que tiene el dominio de un determinado território.” (LOCKHART, 1999, p. 27)

3.2. O calpolli como um dos pilares do altepetl

Aqui é necessário realizar uma explanação a respeito dos calpolli um segundo elemento fundamental para compreensão do altepetl. Entendidos como “bairros” pelos espanhóis, os calpolli eram muito mais do que isso, eram verdadeiros “clãs étnicos”[54], que por sua vez tinham duas principais estratégias de expansão e sobrevivência, a primeira delas por intermédio da guerra, recebendo novos membros refugiados dos conflitos, ou por intermédio de matrimônios. E a segunda, pela incorporação de calpolli menores, realizadas muitas vezes pelas disputas bélicas ou pelo dinâmica interna dos interesses do altepetl.

[53] “Según Bandelier, los calpolli correspondían a los cuatro segmentos cardinales que los españoles llamaron “barrios”. Fuera del altepetl existieron tierras especiales, generalmente parajes llanos, requeridos por las guerras rituales (yaotlalli o “tierras de guerra”).” (LOCKHART, 1999, p. 27)

[54] James Lockhart em uma segunda possibilidade de definição dos calpolli diz o seguinte: “Por lo que respecta a las partes constitutivas del altépetl, se les conoce el nombre de calpolli, término que significa literalmente “casa grande”.” (LOCKHART, 1999, p.30)

Organizados de maneira comunitária ou comunal[55] as terras dos calpolli eram desprovidas de um entendimento de propriedade privada já habitual aos europeus.

> “A fin de cuentas, concluye el autor, la tenencia de la tierra en la sociedad mexicana antigua se daba de manera comunitaria y nunca de manera individual, así como tampoco la poseía o usufructuaba una sola persona. En consecuencia, al desconocer los conceptos de dominio territorial y propiedad privada que detentaban los españoles, los indígenas nunca imaginaron que los conquistadores y después la propia Corona pudieran interferir sobre sus derechos al usufructo de las tierras. Fue por ello que, cuando por primera vez los indígenas “vendieron” sus tierras a los españoles en 1617, ninguno de los grupos anticipaba las consecuencias que sus actos acarrearían.” (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 41)

Ainda sobre o tema James Lockhart, vai mais a fundo explanando sobre a quantidade de partes em que se dividiam as terras comunitárias dos calpolli:

> “Comoquiera que los llamemos, el número de los calpolli no era cosa dejada al azar. Parece que algunos grupos étnicos preferían siete partes, es probable que asociadas con las siete cuevas de la leyenda originaria, pero la mayoría optaba por la simetría. Cuatro, seis y ocho partes eran comunes (el cuatro es fácil de relacionar con un dualismo persistente, a la vez que coincida con los puntos cardinales y se ajustaba muy bien al sistema numérico

[55] Lockhart também acerta em um outro momento de seu texto que esse sentido de terras comunais dos grupos dos calpolli não funcionava totalmente desta maneira, existia também a possibilidade de herança para estes lotes. “En tiempos más recientes, los expertos han mostrado repetidas veces que, en lo que se refiere a la tierra cultivable, la práctica era que los individuos y las unidades familiares la trabajaran, la conservaran sobre una base a largo plazo y la heredaran.” (LOCKHART, 1999, p. 205)

> mesoamericano, y ocho es el resultado de duplicar ese número). Con frecuencia cada parte tenía su próprio dios."

Importante ressaltar a distinção que era feita entre as terras dos calpolli com as do altepetl, sendo que apesar disto, ambas as categorias de lotes continuavam entrelaçadas.

> "Dos categorías básicas para la clasificación de la tierra eran el *altepetlalli* "la tierra del altépetl", y el *calpollali*, "la tierra del calpolli". (*Tlaxilacalli*, "la tierra del tlaxilacalli", aparece más o menos con el mismo sentido que calpollalli, pero con mucha menos frecuencia.) De hecho, las dos palabras eran formas diferentes de referirse a la misma cosa; es posible que no haya existido tierra del altépetl que no fuera a la vez tierra del calpolli." (LOCKHART, 1999, p. 205)

Existia também um extenso e complexo controle de distribuição destas terras, controlado por funcionários do altepetl, normalmente os nobres (pipiltin), como explica Lockhart:

> "Las tierras eran asignadas por los funcionarios del calpolli (calpoleque) o por los "nobles" (pipiltin), un término que posiblemente haga referencia a las autoridades principales del altepétl. Una característica crucial del sistema anterior a la conquista era la conservación de registros pictóricos de todas las tierras cultivables sujetas a tributación en cada distrito, junto con los nombres de los que las poseían en ese momento. Los cronistas españoles posteriores afirman que ésa era la práctica prehispánica, y los registros de Tepotlaoztoc representan un ejemplo concreto, mostrando que el registro completo de la tierra seguía llevándose a cabo más o menos una generación después de la conquista." (LOCKHART, 1999, p. 207)

Esta base de controle e distribuição necessitava de uma matemática própria que desse conta do cálculo de extensão destes lotes, para tal foi desenvolvido uma série de instrumentos, que com precisão conseguiam medir e separar de maneira proporcional as porções de terras a serem distribuídas, repassadas, ou

herdadas. Porém dependendo do altepetl, cada medida poderia ter uma variação para mais ou para menos.[56]

> "La unidad primaria era grande, a menudo quizá entre 2.5 y 3.0m. En algunos lugares se la llamaba *quahuitl*, "la vara o palo", por la vara de medir que se utilizaba. (En las regiones de Tezcoco y Tepaneca, y quizá en otras partes, a menudo el término se ampliaba a *tlalquahuitl*, "vara de tierra".) En otros lugares era el *matl* o *maitl*, literalmente "brazo, mano", que hacía referencia a cualquiera de las varias formas por las que es posible indicar la distancia mediante la extensión del brazo." (LOCKHART, 1999, p. 208)

A questão de herdar as terras se mostra importante ao pensarmos sobre o papel que esta cumpre na fixação de um grupo étnico a uma determinada localidade, ajudando a enraizar os seus laços em comum como grupo, assim como toda uma cultura da qual se esta mergulhado e possibilitando o fortalecimento do calpolli e a manutenção da ordem do altepetl no nosso caso de análise.

> "Los sistemas de medición, asignación y registro de la tierra, entonces, muestran que el altépetl y el calpolli estaban imbricados profundamente con la tenencia de la tierra." (LOCKHART, 1999, p. 210)

Portanto é pertinente inferir sobre a questão das terras no alteptl, que a sua distribuição e manutenção estava de acordo com o funcionamento do altepetl, caracterizando esse regime de terras como algo mutável maleável e dinâmico de acordo com a situação, em períodos de guerra a distribuição se caracteriza por um determinado caminho em períodos de maior estabilidade ou de disputa

[56] Para unidade maiores de terra, se utilizava uma corda com variações maiores de unidades. "Para dimensiones mayores se utilizaban cuerdas, o así se puede concluir por el hecho de que mecatl, "cuerda, soga" tenía el sentido amplio de una parcela de tierra de cierto tamaño." (LOCKHART, 1999, p. 209)

política onde a manutenção do calpolli está em jogo, o regime assume um outro aspecto, tal como Lockhart disserta:

> “En general, se nos presenta la imagen de que en ocasiones relativamente raras, como la fundación del altépetl, las migraciones en gran escala y las derrotas o victorias decisivas en la guerra, las autoridades corporativas fragmentaban las mejores tierras en parcelas y las dividían entre los miembros del grupo según su rango y necesidad, pero que posteriormente la herencia y la distribución o división espontánea entre las personas que tenían y usaban la tierra eran el principal mecanismo de continuidad y redistribución, en forma muy parecida a la de Europa.” (LOCKHART, 1999, p. 212)

Sobre a dinâmica de crescimento dos calpolli vale ressaltar a absorção de calpolli menores, cada qual poderia ter vinculado a sí outros calpolli menores, tamanha possibilidade era prevista devido a manutenção das guerras nos territórios de *yaotlalli*. Cada calpolli possuía a sua própria organização administrativa interna, de alternância do poder de acordo com os interesses do respectivo altepetl. Uma organização política que nesse sentido poderia se assemelhar as relações de suserania e vassalagem típicas da idade Média, assim como discorreu a respeito Miguel León Portilla, ao referir-se as impressões tidas e escritas pelos cronistas das organizações americanas:

> “A sólida estrutura econômica da organização política dos mexicas, que já estava basicamente formada ao fim do governo de Montezuma I (por volta de 1469), foi objeto de muitas interpretações divergentes. A maioria dos cronistas espanhóis (e historiadores do século XIX, como Prescott, Bancroft, Ramírez e Orozco y Berra) haviam reconhecido que a sociedade mexica era, em muitos aspectos, semelhante á dos reinos feudais da Europa. Assim, para descrevê-la, não hesitaram em empregar termos semelhantes aos de reis e príncipes: corte real, *hidalgos* e cortesãos; magistrados, senadores, cônsules, sacerdotes e pontífices; membros da aristocracia, nobres de alta e baixa posição, proprietários rurais, plebeus, servos e escravos.” (PORTILLA, 1997, p. 41)

Para fins didáticos, citando Rudolf van Zantwijk, os autores García e Zambrano reproduzem a fim de esclarecer visualmente, uma distribuição de oito calpolli referentes a México-Tenochtitlán, do qual reproduzimos abaixo.

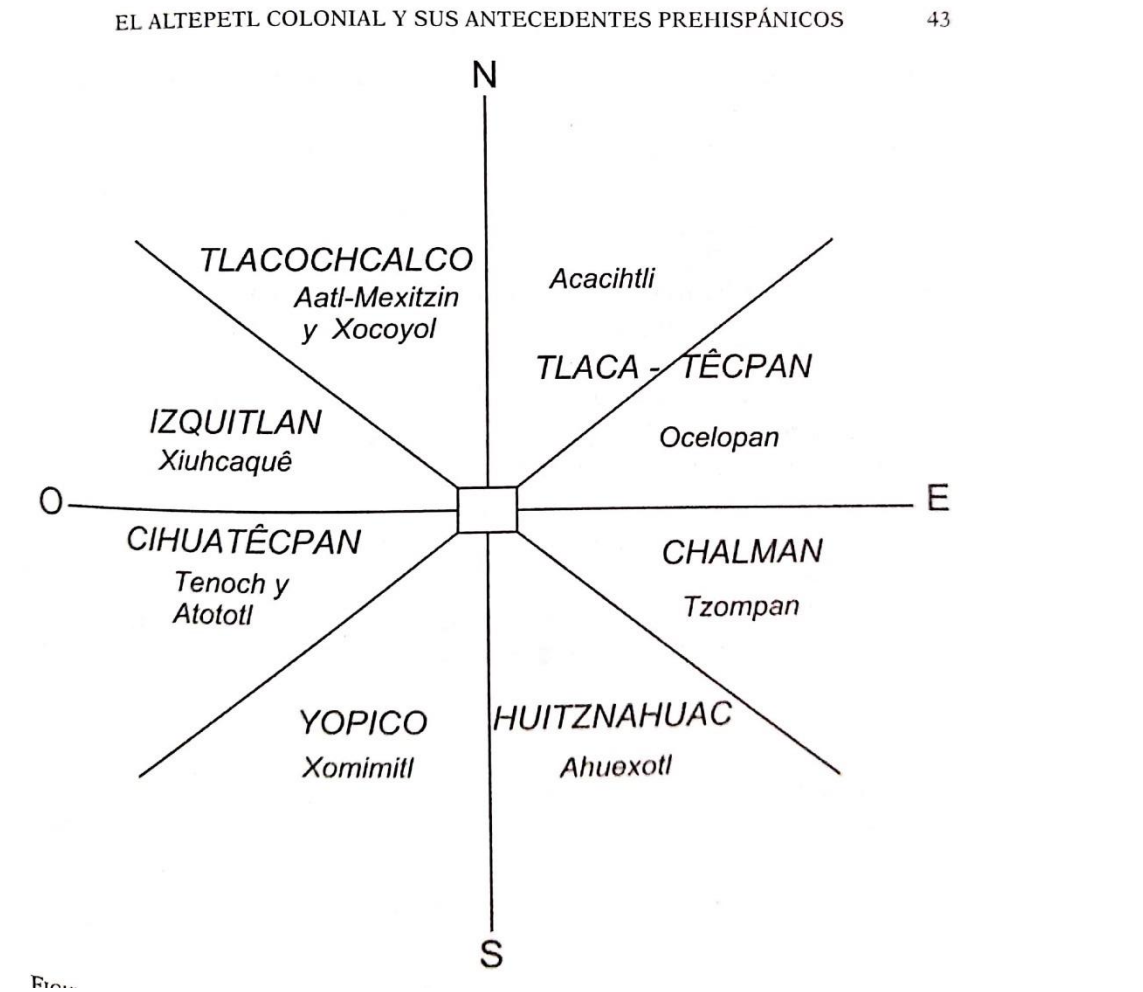


Figura 2. García e Zambrano, 2006, p. 43. "Distribuición de ocho calpolli, según Van Zantwijk."[57]

[57] RUIZ, Marcelo Ramírez. Territorialidad, pitura y paisaje del pueblo de indios. In: ZAMBRANO, Ángel Julián García; CHRISTLIEB, Federico Fernández. **Territorialidad y Paisaje en el Altepetl del Siglo XVI**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006. p. 43.

A partir dessa reprodução iconográfica, se torna visualmente mais fácil compreender do que se trata o altepetl. Na representação cada ponto cardinal representaria a extensão dos domínios do altepetl localizado no centro da imagem , e cada ramificação um calpolli vinculado a este altepetl.

> "Es decir, el altepetl no se limitaba a un centro urbano compacto, sino que se extendía sobre vastos territorios de diferentes dimensiones. Además, y contrariamente a los modos jerárquicos de urbanización imperantes en España (ciudad, villa y aldeã), el esquema indígena enfatizaba la distribución de las partes constitutivas del altepetl de una manera que Lockhart calificó de "celular o modular"[58]." (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p.48)

O altepetl então pode ser definido como um grande estado étnico, ramificado e complexo tendo nos calpolli uma de suas partes vitais e a guerra como uma ferramenta estratégica política. García e Zambrano articulam de maneira aprofundada tal entendimento do altepetl a partir das ideias de James Lockhart e Susan Schroeder.

> "Ambos investigadores definen el altepetl como un estado étnico que para existir necesitaba de un territorio específico, de un grupo de instituciones correspondientes a sus partes constitutivas (por ejemplo, los calpolli que generalmente coexistían de un número canónico fijo) y de un gobernante de linaje. También requería el organismo sociopolítico de una serie de estructuras arquitectónicas: el templo (*teocalli*) para la deidad tutelar de la ciudad, el palacio (*tecpan*) para el gobernante y el mercado (tianquiztli) para las actividades comerciales. Además, Lockhart y Schroeder demuestran que existieron en México central altepeme complejos, quizás nombrados huey altepetl ("gran ciudad,

[58] "La manera nahua de crear construcciones complejas, fuera en la política, en la sociedad, en la economía o en el arte, tiende a enfatizar las partes constitutivas del todo, de una manera relativamente igualitaria, separada y autocontenida, obteniendo como resultado la disposición simétrica y numérica de sus partes, su relación a un punto de referencia común y su rotación cíclica y ordenada." (LOCKHART, 1992, p. 15; traducción de los autores)

> provincia"), los cuales se constituían de altepeme individuales." (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 46)

3.3. A complexidade dos altepetl

Porém apresentando uma outra forma de analisar e enxergar o altepetl, James Lockhart o analisa a partir da sua complexidade, o que se mostrou uma outra visão de análise enriquecedora para o propósito de enxergarmos a grandiosidade dos altepelt, como no seguinte trecho onde escreve sobre as figuras de liderança:

> "Veamos primero la organización del altépetl en sus manifestaciones más sencillas, en forma algo abstracta quizá, porque en la actualidad empieza a conocerse que un grado considerable de complejidad y asociación era la regla general en el centro de México en los años en que llegaron los españoles. Los requerimientos mínimos para un altépetl, en la acepción nahua de la palabra (esto es, en lo que se refiere a los tiempos anteriores a la conquista), eran un territorio, un conjunto (por lo común un número canónico fijo) de partes constitutivas cada una con su nombre propio, y un gobernante dinástico o *tlatoani* (en plural, *tlatoque*)." (LOCKHART, 1999, p.29)

A complexidade ainda segundo o autor já era possível de se notar antes mesmo da fundação ou constituição de um altepetl em um território, remontando ao período de migrações dos grupos. Sendo que muitos desses grupos étnicos ao final de suas migrações já contavam em alguns casos com a figura de um tlatoque, e alguns também já tinham suas partes constituintes devidamente divididas, ou delimitadas, podendo assim cada uma delas possuir a sua própria "identidade" com seu próprio nome e a divindade protetora, estabelecendo tributações, divisão das terras, formação de guerreiros entre outros "papeis sociais" importantes para um funcionamento saudável.

García e Zambrano ao escreverem sobre a fundação de um novo altepetl, complementam com algumas informações, como por exemplo das primeiras construções, um templo que abrigará a deidade protetora. O segundo exemplo se trata da divisão das terras em quatro sessões cardeais. No caso de México-

Tenoctitlan, os calpolli tinham todos a mesma deidade, Huitzlopochtli[59]. (GARCÍA e ZAMBRANO, 2006, p.48) A despeito dos líderes dos maiores calpolli, ambos os autores dissertam também sobre a figura do tlatoani:

> "A los calpolli mayores de México-Tenochtitlan los gobernaba un tlatoani o teuctlatoani ("señor tlatoani"), título al cual se añadía un nombre correspondiente a su rango. El teuctlatoani organizaba el ámbito residencial de los habitantes del calpolli y sus propias divinidades. De entre los tlatoque (plural de tlatoani) de estas unidades se elegia al gobernante de la ciudad, quien tomaba el título de Huey o gran tlatoani. En este sentido, los calpolli resultantes devenían en unidades celulares menores gestadas al interior del altepetl, íntimamente relacionadas al poder central." (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 48)

A despeito da diferenciação com a figura agora do huey tlatoani, Miguel León Portilla escreve em *História da América Latina Colonial volume 1*, o seguinte:

> "A eleição do *huey tlatoani* era dever e privilégio de um número limitado de *pipiltin*[60]. Esse grupo representava a antiga nobreza a quem os plebeus prometeram obediência quando correram risco de ser aniquilados pelos tepanecas. Ser eleito governante supremo pressupunha fazer parte do grupo *tlazo-pipiltin*. As qualidades pessoais eram cuidadosamente examinadas pelos eleitores." (PORTILLA, 1997, p. 44, 45)

Assim como um altepetl poderia ter diversos calpolli sob sua tutela, estes mesmos calpolli poderiam se dividir em diversas sessões habitacionais com dezenas ou até centenas de habitações, todas elas trabalhando em conjunto

[59] O fato de Huitzilopochtli ser o deus da guerra, somada a história de criação do Estado Asteca, é mais um bom exemplo da importância do conflito dentro da manutenção e rotação da sociedade mexica.

[60] A respeito de quem são os *pipiltin*, o mesmo autor escreve: "Chamam a esse grupo os *tlatoque* (governantes) e os *pipiltin* (nobres) de Aztlan Chicomoztoc. Dão-se a si mesmos o nome de *macehualtin* (plebeus, com uma conotação de "servos"). Eram obrigados a trabalhar para os *tlatoque* dessa localidade e a pagar-lhe tributo." (PORTILLA, 1997, p.37)

principalmente com a função de prover ao altepetl. Um microcosmo dentro de um cosmo.

> “Por lo tanto, los calpolli constitutivos eran microcosmos del altépetl en muchos aspectos. A su vez, los calpolli se dividían en lo que se puede llamar secciones o distritos (no se há encontrado ningún término indígena equivalente) de aproximadamente 20, 40, 80 o 100 viviendas familiares, cada una de las cuales tenía un líder que era responsable de la asignación de la tierra, la recaudación de los impuestos y otras actividades similares. Por lo poco que sabemos, la organización a este nivel parece haber sido relativamente flexible, adaptada a las circunstancias particulares y sin la estabilidad a largo plazo de los calpolli que las originaban.” (LOCKHART, 1999, p. 32)

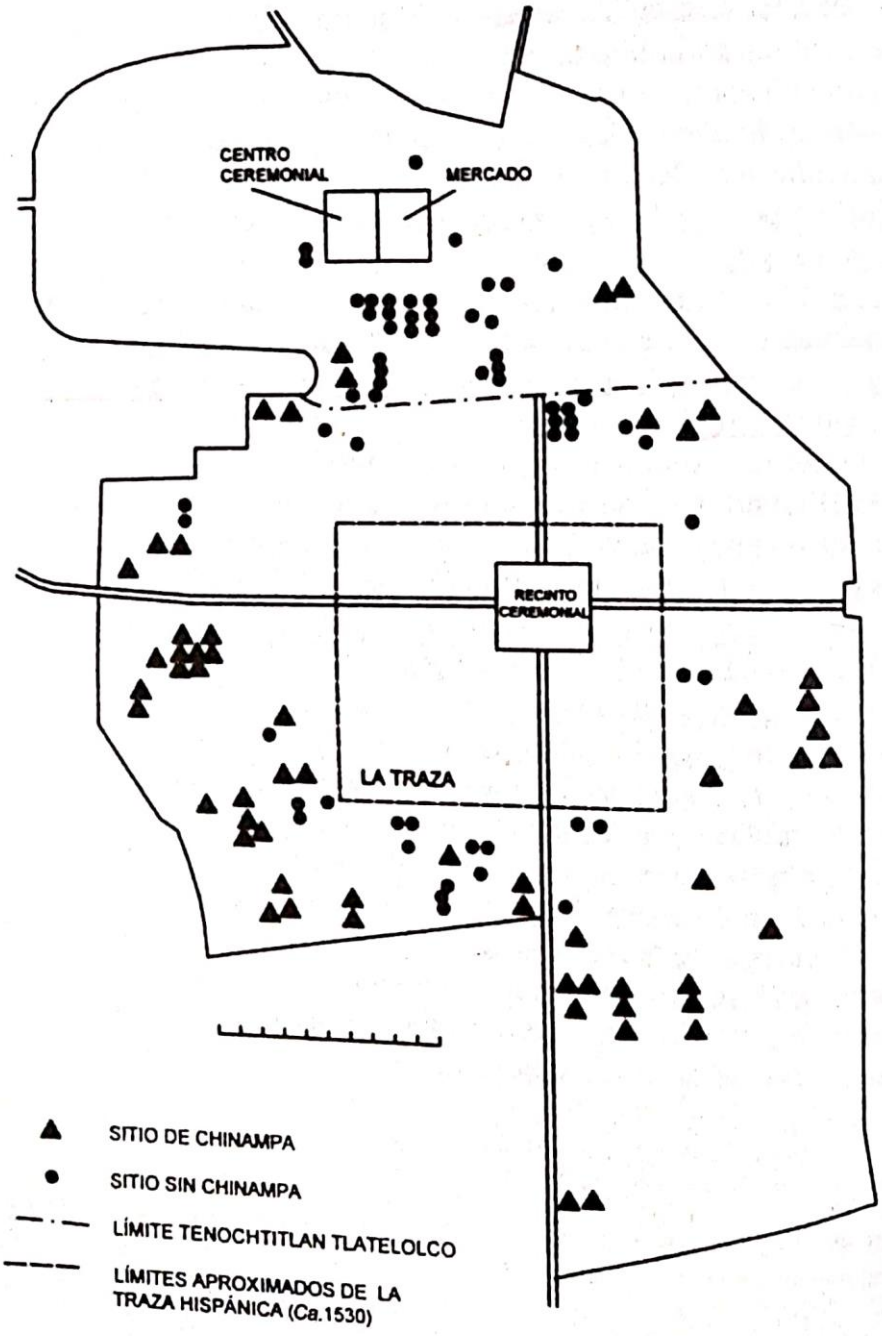


Figura 3. "México-Tenochtitlan. Cuatro calpolli cardinales y distribución relativa de los sitios residenciales con chinampa y sin chinampa en México-Tenochtitlan.")[61]

[61] GARCÍA, María Elena; ZAMBRANO, Ángel Julián García. El altepetl colonial y sus antecedentes prehispánicos: contexto teórico-historiográfico. In: CHRISTLIEB, Federico

A representação acima acrescenta maiores camadas de compreensão sobre a organização do altepetl, aqui vislumbramos novamente a organização de México-Tenochtitlan, desta vez com a adição de zonas de habitações. Interessante observar a extensão dos territórios pertencentes ao altepetl, e a sua distribuição de acordo com a função definida para cada um deles, isso é notável pela legenda do mapa ao referir-se a presença ou não de *"chinampas"*[62], um indicativo de onde se localizavam as áreas alagadas ou irrigadas próprias para a agricultura, demonstrando um forte vínculo com o altepetl. Sobre essa relação os autores discorrem.

> "Entre las funciones principales de los calpolli estaban las de proveer al altepetl, durante todo el año, de tributo en mano de obra y alimentos, así como guerreros cuando fuere necesario. Las contribuciones del calpolli a la ciudad se organizaron de la misma manera que el alteptl: cíclica, celular y simétricamente." (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 49)

Citando a Lockhart e Schroeder novamente os autores apontam para uma segunda diferenciação referente as etapas de ocupação dos territórios do altepetl e a organização dos calpolli, uma questão etimológica importante que nos fala um pouco mais sobre o seu grau de complexidade e organização.

> "Lockhart y Schroeder también discuten la diferencia o similitud entre los términos calpolli y tlaxicalli, llegando a la conclusión de que el primero se usaba solamente durante la fase migratoria del grupo, y el segundo, una vez hallado el territorio donde se instalaría el altepetl. Es decir, él término calpolli se referiría a los lazos de parentesco del grupo mientras el vocablo tlaxilacalli pudiera haber nombrado al calpolli una vez que ocupara un territorio determinado." (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 49, 50)

Fernández; ZAMBRANO, Ángel Julián García. **Territorialidad y paisaje en el Altepetl del siglo XVI**. Cidade do México: Fondo de Cultura Economica, 2006. p. 40.

[62] Chinampas, traduzidas ou entendidas como, canteiros flutuantes de madeira, organizados como passagem para as pessoas e das áreas de cultivo.

A complexidade e organização dos altepetl e calpolli também pode ser explicada pela vastidão e diversidade de seus territórios, unindo o urbano ao rural com densidades demográficas variantes, em uma mesma área urbana cortada por canais fluviais artificiais utilizados para irrigar as plantações, e consequentemente como meio de locomoção.[63]

Esta constatação por sí só já divergia e muito do modelo urbano ou habitacional europeu, onde as cidades e as áreas rurais eram bem definidas e limitadas com características marcantes, como uma alta concentração populacional nas cidades e uma predominância rural por áreas de cultivo agrícola e de pecuária, além de outros gêneros, tal como apontando a seguir.

> "El esquema indígena de ciudad se presentó entonces genuinamente incomprensible a conquistadores y académicos (lo cual también complico la investigación sobre la forma y significado de la ciudad indígena prehispánica, problema a tratar en la segunda parte de este trabajo). De ahí que, según destacara el historiador Bernado García Martínez en 1987, uno de los factores incidentes en el desmantelamiento del altepetl durante la Colonia fue el otorgamiento desarticulado de sus campos de cultivo a los encomenderos." (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 51, 52)

3.4. Os mecanismos de sobrevivência dos altepetl

A organização dos calpolli tinha como umas das primordiais funções a de manter o altepetl funcionando, para tal cada calpolli normalmente era liderado por um provado guerreiro conhecido como cabeça daquela organização, que previamente havia demonstrado as suas habilidades e capacidades guerreiras frente ao grupo.

O fato de os cabeças serem guerreiros "provados" tinha sua importância revelada em casos de calamidade ou de reordenamento da conjuntura política do altepetl. Como a queda de um calpolli superior, ou a escolha de um novo

[63] Es decir, la ciudad mesoamericana, independientemente del nombre indígena que la describa, incluiría las cercanas parcelas habitacionales y agrícolas, junto a las lejanas tierras de la periferia." (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 51)

tlatoque dentro da grande organização, sendo que em ambos os casos um dos cabeças de um dos calpolli acenderia dentro da organização abrindo espaço para um novo cabeça de um outro calpolli assumir a “vaga em aberto”. Uma rede de sucessões que era preenchida por outros cabeças ou tlatoques (no caso do altepetl de Tlaxcala por exemplo).

Uma exemplificação retirada da Biologia ajuda a entender esse mecanismo de sobrevivência desenvolvido por estes clãs étnicos. Semelhante ao processo de mitose das células do nosso corpo, onde a capacidade celular de se dividir em duas ou mais células independentes com o mesmo número de cromossomos, mantém o funcionamento do organismo como um todo. (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 53) A despeito do processo de provação dos aspirantes a líderes das cabeças dos calpolli, os autores ainda escrevem:

> “La identificación de dicho aspirante se resume en él decantado ideal expuesto por Fernando de Alvarado Tezozómoc en la siguiente sentencia: ‘Pues ya aquí estará tu tarea a que viniste, mirarás, afrontarás a la gente de las cuatro partes, impulsarás el poblado que lo agarrarás con tu pecho, tu cabeza, y es tu corazón, tu sangre, tu pintura, con que verás lo que nos prometiste.’ Por cuanto debieron ser numerosos los pretendientes a responder a tal llamado, su conducta debió de implicar escisiones de donde surgían los grupos inmigrantes. Por consiguiente, la frecuencia de los cismas y los movimientos divisionistas incidieron en el crecimiento espacial y demográfico del alteptl.” (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 54)[64]

As guerras, os matrimônios, os processos de migração de novos membros todos estes elementos faziam parte do corpo que mantinha o equilíbrio político do altepetl, no entanto um quarto elemento também tem atuação importante neste

[64] Os autores ainda colocam, que devido à complexidade multiétnica do altepetl eram frequentes conflitos internos entre todos os tamanhos de calpolli, o que criava uma rivalidade entre aspirantes a cabeças que a partir daquele momento necessitavam provar a sua capacidade de guiar o seu calpolli.

corpo, as relações de submissão entre os calpolli para com o altepetl. Ao citarem Adolf Bandelier os autores comentam o seguinte:

> “Segundo Bandelier, la sujeción de un grupo por otro constituía la norma en las relaciones sociopolíticas del altepetl. Ello propiciaba una asistencia logística en lo militar, un flujo constante de tributos y el fomento de uniones matrimoniales con base en acuerdos que afianzaban un equilibrio político entre los calpolli o tlaxilacalli que evitaba la amenaza de frecuentes secesiones. De tal modo quedaba asegurado el ascendiente de un grupo dominante sobre la totalidad multiétnica del alteptl.” (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 55)

Sobre as tributações, James Lockhart aponta que não existiam grandes distinções na arrecadação dos calpolli e dos altepetl, no seguinte trecho:

> “Como entidades iguales y separadas, los calpolli contribuían independiente y más o menos equitativamente a las obligaciones comunes del altépetl. Cada uno entregaría por separado su parte de una colecta general en maíz o algún otro producto, en el lugar común de recaudación que se le designaba; en épocas de guerra, cada uno contribuiría con una unidad de combate autónoma.” (LOCKHART, 1999, p.32)

No entanto, existia um “detalhe” importantíssimo que se tornava perceptível considerar quando se tratava de um altepetl ou não. Só existe altepetl onde há um tlatoani.

> “El orden de rotación se manifestaba sobre todo en las tareas realizadas para el tlatoani o rey, el punto de referencia primario de todo los calpolli y personificación del altépetl. Una idea importante, valedera tanto antes como después de la conquista, era que el altépetl existía sólo ahí donde había un tlatoani.” (LOCKHART, 1999, p.33)

Os processos migratórios que ocorriam dentro desta dinâmica também contribuíam para a circulação dos calpolli dentro das posições de subordinado

ou subordinador. Estes novos membros muitas vezes eram aceitos nas condições de mercenários, além dos matrimônios que fortaleciam a qualidade dos laços étnicos internos e entre os calpolli. “A final de cuentas, tanto la conquista de comunidades vecinas como la incorporación de inmigrantes o refugiados ocasionales incrementaba convenientemente las tasas tributarias.” (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 56)

A respeito da geopolítica ritualizada do altepetl e dos calpolli, vale ressaltar alguns pontos pertinentes a nossa discussão, a começarmos pela escolha do tlatoani. *“El gran tlatoani”* era escolhido a partir dos calpolli maiores e mais bem sucedidos, em sua figura eram destinados os tributos recolhidos que posteriormente eram distribuídos entre toda a hierarquia do altepetl, chegando até os calpolli. Dentre estes tributos podemos citar alguns como, soldados, terras cultiváveis, grãos, peixes, além de um remanejamento de algumas áreas do próprio território do alteptl respeitando a sua rotatividade.

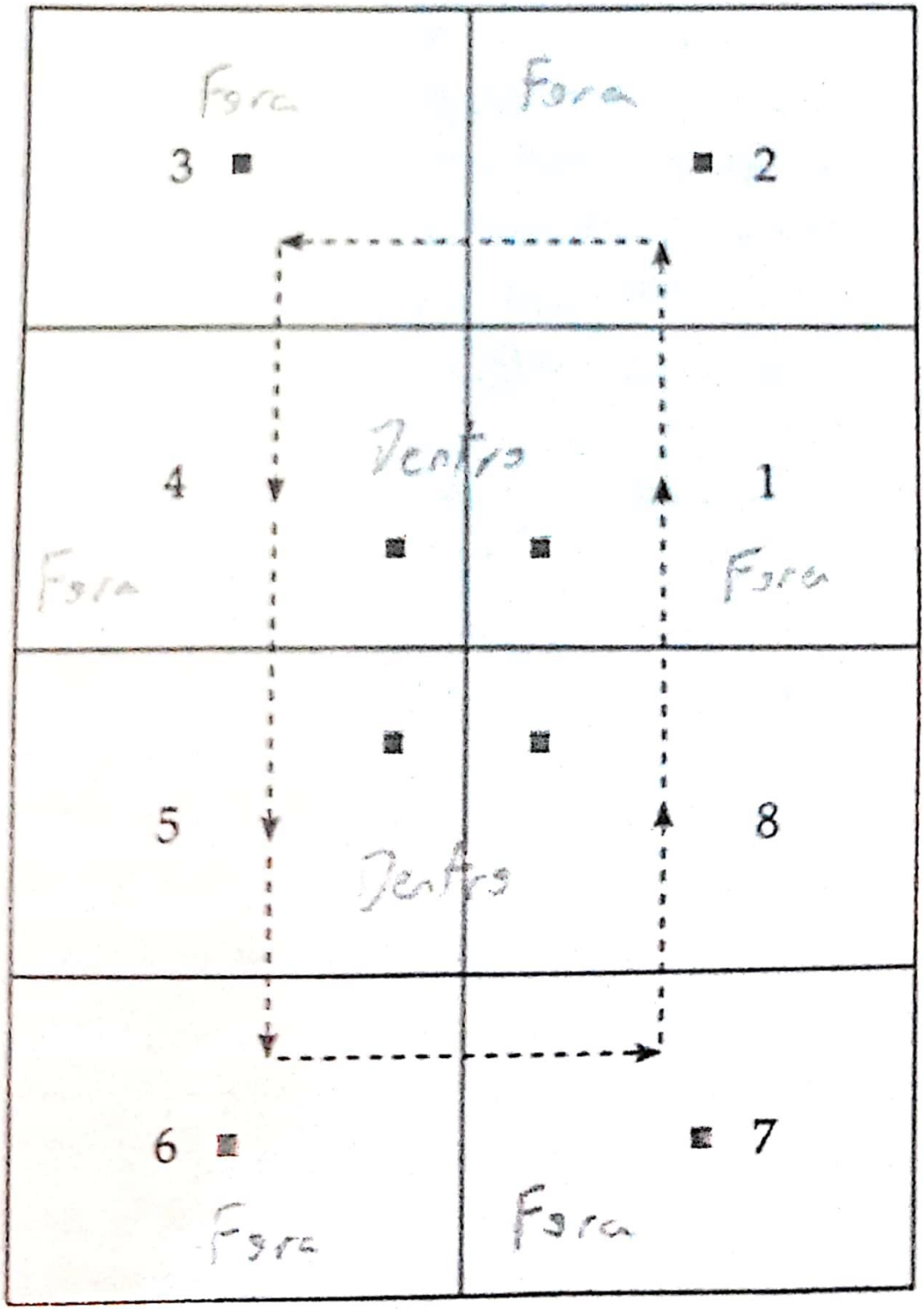


Figura 4 . Rotatividade das terras do altepetl[65]

A representação acima ilustra bem no cenário de um altepetl exemplificativo a rotatividade das terras, onde cada número representa um calpolli e a linha pontilhada o sentido de rotação das terras. Os pontos internos ao pontilhado representando os “cabeceras” e os de fora os “sujetos”, “al grupo concentrado del calpolli interiores lo denominaban la cabecera (“el poblado principal”), y a los calpolli exteriores los llamarían sujetos.” (LOCKHART, 1999, p.36).

Já em relação a fundação de novas povoações, estas ocorriam sempre nos limites dos territórios dos altepetl, além de serem marcadas por um cerimonial florido acompanhado de um grande banquete, do qual García e Zambrano pontuam o seguinte:

> “De hecho, durante el siglo XVI, a algunos antiguos indígenas, sus descendientes y recién llegados se les permitió circunvalar ceremonialmente los linderos del pueblo en señal de la nueva fundación. Los distintos actos iban acompañados del resonar de trompetas, descollando la colocación de piedras como signo de posesión de la tierra, el amarre de hierbas, el intercambio de abrazos y flores con pueblos colindantes y la organización de banquetes campestres, evento que marcaba el fin de la ceremonia.” (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 58)

No entanto tão fundamental como a cerimônia que marcava a nova fundação estava a escolha geográfica de onde se localizaria a nova fundação habitacional, esta contia algumas características que permitiam uma fixação populacional nas terras, ao mesmo tempo que a união étnica com o altepetl era mantida por meio da deidade protetora. O assentamento era escolhido a partir da combinação terrestre e celestial, facilitando a obtenção de água e a leitura das estrelas.

> “Ello privilegiaba la selección de un valle u hoya hidrográfica definida y confinada por sierras y cañadas que cerraban la visual sobre el horizonte. Funcionalmente, el circuito orográfico facilitaba

[65] LOCKHART, James. **Los Nahuas despues de la Conquista**: Historia social y cultural de la población indígena del méxico central, siglos XVI-XVIII. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1999. Tradução de: Roberto Reyes Mazzoni. p. 35.

> las observaciones astronómicas y las progresivas declinaciones del disco solar, a fin de organizar las actividades religiosas y agrícolas a través del año. Dichas actividades resultaban cruciales para el funcionamiento económico, sociopolítico y religioso de las sociedades indígenas. De esta manera la combinación del paisaje terrestre con el celeste, controlado visualmente desde el centro del poblado, generó un modelo geométrico de organización espacial aparentemente conformado por un cuadrado dentro de un círculo." (GARCÍA, ZAMBRANO, 2006, p. 62)

Portanto ao buscarmos entender a importância do que representava um altepetl para as sociedades indígenas e mais ainda para o altepetl de México-Tenoctitlan, temos nossa curiosidade aguçada no sentido de como a tradição historiográfica colonial ao longo de três séculos ou com o pós independencia, especificamente em nomes como William Prescott e Lucas Alamán conseguiu (em certa medida) apagar ou silenciar culturalmente toda uma complexa rede de ordenamento do mundo onde conhecimentos geográficos e celestiais convergiam, onde as guerras possuíam um "palco" único para as suas execuções e como toda uma série de diversos clãs conviviam sob um mesmo regime que permitia uma certa mobilidade social, e uma ritualização sacralizada que ordenava e dava sentido as suas vidas.

Ao nos debruçarmos sobre as dissertações de Alamán ou em outras historiografias, temos a possibilidade de acessar este passado do qual o autor não reconhece ou enxerga como legítimo para a sua construção nacional do que deveria vir a ser o México. Assim como Bernal Díaz del Castillo o próprio Cortés e outros cronistas que escreveram sobre a Conquista, Alamán dedica muito pouco espaço para analisar e discorrer sobre o sistema mexica e sobre a capital Tenochtitlan.

> "De allí salió Cortés para Mégico donde hizo su entrada el día 8 de noviembre de 1519, por entre una multitud de gente reunida en las calzadas y en canoas, llena de admiración con la vista de los caballos, de la artillería, del armamento y trajes de los caballos, de la artillería, del armamento y trajes de los soldados, los cuales por su parte veían con asombro y no sin susto, aquella gran ciudad en

> que por todas partes se echaba de ver um grado de civilización, al que no habían encontrado nada semejante en todo lo descubrimiento hasta entonces en América, y en la que podían ser prontamente destruidos por la facilidad de cortar las comunicaciones, alzado los muchos puentes construidos en las calzadas." (ALAMÁN, 1844, p. 103)

O que estes cronistas e historiadores se debruçaram com empenho, foi em registrar e fixar numa memória histórica a idolatria, a barbaridade dos sacrifícios humanos, as fraquezas dos nativos, oportunidades a serem exploradas, passagens heroicas e valorosas e o mais importante para nós neste momento, a passividade indígena, como meros espectadores de uma história. Cortés olhava e narrava os fatos a partir da sua perspectiva, deixando de lado nesta passagem a visita do "señor de Pueblo" como uma tentativa de se inserir uma nova dinâmica política dentro de um cenário político complexo e cheio de disputas internas, conforme é possível inferir na seguinte passagem:

> "Y él me envió con ellos una persona principal y aun, según decía, señor de un pueblo, el cual me dio de su parte cierta ropa y piedras y plumares, y me dijo que él y toda su tierra están muy contentos de ser vasallos de vuestra majestad y mis amigos." (CORTÉS, 1520, p.13)

Deixando de lado a existência de dinâmicas internas complexas e profundas capazes de criar ritualidades acerca da guerra, laços étnicos consistentes e um sistema de tributação que se mostraria muito útil aos interesses da coroa, além de toda uma cadeia de relações políticas capazes de gerar atritos entre os maiores altepetl, levando a um jogo de poder e disputa para se livrar da dominação ou expandir os seus domínios.

> "Una vez que los españoles se convirtieron en el nuevo poder militar y económico de la región, no había nada que evitara que el conglomerado imperial se fragmentara en sus altépetl étnicos constitutivos, como de hecho ocurrió durante la propia conquista española. Liberarse de las obligaciones imperiales era en gran parte la razón por la que muchos grupos mexicanos centrales

> abrazaron tan rápidamente la causa de los invasores." (LOCKHART, 1999, p. 45)

A seguir na próxima sessão do capítulos nos preocuparemos em olhar e analisar mais profundamente como se deu as relações entre os nativos mesoamericanos e os invasores castelhanos após a Conquista, e como o cenário político e urbano vai se modificando, a partir de negociações e permanências, e como tais movimentos foram omitidos dos relatos de cronistas, de religiosos e de uma geração de historiadores da qual Alamán pertenceu.

3.5. Um novo padrão de urbe: a aglutinação étnica por metro quadrado do mundo colonial

Após a Conquista de México-Tenochtitlan se inicia um processo de colonização das novas posses castelhanas, este processo tem como uma das suas principais marcas as encomendas, processo em que se confiava a um encomendero comunidades nativas inteiras sob seus cuidados, em troca da exploração dessa mão de obra em atividades agrícolas, mineradoras e na pecuária o encomendero deveria zelar pela educação e conversão desses indígenas.

A ideia da coroa resumidamente era, garantir a alma dessa nova gente ao mesmo tempo que desenvolveria uma nova colônia em cima de sua exploração como mão de obra, no entanto a experiencia anterior das ilhas do Caribe havia deixado algumas lições para os colonizadores, retomemos brevemente esta experiencia.

A ilha de Hispaniola (atual Ilha de São Domingos), viu o estabelecimento do trabalho forçado indígena, trouxe como consequência um declínio populacional elevado devido as mortes desses nativos, deportados de suas terras e colocados a trabalhar sob um regime totalmente diferente do que o habitual das ilhas de onde viviam. Soma-se a isso as decisões autocráticas de colonos e conquistadores a fim de manter uma oferta ativa de mão de obra atacando e destituindo populações inteiras de seus domínios e levando-os a Hispaniola, sob a possibilidade do rápido enriquecimento e ascensão social, passando até por um choque biológico expondo estas populações a uma série de novas enfermidades.

> “Numa tentativa desesperada de manter a oferta de mão-de-obra, os colonos realizaram ataques maciços às Bahamas e deportaram sua população lucayo para Hispaniola. Todavia, à medida que chegavam da Espanha novas levas de imigrantes em busca de uma fortuna rápida, a importação de mão-de-obra forçada das ilhas vizinhas não passava de um mero paliativo. A estabilidade buscada por Ovando se mostrava absolutamente elusiva, e a tentativa de impô-la por meios autocráticos provocava acerbos ressentimentos contra o governador.” (ELLIOT, 1997, p. 153)

O elevado número de vítimas indígenas dessas expropriações levou em 1518 por parte da coroa já sob o regime de Carlos V, ao estabelecimento do tráfico de escravizados negros.

> “Mas em 1518, após a sua morte e com a benção dos hieronimitas, o tráfico recomeçou sob a égide da coroa, pois Carlos V concedeu a um membro de sua família borgonhesa uma licença para que enviasse quatro mil escravos para as Índias no curso de oito anos. Este vendeu imediatamente a sua licença aos genoveses. Um novo e lucrativo comércio transatlântico se constituía, quando o Velho Mundo da África era chamado a restabelecer o equilíbrio demográfico do Novo.” (ELLIOT, 1997, p. 155)

O declínio da escravização dos indígenas de Hispaniola e do restante do Caribe, teve seu expoente em uma dura e forte crítica que levou a um longo debate acerca das definições teológicas, filosóficas e jurídicas dos indígenas, sobre a sua condição como seres humanos, tomado a cabo pelo frade dominicano Bartolomé de Las Casas.

> “O declínio progressivo tanto da população nativa de Hispaniola quanto da não-branca trazida de fora produziu duas reações diversas, cada uma delas com importantes consequências para o futuro da América espanhola. Provocou, em primeiro lugar, um intenso movimento de indignação moral, na própria ilha e na metrópole espanhola[...]. O maior prosélito que conseguiu para a sua causa foi Bartolomé de Las Casas, que em 1514 renunciou a

> sua encomenda e a seus interesses comerciais na ilha e dedicou os 52 anos restantes de uma vida turbulenta à defesa apaixonada dos súditos indígenas da coroa espanhola.” (ELLIOT, 1997, p.154)

Um grande e desordenado movimento populacional forçado, de invasões muitas vezes arbitrárias e até escolhas ruins de fundação de vilas e povoações, acabaram por contribuir para a difícil missão colonial nas ilhas do Caribe, tanto para os castelhanos mas principalmente para as populações locais destas ilhas que testemunharam viram serem saqueadas a sua gente, as suas povoações e a sua ordem de compreensão e relação com o mundo.

No entanto ao chegarem no continente os invasores castelhanos dão de cara com um contingente populacional muito maior do que o imaginado conforme caminhavam em direção a México-Tenochtitlan. Neste momento as experiencias urbanísticas e militares da reconquista ibérica das mãos dos mouros teve grande serventia para a organização do Novo Mundo a partir de 1519. A primeira das heranças que destacamos da reconquista se trata da fundação de povoações, estás vistas como uma das primeiras etapas do processo de civilização.

> “La fundación de ciudades, villas y poblaciones con concejo, que, como vimos, tuvo papel relevante en el proceso de reconquista llevado a cabo por los reinos cristianos en la península ibérica, se convirtió en una verdadera obsesión al tratarse de la ocupación, primero de las Antillas y después de las tierras novohispanas. Kagan encuentra que la idea de ciudad que portaban los españoles implicados en el proceso de asimilación de las tierras americanas hacía especial énfasis en el ‘concepto aristotélico de la ciudad como *locus* de la civilización’.” (RUÍZ, CHRISTLIEB, 2006, p. 131)

O isentivo para tal empreendimento pode ser percebido nas *ordenanzas* de Cortés a respeito da organização das povoações e vilas coloniais, passando também pela organização militar dos colonos e das encomendas. Tal como trás Aláman nos apêndices de suas *Disertaciones*:

> “Ordeno y mando que cada una de las dichas villas haya dos alcaldes ordinarios y cuatro regidores, é un procurador, con escribano del consejo de ella los cuales rijan, é juzguen las causas

> así civiles como criminales que en las dichas villas y sus términos se ofrecieren, cada uno de estas dichas personas en los que toca y ateñen al oficio de cada uno, sin se entremeter los dos alcaldes en los oficios de los regidores, ni los regidores en los oficios de los alcaldes, los cuales dichos oficiales mando y ordeno que se nombren en cada un año por el día de la Encarnación del Hijo de Dios, que es el primer día del mes de enero..." (ALAMÁN, 1844, p.120)

Neste documento datado do ano de 1525, *"Sacadas como los documentos anteriores del archivo del Exmo. Sr. Duque de Terranova Y Monteleone"*, Cortés escreve a respeito da fundação de duas vilas, apelando sob a pretensão de continuar a servir a sua majestade (mais uma vez), passa instruções distribuídas ao longo de 27 itens, acerca do processo de organização destas vilas, com a presença de dois alcades (prefeitos), além de todo um corpo administrativo civil, que visava beneficiar todo um tráfego comercial entre as vilas, facilitando o escoamento de produtos, o que demonstra a implementação das instituições castelhanas em áreas afastadas dos centros de maior densidade do México Central.

A realocação das populações indígenas era parte fundamental do processo civilizador, sendo levada e organizada pela coroa e repassada diretamente a Cortés, e amparada legalmente pelos efeitos das leis de Burgos de 1512, tal como Ruiz e Christlieb dissertam:

> "Las leyes de *Burgos* permanecieron vigentes hasta la instrucción de 1523. A partir de las recomendaciones vertidas por sus teólogos y considerando la experiencia desastrosa del Caribe, la Corona instruyó a Hernán Cortés también sobre la forma en que habría de organizarse a los indios en pueblos. La instrucción volvió a responsabilizar a los colonos europeos de apartar a los indios de su antiguo modo de vida." (RUÍZ, CHRISTLIEB, 2006, p. 133)

As leis de Burgos portanto podem ser consideradas um exemplo que podemos apontar de um silenciamento das relações e dinâmicas internas presentes na região do México Central e principalmente em áreas mais afastadas. O caráter

de suas almas e a sua falta de civilidade continuaram a ser os dois principais argumentos utilizados para a sua dominação, negando aos indígenas uma voz histórica.

> "La idea consistía en que a pesar de que los indios tenían una naturaliza monstruosa y cerril era posible civilizarlos, al organizarlos políticamente en repúblicas y trasladarlos a vivir a una puebla trazada y urbanizada sobre tierra preferiblemente llana." (RUÍZ, CHRISTLIEB, 2006, p. 140)

Assim como no Caribe, os castelhanos implementam a concentração destes povos em vilas, congregações, encomendas, novas cidades, e etc., como forma de civilizar através da conversão a verdadeira fé, inanimados nas documentações estas populações e atribuidos de significações muito simples e reducionistas ao compararmos com toda a experiencia social e política dos altepetl. Mesmo que os impactos da colonização por intermédio das ordenanzas e das encomendas tenham sido distintos nas áreas periféricas e centrais dos altepetl, variando bastante para cada região, desestruturando ou não o altepetl e a sua organização antiga.

> "Al sacarlos de sus lugares, los colonos trataron de impedir a los pueblos mesoamericanos sus asociaciones rituales con los paisajes sagrados, para luego reorientar su religiosidad, hacia la iglesia o convento construido en el nuevo núcleo urbano." (RUÍZ, CHRISTLIEB, 2006, p. 144)

A respeito desta simplificação e até crueldade cultural, podemos dizer, tomemos o exemplo das congregações, como grandes unidades de conversão, das quais Ruiz e Christlieb comentam o seguinte, sobre a obra de Ernesto de la Torre Villar[66]:

> "El mismo autor concluye que la congregación "alteró las bases económicas de la sociedad indiana, destruyó muchas de las formas de relación social y política existentes en la época prehispánica,

[66] *Las congregaciones de los pueblos de indios. Fase terminal: aprobaciones y rectificaciones,* 1995.

> diluyó nexos de parentesco, de relaciones étnicas, de afinidades culturales, idiomáticas, religiosas, para constituir un amplio conglomerado controlado, vigilado y dirigido por el grupo dominador.” (RUÍZ, CHRISTLIEB, 2006, p. 144)

3.6. As novas instituições, o impacto colonial nas zonas periféricas dos altepetl

O novo modelo colonial, agora opunha de maneira física e distinta o urbano e o rural, algo inconcebível e rompedor dos conhecimentos e leituras do mundo que os mesoamericanos possuíam até então. Para uns resposta, já para outros uma grande interrogação sobre o futuro.

> “Esta oposición entre lo rural y lo urbano era incompatible con la territorialidad indígena. Mientras que para los españoles era parte fundamental de su explicación sobre la organización política del território en un mundo civilizado, para los naturales carecía de significado.” (RUÍZ, 2006, p. 144)

A resposta veio em grande medida para o lado dominante, a implementação e reordenamento das novas posses coloniais se deu pela utilização das instituições de Estado, que traziam consigo uma série de novos conceitos que codificavam novos e destintos sentidos as populações originárias, como por exemplo a noção de território.

> “El concepto y la práctica de lo que es el territorio tiene una larga historia. Si bien el vocablo deriva del latín *territorium*, Isidoro de Sevilla escribió en la primera mitad del siglo VII que su origen estaba asociado a la palabra *tauritorio*: “Esto es, triturado por los bueyes y el arado, pues los antiguos delimitaban las lindes de sus posesiones y sus territorios trazando un surco.” La voz territorio se refiere, así, a la existencia de tierra deslindada; sin embargo, como dice García Gallo, este concepto no fue claramente enunciado en los documentos legislativos del derecho castellano medieval. En 1611, Sebastián de Covarrubias anoto en su Tesoro de la lengua castellana, o española que se entiende por territorio “el espacio de tierra que toma algún pago, o jurisdicción.” Aproximadamente, el

> mismo concepto fue formulado en el Diccionario de autoridades en 1739: es “el sitio o espacio que contiene una ciudad, villa o lugar”, y también “el circuito o término que comprende la jurisdicción ordinaria”.” (RUÍZ, 2006, p.169)

A origem do exercício de posse para os castelhanos remetia mais uma vez a reconquista ibérica e um passado medieval, nesse entendimento de território a dominação e presença físicas eram fundamentais para um bom desenvolvimento jurídico da posse sobre o território, ou a territorialidade.

> “De acuerdo con las definiciones comentadas de *territorio, término, lindero y mojón*, se puede entender la territorialidad, como la posesión, y demarcación de un espacio por parte de una autoridad jurisdiccional.”
>
> “Estos documentos conformaron la base jurídica que utilizaron las poblaciones cristianas fundadas o recuperadas después de la expulsión del islam para ejercer una serie de prerrogativas o fueros ante el poder de los reyes, los cuales procuraron, sin embargo, el establecimiento de una ley general para sus reinos.” (RUÍZ, 2006, p. 172)

Portanto a territorialidade espanhola veio com a dominação física seguida de toda uma máquina estatal e burocrática que controlava e coordenava as ações de colonização na América, tal como Marcelo Ramírez Ruiz comenta:

> “La Corona puso en práctica su política territorial a través de esta estructura de gobierno, de modo tal que, aunque la expansión de sus fronteras quedó a cargo de las iniciativas particulares, no perdió el control de sus dominios ni dejó de ejercer sus derechos patrimoniales y políticos;” (RUÍZ, 2006, p. 174)

Esta presença da máquina estatal se faz presente também nas *ordenanzas*, tomemos o exemplo de mais uma delas escrita por Cortés e citada por Alamán. “En que se declara la forma y manera en que los encomenderos pueden servirse y aprovecharse de los naturales que les fueren depositados...” (Alamán, 1844, p. 137)

> “1. Primeramente: que cualquier español, o otra persona que tuviere depositados o señalados indios, sea obligado a les mostrar las cosas de nuestra santa Fé, porque por este respecto el Sumo Pontífice concedió que nos pudiésemos servir de ellos y para este efecto se debe creer que Dios nuestros Señor ha permitido que estas partes se descubriesen, y nos ha dado tantas victorias contra tanto número de gentes.” (ALAMÁN, 1844, p.138)

Em um segundo momento do documento, Cortés retoma e nos mostra a presença física da máquina estatal colonial, na apresentação da mão de obra indígena a um funcionário real.

> “5. ítem. Mando que los indios que se sacaren de sus pueblos para hacer labranzas, e casas, y otras haciendas á los españoles que los tiene depositados, que los traigan derechos ante mi lugar teniente para que asienten el día que viene á servir, y que no estén en el dicho servicio más de veinte días, y acabado este tiempo los torne á traer ante el dicho mi teniente y escribano...” (ALAMÁN, 1844, p. 141, 142)

E um último exemplo do mesmo documento, onde Cortés escreve sobre o rodízio da mão de obra, e o intervalo de 30 dias entre a utilização dos grupos de trabalho, onde é possível perceber um amparo legislativo que nos remete a experiencia negativa das encomendas caribenhas.

> “10. ítem. Mando que no se dé licencia á ninguno de los que tuvieren indios depositados, después de los haber traído á servir, para los tornar á traer otra vez hasta que sean cumplidos treinta días después que los despidió para que se fuesen á sus casas, lo cual se ha de ver por el registro del escribano ante quien se registraren los dichos indios, so pena que el juez que diere la tal licencia, antes de cumplido el dicho tempo, pague doscientos pesos de oro, aplicados como dicho es.” (ALAMÁN, 1844, p. 141)

Não só de um reordenamento demográfico em novos tipos de povoações se moveu o processo colonial posterior a conquista, a introdução de novas tecnologias e gêneros agrícolas também se fez presente e impactando

consequentemente o funcionamento e a utilização das terras por parte dos mesoamericanos. Como por exemplo o impacto da atividade pecuarista sobre os *pueblos* indígenas, já que se trata de uma atividade que demanda uma grande quantidade de terra.

> "Desde las últimas décadas del siglo XVI, las estancias y haciendas ganaderas se convirtieron en una de las principales amenazas para la sobrevivencia de los indios, tanto por la invasión de sus tierras como por la destrucción de sus sembradíos. Los daños eran tan grandes que las protestas llegaron a los legisladores del Consejo de Indias, quienes en 1581 determinaron ampliar de 1000 varas (830m) a por lo menos media legua (2095m) la distancia que separaba al pueblo de indios de la próxima propiedad ganadera." (RUÍZ, 2006, p. 184)

A chegada de novos colonos também impacta diretamente na distribuição das terras para estes, os agrupamentos indígenas funcionaram também com esta finalidade, que assim como no Caribe teve um grande impacto sentido num aumento significativo da taxa de mortalidade, tal como comenta Marcelo Ramirez Ruiz:

> "La congregación de los indios en pueblos, de acuerdo con los criterios explicados en este capítulo y en el anterior, fue una experiencia que se desarrolló al mismo tiempo que las mortandades y la entrega de sus tierras a los colonizadores españoles, principalmente entre 1540 y 1620. Durante este período, la Corona facilitó la colonización hispana a través de una serie de medidas entre las que se cuentan la autorización a los indios para vender sus tierras (1571) y la llamada "composición" (1591), mediante la cual los españoles pudieron confirmar tanto la posesión de aquellas tierras que habían recibido legalmente como de las invadieron." (RUÍZ, 2006, p. 187)

O altepetl portanto perde uma de suas fundamentais características, a rotatividade do uso das terras, a reorganização do trabalho força a mudanças drásticas que forçosamente afetava a vida desses grupos étnicos que não

possuíam um status que possibilitasse uma manutenção da sua posição social, tal como os pipiltin.

> “A partir de esta estructura básica, en altepetl funciono como un sistema rotatorio para la entrega del tributo, los trabajos colectivos, la celebración de las fiestas o la distribución de las responsabilidades públicas.” (RUÍZ, 2006, p. 204)

No entanto estes impactos são mais sentidos nas zonas periféricas dos antigos altepetl, por sua vez nas regiões de maior urbanização, o centro dos altepetl, os impactos da dominação de um novo grupo de senhores é sentido de uma forma diferente, onde as fontes nos indicam que os diálogos entre ambos os mundos se realizou de maneira mais efetiva e a manutenção do “antigo regime” pré conquista perdurou por muito mais tempo.

3.7. O diálogo entre mundos, as permanências culturais dos antigos altepetl

Ao olharmos para as dinâmicas que se desenrolaram no altepetl de México-Tenochtitlan pós conquista, notaremos diferenças claras com o processo que se desenvolveu nas zonas periféricas do altepetl. Uma das principais características que marcou fortemente essa nova relação com um novo soberano foi a negociação, não que fora das zonas mais urbanizadas não houvesse negociações entre lideranças indígenas e os espanhóis, porém de acordo com as fontes utilizadas neste capítulo a marca maior digamos assim, se registrou no altepetl.

> “No obstante, con frecuencia una unidad de gran tamaño y mucha complejidad tenía buenas posibilidades de no ser modificada. Varias de las entidades más grandes eran tan valiosas que nunca fueron conferidas en encomiendas o fueron encomiendas sólo durante algunos pocos años después de la conquista; de esa manera, permanecieron bajo la jurisdicción directa de la Corona y las presiones ordinarias para la subdivisión fueron menos fuertes. Xochimilco, con tres tlatoque y tlayácatl, durante mucho tiempo siguió siendo una parroquia y una corporación municipal...” (LOCKHART, 1999, p. 49)

As *ordenanzas* de Cortés trazidas e lidas por Alamán, apontam para uma capacidade administrativa de Cortés relativamente ingênua, onde o interesse de Alamán para com a figura cortesiana, mostram uma leitura interpretativa das *ordenanzas,* que apontam para um legalismo mexicano, que mais uma vez tem na figura de Cortés o seu exemplo percursor, essa leitura só se torna possível pelo uso da documentação *in loco* por parte do autor, que por sua vez não elabora questionamentos acerca dos acontecimentos narrados, deixando transparecer uma leitura científica positivista da História, típica do século XIX.

Lockhart continua a argumentar sobre as negociações dentro dos altepetl, trazendo o exemplo de Tlaxcala como um dos altepetl que escaparam a reorganização sob a ordem das encomendas, no entanto isso não quer dizer que o "dedo" do estado colonial não interferisse no funcionamento das instituições nativas, podemos aqui citar um segundo exemplo, o da criação de diversos governos municipais dentro dos altepetl do México central, partindo dos maiores para os menores.

> "La campaña para crear gobiernos municipales al estilo hispánico en el altépetl del México central se prolongó durante muchos años de la parte media del siglo XVI y, característicamente, afectó primero a las entidades más grandes e importantes." (LOCKHART, 1999, p. 49)

Essa criação de novos cargos, interfere de maneira direta nas disputas e tensões políticas existentes dentro dos altepetl, as sucessões e disputas que as vezes chegaram a resoluções que apelavam para a violência, começaram a minguar conforme o aprofundamento das novas instituições coloniais e o surgimento de novos cargos que absorvessem ou necessitassem de maneira estratégica da presença de lideranças indígenas as sus frentes.[67]

[67] Ainda a respeito dessa questão, Marcelo Ramírez Ruíz comenta o seguinte sobre a reconfiguração dos altepetl: "La encomienda, el corregimiento, la parroquia y la congregación de los pueblos sujetos en la cabecera modificaron la estructura tradicional del altepetl, pues vaciaron en una territorialidad vertical y urbana una jerarquía que funcionaba como sistema rotatorio." (RUÍZ, 2006, p. 205)

> “Después de la conquista, a pesar de la mayor mortalidad debido a las enfermedades, la disminución de los fratricidios, del exilio y de la guerra dejó a más que suficientes tlatoque potenciales en el escenario. Una gobernación rotativa se adaptaba bien a la nueva situación, pues satisfacía a varios de los pretendientes por turno, en vez de sostener a uno durante toda su vida. Los nobles de alto rango que no eran sucesores de una jefatura dinástica tenían toda la razón para estar satisfechos con los nuevos arreglos y, es más, es sólo a los propios tlatoque que vemos quejarse.” (LOCKHART, 1999, p. 53)

Um desses “cargos” que passa por essa experiencia de ressignificação é o do tlatoani, a figura que concentrava as tensões políticas e resoluções de conflitos seja por vias de matrimonio ou tributações, seja também por meio das guerras, acaba por passar por uma multiplicação de número de cargos cuja responsabilidade estava em ser o elo dos povos originários com os novos senhores coloniais.

> “Por otra parte, el gobernador indígena en el México central durante el período posterior a la conquista habría de ser por lo general un membro permanente de la unidad sobre la cual presidia. Por lo común, es más habría de ser en primera instancia el único o más importante tlatoani del altépetl que se estaba reorganizada como municipalidad.” (LOCKHART, 1999, p. 50)

O que por sua vez intensificou as trocas culturais, as manipulações políticas e as estratégias de sobrevivência e manutenção de privilégios que remetessem ao período pré conquista, podemos trazer aqui o exemplo claro da “educação branca”, dada a uma aristocracia indígena por meio de clérigos religiosos de diversas ordens, o que por sua vez acabou por gerar novos relatos sobre o mundo mesoamericano antes da Conquista. Muitas destas situações escaparam das leituras de Alamán dentro de suas dissertações, mas suas análises são fundamentais pois apontam para os múltiplos interesses das nobrezas indígenas.

Como é o caso do *Códice Florentino* organizado por frei Bernardino de Sahagún, que colheu diversos depoimentos de seus informantes indígenas entre os anos de 1550 e 1555. Ou também o caso de Diego Muñoz Camargo, um dos primeiros historiadores mestiços, filho de um capitão espanhol com uma mãe indígena autor de *Historia de Tlaxcala (1591).*

A existência desses informantes ou vozes indígenas que por sua vez foram registradas para a posteridade nos revela um outro aspecto dessa troca e coexistência negociada de ambas as culturas, a educação dessas elites indígenas e a sua tentativa muitas vezes de manter um status social frente ao restante de suas sociedades. Podemos trazer como um exemplo o Imperial Colégio de Santa Cruz de Tlateloco fundado em 1536, onde a instrução era dada primeiramente em nahúatl além de contar com claro com o ensino do espanhol, além de apenas os filhos dos *pipiltin* serem aceitos como alunos, destacando e evidenciando a manutenção social desses nobres indígenas.

A educação para nobres indígenas acaba por escancarar algo que em suma não se trata de grande novidade para aqueles que conhecessem mais a fundo as dinâmicas dadas no México central do período pós conquista, a manipulação política ainda maior por parte dos tlatoani, fortalecendo e abrindo a possibilidade de negociações e trocas culturais neste período, como destaca Lockhart no seguinte trecho:

> “Empezar con el tlatoani, el funcionario principal del altépetl era la forma obvia de proceder, quizá la única posibilidad práctica. La manipulación española de los tlatoque y sus rivales por el gobierno habían tratado de manipular a los españoles para que apoyaran las pretensiones de algunos candidatos sobre las de otros. Esos tratos no eran nada nuevo para ninguna de las partes.” (LOCKHART, 1999, p. 50).

Uma outra questão que também se torna clara com a análise das fontes, era a grande desinformação do tamanho da complexidade dos altepetl, e com isso uma real e consistente compreensão dos cargos governamentais estabelecidos pela nobreza dos clãs étnicos que compunham os altepetl, esse equívoco por parte espanhola acabou por leva-los a tomarem decisões inconscientes, o que

trouxe consigo uma possibilidade concentração maior do poder na figura dos tlatoani.[68]

> “Parece que con frecuencia los españoles, en las primeras etapas, tenían un impacto inconsciente sobre la organización y sucesión en el altepétl, en el sentido de que, al no darse cuenta de situaciones como las de los tlatoque múltiples, los tlayácatl o las mitades, creyeron que el líder más visible era el gobernante absoluto de toda la entidad y sólo trataron con él.” (LOCKHART, 1999, p. 51)

Essa concentração de poder somada ao desconhecimento maior e mais confiável da realidade por parte dos espanhóis afetou também de maneira direta a dinâmica das guerras que eram executadas como instrumento político e social pelos altepetl. A alteração desse quadro podendo ser representado por uma nova e impositiva fé, além de uma alteração profunda nas relações de trabalho, junto com multiplicação de cargos no pós conquista foi retirando aos poucos a necessidade de guerrear por parte dessas nobrezas.

> “Antes de la conquista, los candidatos derrotados en la contienda por el trono habían supuesto un problema formidable. No era raro que ocurriera un baño de sangre durante o inmediatamente después de una sucesión. Los candidatos derrotados que sobrevivían a menudo vivían en el exilio en un altépetl vecino, conspirado contra el triunfador.” (LOCKHART, 1999, p. 53)

Essas alterações nas dinâmicas políticas e sociais nas áreas dos altepetl pode ser vista como uma maior rotatividade de cargos, que por sua vez acabou por agradar a boa maioria dos interessados que viam o objetivo de manter uma relevância social sendo alcançado. A possiblidade de diálogos entre os dois

[68] Assim como abriu a possibilidade de exploração por parte dos colonos que compreendiam superficialmente o sistema, porém conseguiam se beneficiar dele: “Los colonos, anota Lockhart, organizaron las encomendas, corregimientos, municipios y parroquias rurales a partir de los asentamientos indígenas existentes, pues vieron en el altepetl un sistema integrado por un “pueblo cabecera” rodeado de una serie de “pueblos sujetos” o “pueblos de visita”.” (RUÍZ, 2006, p. 202)

mundos pode ser expressa na seguinte imagem trazida por Marcelo Ramírez Ruiz representando Cholula, onde a tradição ibérica se encontra com a tradição do altepetl de maneira visual através da urbanização que casa duas concepções de mundo.

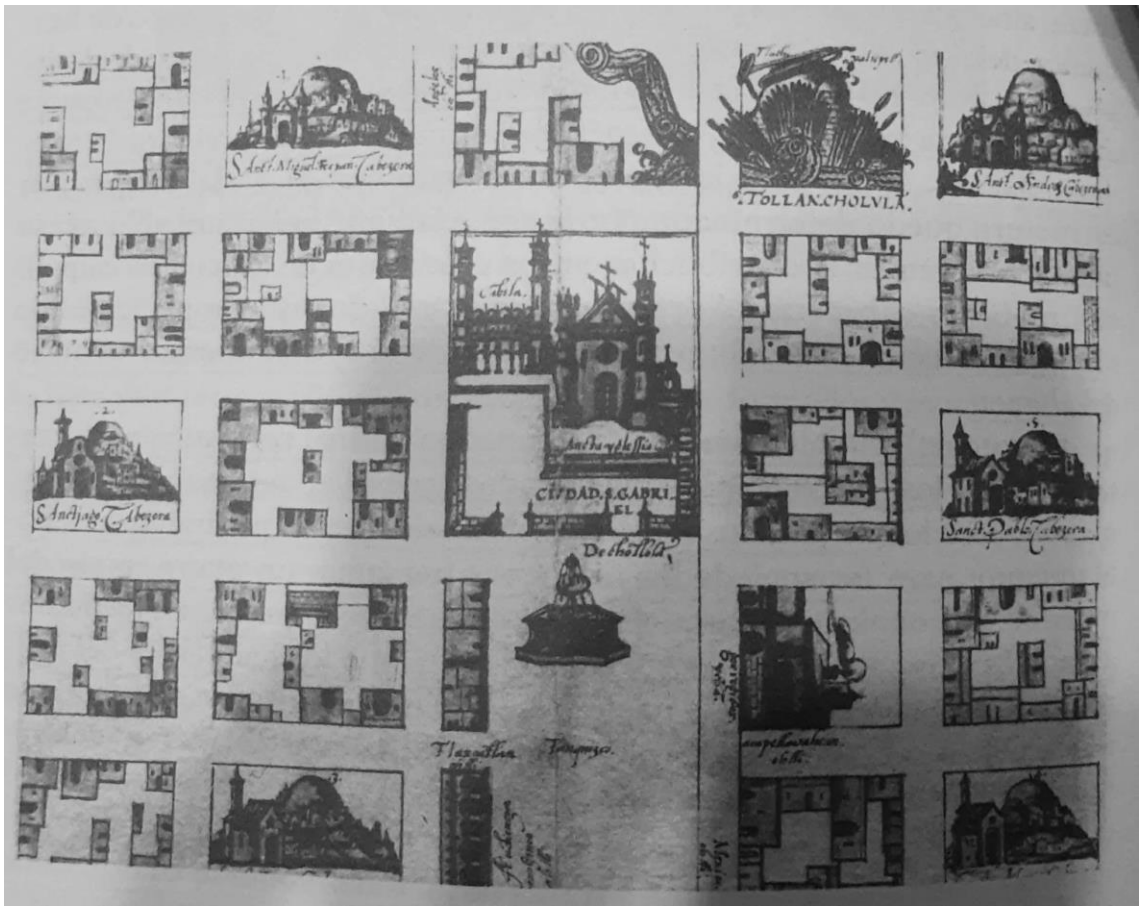


Figura 5. "Pintura de Relación geográfica de Cholula. Benson Latin American Collection, Universidad de Texas")[69]

Acreditamos que as estratégias de sobrevivência frente as adversidades que representava a nova dinâmica colonial foram forçadas pela mesma, pois não haveria outra forma de manter em vida toda a antiga complexidade que representava a organização dos altepetl, das quais regiam todo o mundo mesoamericano da localidade de México-Tenoctitlan. Um dos últimos exemplos

[69] RUIZ, Marcelo Ramírez. Territorialidad, pintura y paisaje del pueblo de indios. In: ZAMBRANO, Ángel Julián García; CHRISTLIEB, Federico Fernández. **Territorialidad y Paisaje en el Altepetl del Siglo XVI**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006. p. 198.

que podemos tratar aqui se dá na formação e organização do corpo de funcionários espanhóis, mesmo estes tendo uma compreensão limitada da realidade na qual estavam agora inseridos, conseguiram tirar proveito da situação em prol dos seus objetivos ao se utilizarem das instituições já conhecidas e experimentadas na península ibérica.

> “La columna vertebral del cabildo de una ciudad española, ya fuera en España o en las Indias, era un cuerpo de entre media docena y una docena de consejeros llamados regidores. Por lo general, quienes ocupaban esos cargos eran los nobles, o quienes tenían sus pretensiones de nobleza; característicamente, ocupaban el cargo durante largos períodos o de por vida e, incluso, cuando la práctica era la rotación anual, las personas que detentaban los cargos los repetían frecuentemente y mantenían la representación del mismo grupo en el transcurso de los años. En esencia, los regidores eran representantes de grandes complejos familiares y económicos, que estaban basados propiamente en la ciudad, pero que en cierto sentido dominaban la mayoría de los aspectos de la vida en todo el territorio municipal.” (LOCHART, 1999, p. 58)

Aqui portanto podemos entender e perceber as limitações interpretativas de Alamán, longe de cobra-lo sobre as vozes indígenas, é importante ponderar sobre os estudos que destrincham as antigas estruturas sociais e políticas indígenas do México central (segunda metade do século XX), onde as análises arqueológicas e uma historiografia crítica que tem como uma de suas inspirações a Escola dos Annales permite que investiguemos e levemos um diálogo crítico com a narrativa construída por Alamán e Prescott, baseadas em leituras positivistas de suas fontes.

Essa abertura que a estrutura colonial concede, permitiu que se igualasse o número de cargos ocupados por lideranças indígenas no pré-conquista, a possibilidade de uma manutenção de nobres indígenas como nobres serve como uma das explicações e exemplos do diálogo, do protagonismo e da troca cultural existente entre indígenas e espanhóis.

> “Entonces, está claro que los nahuas igualaron, en un sentido general, la estructura y los cargos sociopolíticos de antes de la conquista con los del período que la siguió.” (LOCKHART, 1999, p. 60)

A manutenção das nobrezas indígenas assinala Lockhart, foi uma das razões pelo sucesso da implementação das instituições espanholas, como os corpos de governos municipais, e suas organizações como os *cabildos*.

> “Es más, el grado de continuidad fue crucial para el establecimiento rápido y venturoso de gobiernos municipales que funcionaran independientemente en toda la región, algo que en muchas partes de la América hispánica ocurrió más tarde o no se llegó a presentar.” (LOCKHART, 1999, p. 62)

Podemos citar um dos casos de sucesso de desenvolvimento de uma municipalidade bem-sucedida, onde a nobreza indígena mesclava-se bem com o projeto colonial espanhol, na criação e atribuição de cargos dentro do corpo municipal, em que se acolhe e atende as vontades dessa nobreza de manter um status à frente do restante.

> “La bien desarrollada municipalidad de Tlaxcala de las décadas de 1550 y 1560 incluía muchos *tenientes* provinciales, *alguaciles* urbanos y rurales, *mayordomos*, un *portero*, un *alcaide* o carcelero, guardianes de la casa de tributo, supervisores del tributo y *mesoneros*. Una gran proporción de estos funcionarios eran electores de Tlaxcala y los giros de las fases utilizadas en los registros nos dan razón para pensar que todos eran nobles (*pipiltin*).” (LOCKHART, 1999, p. 67)

Todos os exemplos e casos até aqui citados, nos conduzem a dedução de que mesmo após a Conquista, a unidade do altepetl continuou vital tanto para as povoações locais quanto para os conquistadores. Essa unidade oferecia a oportunidade aos castelhanos de se aproveitar de uma grande concentração urbana, com toda uma estrutura estabelecida de tributações e do uso da mão de obra sobre a terra, reservando aos invasores a necessidade de substituir algumas destas instituições por novas no lugar, com um conjunto de crenças e

jurisdição legal novos que reconfigurava as relações entre povos, mas sem se desfazer ou alterar drasticamente o corpo instrumentalizado que fazia a máquina do altepetl funcionar plenamente.[70]

> "Por el lado español, en el siglo XVI, a los individuos y funcionarios españoles les interesaba mucho conservar las grandes unidades y preservar la integridad de las autoridades indígenas que ya existían. Las grandes unidades significaban encomiendas de gran tamaño y lucrativas, y todo se canalizaba por medio del tlatoani principal. Al suceder los cabildos a los tlatoque y el repartimiento a la encomienda en el reclutamiento de la mano de obra temporal, el altépetl grande continuó siendo un instrumento de canalización indispensable. Las campañas de construcción de iglesias monumentales a las que dieron tanta importancia los frailes españoles y sus feligreses indios también requerían el empleo de los recursos totales de la unidad más grande." (LOCKHART, 1999, p. 83)

Por outro lado, o altepetl deu a possibilidade das nobrezas indígenas do México central de se livrarem do domínio e expansão asteca, processo este que no momento do contato estava em pleno vapor. Para estas nobrezas surge uma oportunidade de se relacionar e fazer política com os novos senhores, de manter-se em uma posição social privilegiada e com maior participação na vida pública reconfigurada. A criação de novos postos de trabalho ou de cargos que absorvessem ou sessassem a necessidade dos constantes conflitos multiplicou a presença nobre no funcionalismo público satisfazendo a vontade destes clãs que antes deveriam resolver ou aceitar as desavenças por meio do conflito.

> "Desde el punto de vista de los nahuas, el altépetl grande perdió sólo parte de su utilidad después de la conquista. Las unidades mayores todavía podían desempeñarse mejor que las pequeñas

[70] "La encomenda, el corregimiento, la parroquia y la congregación de los pueblos sujetos en la cabecera modificaron la estructura tradicional del altepetl, pues vaciaron en una territorialidad vertical y urbana una jerarquía que funcionaba como sistema rotatorio." (RUÍZ, 2006, p. 205)

> para compartir las cargas y representar los intereses de la comunidad ante las autoridades hispanas. Aunque los españoles hicieron cambios drásticos en la economía general pocos años después de haber llegado al país, los mercados subregionales organizados por los altépetl siguieron siendo de gran importancia para los nahuas." (LOCKHART, 1999, p. 84)

E aqui tomamos o espaço do final deste capítulo para aprofundarmos a respeito da dinâmica destas nobrezas indígenas do México, e de sua importante função para com a empresa do colonialismo espanhol em toda a Mesoamérica. Para isso dialogamos com o escrito de José Rúben Romero Galván, *"Los privilégios perdidos: Hernando Alvarado Tezozómoc, su Tiempo, su Nobleza y su Crónica Mexicana"* (2003). Aqui o autor disserta sobre como as nobrezas indígenas do México central se reconfiguraram e ocuparam um novo espaço na ordem colonial a partir da prévia ruptura de mundo que foi representada pela Conquista. Podemos tomar este texto como mais um exemplo de complexidade, autonomia e disputa política presente em México-Tenochtitlán. O autor parte da demonstração das funções exercidas por esta nobreza, passando desde e cargos, benefícios, educação e hereditariedade, e finalmente chegando a reconfiguração no período colonial, que em sua análise teve como objetivo manter uma distinção social em relação as pessoas comuns.[71]

E um dos pontos que vale menção está justamente no destaque que o autor dá ao explicar que as vésperas da Conquista esta nobreza passava por um período de transição exemplificado por uma hereditariedade de posses, e que em certa medida é levado adiante no pós Conquista, dentro de um cenário onde novos senhores agora governavam.

> "Esta depuración de la nobleza nos hace pensar con Katz que en esa época, en vísperas de la llegada de los españoles, la nobleza

[71] Sobre as funções exercidas por esses nobres o autor elabora o seguinte comentário: "El papel preponderante de la nobleza en la sociedad mexica se manifiesta tanto en las funciones, como en los privilegios que eran propios de este grupo en lo que atañe a los aspectos económicos, políticos y culturales de esta sociedad que sería violentamente transformada hasta sus raíces por la conquista española." (GALVÁN, 2003, p. 17)

> de Tenochtitlan se encontraba ya en un proceso de transición de una nobleza de privilegios a una nobleza hereditaria. Debe entenderse entonces que el principio de herencia permitía ya a los nobles, hijos de nobles, disfrutar por ese sólo hecho de privilegios, cargos públicos y tierras." (GALVÁN, 2003, p. 17)

Um exemplo de exercício destas funções, e como elas dialogavam com outros setores sociais do altepetl, por intermédio das relações de natureza política, se deu na aproximação e no desenvolvimento de escoltas providas pelo exército para comerciantes que cumpriam grandes rotas.

> "El comercio organizado a largas distancias, aunque practicado por un grupo social bien determinado -los pochteca- estaba protegido por las altas esferas de la sociedad mexica. Sabemos, por ejemplo, que durante la época en que Ahuízotl gobernaba México Tenochtitlan[72], esta protección llegó a adquirir la forma de un reconocimiento del tlahtoani a la actividad de los pochtecas. Así les fue permitido portar ciertas insignias y ornamentos que de algún modo los acercaban a los guerreros." (GALVÁN, 2003, p. 18)

Galván também acrescenta um caráter despótico sobre estas nobrezas, e apresenta como exemplo a hereditariedade que começou a ser presente em questões relativas as terras dos funcionários palacianos (que também eram nobres), estabelecendo um diálogo com a ideia de transição iniciada antes da Conquista e continuada no pós Conquista. A sua ideia de nepotismo, baseava-se em como essas nobrezas se debruçavam e faziam uso de sua origem e direitos providos de maneira divina, a partir do mito fundador de Aztlán, de ocuparem um papel social e funções de destaque, legitimando suas ambições e movimentos que começavam a alterar a distribuição e regularização das terras. (GALVÁN, 2003, p. 22)

[72] Ahuítzotl (em português: Espinhos de Água) foi o oitavo tlatoani de Tenochitlán, governou de 1440 até 1502, sendo sucedido por Montezuma II .

E um terceiro exemplo trazido pelo autor está na grande quantidade de cargos e funções que existiam e era desempenhados por estes nobres em México-Tenochtitlán, que demonstra duas coisas claras: a primeira delas a complexidade de organização política da sociedade mexica, e a autonomia de seus membros em manter-se e perpetuar-se dentro de um círculo social de distinção. E segundo a curiosa ausência destes cargos e de suas complexidades dentro dos relatos das crônicas. (GALVÁN, 2003, p. 24)

O que por sua vez acabou por perpetuar numa narrativa tida como a oficial e verdadeira da Conquista, justamente um silenciamento social que serviu para subjugar e condenar os mexicas a uma posição de bárbaros, ilegítimos donos da terra, fracos e idólatras. Justamente algumas das leituras e cargas de significação que Alamán apresenta consigo no teor de suas dissertações, e também em outros autores como Prescott.

O que justamente Galván trás nesta primeira parte de seu texto, e que dialoga com a proposta deste capítulo: desmitificar e trazer a luz a complexidade da sociedade mexica, por meio de suas organizações e relações políticas que demonstram por sua vez uma autonomia, e uma série de relações de trocas, diálogos, e colaborações que ajudaram e edificaram o colonialismo americano, o que contrasta com as crônicas espanholas, ou com a narrativa do mundo colonial ibérico de maneira geral.

> “Se hizo necesaria entonces la creación de nuevas estructuras económicas, sociales, políticas y culturales que se llevó a cabo tomando como base no sólo los elementos traídos de más allá del mar, sino también mucho de lo que quedaba entre las ruinas de la antigua realidad. Fue un proceso de aculturación impuesta por los españoles mediante un amplio control que implico lo económico, lo político y lo religioso y que trastocó, de entrada, la posesión de tierras y por ende la distribución del hábitat a través, principalmente, de la política de reducciones.” (GALVÁN, 2003, p. 29)

No pós Conquista, se inicia um processo de dissolução destas nobrezas indígenas, esse processo é marcado por uma grande lentidão, o que segundo Galván tem duas -entre diversas outras- razões:

> “Esta característica puede explicarse por dos hechos a nuestro juicio los más importantes, aunque no los únicos: por un lado, la ya muy añeja historia del poder que este grupo siempre ejerció sobre los macehuales y que estaba referida en sus códices y, por otro, un cierto reconocimiento de la nobleza indígena por parte de los españoles, surgido de la necesidad que tuvieron de ella, durante un tiempo, para administrar la Nueva España.” (GALVÁN, 2003, p. 31)

O processo de dissolução destas nobrezas se deu de maneira inversa e proporcional com a fixação e solidificação das instituições espanholas no México, o que na leitura do autor demonstra que sem a presença colaborativa massiva desta classe no projeto colonial, a institucionalização ou a legitimação do projeto colonial se daria de uma outra maneira. Esta classe nobre por sua vez conseguiu durante esse período de dissolução se manter como distinta das demais pessoas, por meio de concessões ou benefícios assinados pela coroa que reinseriam (nem todos) dentro da vida pública e política com novas funções, tal como escreve Galván:

> “El lugar que la nobleza indígena ocupó a partir de la conquista guardó una estrecha relación con una serie de privilegios que le reconoció la corona española y que le significaron un cierto poder. Dichos privilegios concernían aspectos de la vida en lo económico, lo social, lo político e incluso lo cultural. El régimen instaurado concedió a los indígenas tierras y encomiendas, les atribuyó rentas, les otorgó la excepción en el pago de tributos, en algunos casos les asignó incluso tributarios; en lo que corresponde a lo político, se les reconoció también una personalidad al confirmarlos como caciques y gobernadores en sus localidades. Pudieron, asimismo, vestirse como españoles, portar armas y montar a caballo -privilegios nunca concedidos a los hombres del pueblo-; algunos de ellos recibieron del rey escudos de armas, como los españoles más destacados, y finalmente, tuvieron también acceso a centros educativos donde aprendieron lo esencial de la cultura europea.” (GALVÁN, 2003, p. 32)

No entanto as reconfigurações deste quadro social mudam uma relação profunda e enraizada destes clãs, ou pelo menos dos menores, com a terra, o fim do rodízio de terras nas áreas periféricas, a introdução de novos gêneros agrícolas e a introdução do latifúndio para pecuária, atinge de forma intensa o restante da camada social menos privilegiada das sociedades dos altepetl.[73] A encomiendas representaram uma imposição física da nova ordem das coisas representada pelo colonialismo, o agrupamento de distintos clãs traz consequências que perduraram durante todo período colonial, mas também a partir dessa nova experiencia o legado e o repertório desenvolvido durante toda uma antiguidade do altepetl, acabou por garantir a sobrevivência de vários grupos indígenas menores e mais afastados do grande centro do México durante todo o período colonial no decorrer das fragmentações dos grandes altepetl a medida que a ordem colonial junto de todo o seu corpo jurídico e institucional avançava.

> “A medianos del siglo XVII, las condiciones para el separatismo ya estaban en cierto sentido totalmente dadas, tanto para los españoles como para los nahuas; a la vez, todas las tendencias eran acumulativas, de modo que las presiones para separarse aumentaron durante cada siglo hasta 1800 e incluso posteriormente.” (LOCKHART, 1999, p. 85)

[73] “A partir de esta estrutura básica, en altepetl funciono como un sistema rotatório para la entrega del tributo, los trabajos colectivos, la celebración de las fiestas o la distribución de las responsabilidades públicas.” (RUÍZ, 2006, p. 204)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lucas Alamán se propôs construir de forma clara, uma narrativa histórica que assinalasse com as suas expectativas em relação ao caminho nacional que o México do século XIX deveria tomar, embebido de reflexões e ideias conservadoras. Alamán fez uso do cientificismo, uma das marcas do século XIX, como instrumento de veracidade e autoridade em relação ao seu texto historiográfico, tecendo assim sua obra, sendo a primeira produzida dentro do México que se propôs a ser uma narrativa nacional.

Esse percurso escolhido, apresenta características que na contemporaneidade não são mais surpresas dentro de uma historiografia que se propõem pensar os processos de conquista, colonização e independência na América Latina. Uma valorização da figura do conquistadores, uma valorização cultural pró europeia, e o silenciamento indígena, apesar da intrínseca presença desses sujeitos no processo histórico, são as características mais gritantes ao texto de Alamán.

E foi justamente no silencio que o aspecto chave e condutor dessa dissertação se revelou diante dos olhos e iluminou o caminho pelo qual o texto deveria seguir. Colocar Alamán como um autor que possuiu sua relevância historiográfica dentro de um contexto nacional, que por sua vez pertence a um contexto temporal específico, não responderia a umas das inquietações que motivaram o desenvolvimento do projeto que culminou com essa redação.

O envolvimento e participação ativo dos povos ameríndios durante o processo de conquista e posteriormente com a institucionalização da máquina colonial, buscou responder e trazer um pouco de luz as complexidades das relações que envolveram os atores brancos e nativos, dentro de um cenário de choque, cultural, biológico, e político. Posicionar dentro da historiografia estas diversas e complexas populações, etnias, clãs e “Estados” indígenas tem sido uma tarefa lançada aos historiadores ainda de maneira recente, nas investigações e pesquisas para elaboração deste texto, percebemos que é uma discussão e temática que não passa dos 30 anos ainda, que comparados com todo um legado historiográfico e canônico construído e reproduzido ao longo dos 500 anos das nações latino-americanos e em específico o México, ainda é

reproduzido e visto como uma verdade imóvel a respeito do episódio definidor deste continente.

As inquietações que contribuíram para o desenvolvimento da questão tratada neste trabalho surgiram inicialmente com instigante artigo escrito por Eduardo Natalino[74]. Em um dos parágrafos do texto o autor pontua de maneira sucinta o objetivo de seu artigo, e como o olhar sobre as fontes pode contribuir de maneira significativa para novas reflexões e investigações historiográficas a despeito de uma temática.

> "Em outras palavras, parece-nos fundamental perceber que as cidades e entidades políticas mesoamericanas não foram vítimas de um processo levado a cabo apenas pelos castelhanos e suas instituições. Mesmo em México-Tenochtitlan, a capital mexica derrotada e que se tornará o centro da administração da Nova Espanha, os castelhanos nomearam governadores indígenas da linhagem de Moctezuma após a morte de Cuauhtemoc – como é possível observar no *Códice Vaticano A* –, garantindo uma continuidade que visava dar legitimidade às novas instituições e ordem política aos olhos da população tenochca e nahua em geral." (SANTOS, 2014, p. 230)[75]

Com o decorrer da redação do texto e com o desenrolar da pesquisa e de suas questões, o confronto entre bibliografias e fontes foi tomando corpo a respeito das críticas e objetivos que quiz responder; o massivo trabalho de Lockhart com

[74]SANTOS, Eduardo Natalino. As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha. Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas. **História Unisinos**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 218-232, 2 maio 2014. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. http://dx.doi.org/10.4013/htu.2014.182.02. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.182.02. Acesso em: 04 maio 2020.

[75] Em uma continuação do seu raciocínio o autor escreve: "Um anacronismo muito comum consiste em pensar que os grupos indígenas da primeira metade do século XVI sabiam, assim como nós, que olhamos retrospectivamente, o que ocorreria nas décadas posteriores, isto é, a progressiva diminuição de sua participação na organização política e a crescente exploração tributária e de mão de obra pelos castelhanos. (SANTOS, 2014, p. 231)

fontes primárias em nahuath, e os esforço de entender e conseguir sintetizar no papel, a complexidade indígena do México Central por meio das estruturas do Altepetl, escrito por diversos autores, como foi no caso da obra organizada por Federico Fernandéz Christlieb e Ángel Julían García Zambrano, demonstram o desenvolvimento e o empenho dessa historiografia em ver e colocar os ameríndios como sujeitos históricos e falantes dentro de um episódio tão carregado de significados e disputas.

> "Um dos importantes progressos realizados nos últimos anos pela historiografia latino-americana é haver alterado profundamente esta perspectiva, pois, sem desconhecer o papel decisivo das forças externas, inscreveu em sua agenda questões mais diretamente vinculadas ao seu ambiente circunjacente." (BONILLA, 2006, p. 17)

Tais questionamentos e construções historiográficas e intelectuais desenvolvida por estes autores[76], que caminham ou caminharam nesta direção não tem se restringido ao cenário da História, Chile, Colômbia, Peru e Bolívia, recentemente viveram cenários de implosão social, onde questionamentos e construções narrativas cujas raízes nos rememoram as suas respectivas conquistas, trouxeram para o âmbito público o questionamento do que foi e a que preço se deram os processos de conquista pela América Latina .

Apesar deste cenário, e dos objetivos propostos pelo projeto desta dissertação, não desconsiderado as práticas violentas empregas para levar a cabo os objetivos dos conquistadores e suas respectivas bandeiras, dentro dos processos de conquista. A opção para o tratamento da violência utilizada para a conquista, se deu em demonstrar as justificativas utilizadas por Alamán como legitimadoras das ações de Cortés e sua comitiva de soldados e aliados indígenas, e como tal narrativa buscou cumprir de maneira eficiente, diga-se de passagem, uma agenda conveniente a Alamán.

[76] Aqui fazemos menção aos trabalhos desenvolvidos por Pablo Martins Coelho, e Maria Emília Granduque José, como exemplos de textos que caminham em conjunto com essa nova historiografia.

Em contrapartida, buscou-se também demonstrar um cenário muito mais complexo e que tinha suas próprias disputas, e meios de resolução dos conflitos e organização dos grupos sociais, que por sua vez tinham funções, direitos e privilégios bem estabelecidos, e mesmo assim alguns caminhavam para articular interesses que atendessem as suas demandas e vontades. Sendo assim portanto, uma narrativa que escolheu um caminho oposto ao da docilidade, selvageria, idolatria, antropofagia, ilegitimidade, tomado por Alamán, e perceptível em outras obras de seu tempo, como no texto de William Prescott.

> "Considerar essas forças políticas e agentes ameríndios para explicar a conquista de México-Tenochtitlan ou dos territórios da Nova Espanha não significa desconsiderar ou minimizar as atrocidades cometidas pelos castelhanos ou, muito menos, despolitizar a análise desse processo. Ao contrário, significa construir modelos de análise mais complexos, incorporando os povos indígenas como grupos identitariamente distintos entre si, com divisões e hierarquias sociais internas, com instituições próprias e como sujeitos de escolhas e alianças políticas." (SANTOS, 2014, p. 231)

Outro artigo que instigou e contribuiu para o desenvolvimento do texto e das questões levantadas por ele, foi o de Steve J. Stern[77], nele o autor busca demonstrar como a conquista não teve apenas um ou dois significados, e a partir do que entende como "deficiências da historiografia contemporânea", mostra os diferentes paradigmas existentes em torno do mesmo objeto. (BONILLA, 2006, p. 20)

> "Este ensaio focaliza a questão de uma perspectiva dupla: a da história e da historiografia. Considera o que a conquista espanhola da América significou para os que viveram ('história') e o que tem significado para os historiadores profissionais que a têm interpretado ao longo do século XX ('historiografia'). A partir de

[77] STERN, Steve J.. Paradigmas da Conquista, história, Historiografia e Política. In: BONILLA, Heraclio. **Os Conquistados**: 1492 e a população indígena das américas. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 27-64. Tradução de: Magda Lopes.

> ambas as considerações, argumenta que a busca de uma compreensão mais elevada, não 'corrompida' pelos interesses políticos, é uma ilusão profundamente equivocada." (STERN, 2006, p. 33)

Neste sentido o texto de Stern, nos ajudou a refletir a respeito do estado-nação e dos paradigmas que implicam a sua construção, seja de suas instituições, sua cultura, ou sua história. A partir destas reflexões, o referencial metodológico para se entender melhor a figura de Alamán como ser histórico político, foi sendo melhorado trazendo mais clareza a pesquisa.[78]

Estes foram apenas alguns exemplos de obras, textos e artigos historiográficos, que contribuíram e dialogaram com esta dissertação ao longo do desenvolvimento de um texto que buscou incluir as perspectivas indígenas dentro de uma lógica complexa (questionando e investigando as motivações e o contexto de produção de seu autor), cuja reprodução simplista ainda circula com grande ar de veracidade. Longe de esgotar as fontes, este trabalho buscou contribuir para com esta discussão historiográfica de um evento definidor da trajetória do continente, e que cujas complexidades, contatos, culturas, atores e objetivos ainda reverberam com força de tempos em tempos pela América Latina.

> "No lugar da simples oposição indígenas versus castelhanos, tão comum nas explicações que se apoiam centralmente na categoria de mestiçagem ou de vencidos, podemos pensar em relações multidirecionais que aliam ou opõem castelhanos, indígenas aliados e indígenas inimigos, macehualtin (população comum) e pipiltin (nobres ou principais), religiosos, conquistadores e encomenderos, e em uma série de outros vetores e dissensões políticas que compunham o mundo colonial no século XVI. Essa

[78] Ainda dentro desta ideia, Stern mais afrente argumenta: "Sob essas circunstancias, escrever uma história totalmente despolitizada dos conquistadores ou da era da conquista é assumir uma certa irrealidade: uma purificação que violenta a mesma preocupação, questões de prioridade e dinâmicas sociais dos que tiveram a conquista e suas tormentas." (STERN, 2006, p. 33, 34)

tarefa, como mencionamos ao longo do artigo, encontra-se em execução há algumas décadas e tem se concretizado em estudos que podemos chamar, por falta de denominação mais adequada, de nova historiografia da conquista.” (SANTOS, 2014, p. 231)

FONTES

ALAMÁN, Lucas. **DISERTACIONES SOBHE LA. HISTORIA DE LA REPÚBLICA MEGICANA:** DESDE LA ÉPOCA De LA CONCIUISTA QUE LOS ESPAÑOLES HICIERON A FINES DEL SIGLO XV Y PRINCIPIOS DEL XVI DE LAS ISLAS Y CONTINENTE AMERICANO HASTA LA INDEPENDENCIA. Cidade do México: D. José Mariano Lara, 1844. Disponível em: <http://clasicos.librosmexico.mx/autores/lucas-alam%C3%A1n/disertaciones-sobre-la-historia-de-la-rep%C3%BAblica-mexicana>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BURKE, Edmund. **Reflexões Sobre a Revolução Francesa**. 4. ed. Campinas: Vide Editorial, 2017. Tradução de: Marcelo Gonzaga de Oliveira e Giovanna Louise Libralon.

CORTES, Hernan. **Cartas de relación a Carlos V**. Barcelona: Camb1692, 1985.

EL UNIVERSAL: periódico independente/ jornal político e literário. México, 09 jan. 1850. Disponível em: <http://www.hndm.unam.mx/index.php/es/>. Acesso em: 09 ago. 2019.

PRESCOTT, William H. **Historia de la Conquista de Mejico**: de la civilizacion de los antiguos mejicanos, y la vida del conquistador Hernando Cortes. Cidade do México: Imprenta de V.G.Torres, 1844. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra/historia-de-la-conquista-de-mejico-con-un-bosquejo-preliminar-de-la-civilizacion-de-los-antiguos-mejicanos-y-la-vida-del-conquistador-hernando-cortes-tomo-i-953530/. Acesso em: 05 jul. 2020.

BIGLIOGRAFIA

ANNA, Timothy. As Origens da Independencia da América Espanhola. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**: da independencia a 1870. São Paulo: Edusp, 2018. p. 73-118. Tradução de: Maria Clara Cescato.

BARBOSA, Luis Estevam de Oliveira Fernandes, Fernanda Bastos. Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX. **História da Historiografia**, Ouro Preto, p.134-156, nov. 2011. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/330>. Acesso em: 25 mar. 2018.

BAUDOT, Georges; TODOROV, Tzvetan (org.). **Relatos Astecas da Conquista**. São Paulo: Editora Unesp, 1983.

BAZART, Jan. O México da Independencia a 1867. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**: da independencia a 1870. São Paulo: Edusp, 2018. p. 413-464. Tradução de: Maria Clara Cescato.

CALDERÓN, Francisco. El Pensamiento Económico de Lucas Alamán. **Historia Mexicana,** el Colegio de México, Ciudad de México, p.435-459, 1985.

CASTILLO, Bernal Díaz del. **Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España.** 2. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1968.

COELHO, Paulo Martins Bernadi. **A Permanência de Tlaxcala frente ao poderio Mexica**: séculos xv e xvi. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Unesp, Franca, 2010. Disponível em: https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/pablo.pdf. Acesso em: 04 maio 2020.

CHRISTLIEB, Federico Fernández; RUIZ, Marcelo Ramírez. La policía de los indios y la urbanización del altepetl. In: ZAMBRANO, Ángel Julián García; CHRISTLIEB, Federico Fernández. **Territorialidad y Paisaje en el Altepetl del Siglo XVI**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006. p. 114-162.

ENRIQUE Florescano: **El nuevo pasado mexicano**. México: Cal y Arena, 1994, pp.691-693

FERNÁNDEZ, José Luis Soberanes. El pensamiento conservador en el nacimiento de la nación mexicana. **Revista Mexicana de Historia del Derecho**, Cidade do México, v. 26, p. 69-101, maio 2012. Disponível em: https://revistas.juridicas.unam.mx/index.php/historia-derecho/issue/view/497. Acesso em: 11 out. 2019.

FUENTES, Miguel Hernández. Conceptos de temporalidad en la prensa conservadora y del Segundo Imperio en México, 1848 - 1867. **Almanack**, [s.l.], n. 10, p.350-366, ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320151008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-46332015000200350&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 05 ago. 2019.

GARCÍA, María Elena; ZAMBRANO, Ángel Julián García. El altepetl colonial y sus antecedentes prehispánicos:: contexto teórico-historiográfico. In: CHRISTLIEB, Federico Fernández; ZAMBRANO, Ángel Julián García. **Territorialidad y paisaje en el Altepetl del siglo XVI**. Ciudad de México: Fundo de Cultura económica, 2006. p. 31-101.

GALVÁN, José Rúben Romero. **Los Privilegios Perdidos**: Hernando Alvarado Tezozómoc, su tiempo, su nobleza y su crónica mexicana. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018. Disponível em: https://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/419/privilegios_perdidos.html. Acesso em: 21 abr. 2021.

GUTIÉRREZ, Blanca García. La Experiencia Cultural De Los Conservadores Durante el México Independiente: un Ensayo Interpretativo. **Signos Históricos**, Cidade do México, v. 1, n. 1, p.127-148, jun. 1999. Semestral. Disponível em: <https://signoshistoricos.izt.uam.mx/index.php/historicos/index>. Acesso em: 17 jul. 2019.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade:** Presentismo e Experiências do Tempo. Belo Horizonte: Autentica, 2015.

J.H.ELLIOTT. A Conquista Espanhola e a Colonização da América. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**. São Paulo: Edusp, 2018. p. 135-194. Tradução de: Maria Clara Cescato.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição á semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Puc Rio, 2012.

LOCKHART, James. **Los Nahuas después de la Conquista**: Historia social y cultural de la población indígena del México Central, siglos XVI-XVIII. Cidade do México: Fundo de Cultura Económica, 1999. Tradução de: Roberto Reyes Mazzoni.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. A Mesoamérica antes de 1519. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**. São Paulo: Edusp, 2018. p. 25-62. Tradução de: Maria Clara Cescato.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

MIGUEL, Pedro L. San. Enrique Florescano: Historias de las historias de la nación mexicana. **Sinais Históricos**, Cidade do México, v. 11, p.163-169, 2004. Disponível em: <https://revistas-colaboracion.juridicas.unam.mx/index.php/signos-historicos/article/view/21840/19459>. Acesso em: 12 ago. 2018.

NAVARRO, Moisés González. **El Pensamiento político de Lucas Alamán.** Cidade do México: Fundo de Cultura Econômica, 1952.

PORTILLA, Miguel León. **A Visão dos Vencidos**: a tragédia da conquista narrada pelos astecas. Porto Alegre: L&pm Editores, 1985. Tradução de: Carlos Urbin e Jacques Wainberg.

PORTUGAL, Ana Raquel; MORAIS, Marcus Vinícius de. Hernán Cortés e Francisco Pizarro: História e Memória. **Temas & Matizes**, Cascavél, v. 9, n. 18, p. 85-110, 2010. Semestral. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/5954#:~:text=HERN%C3%81N%20CORT%C3%89S%20E%20FRANCISCO%20PIZARRO%3A%20Hist%C3%B3ria%20e%20Mem%C3%B3rias,-Ana%20Raquel%20Portugal&text=Este%20artigo%20tem%20como%20objetivo,de%20relatos%20e%20da%20historiografia.. Acesso em: 28 ago. 2020.

RESTALL, Mattew. **Sete Mitos da Conquista Espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Tradução de: Cristiana de Assis Serra.

RUIZ, Marcelo Ramírez. Territorialidad, pitura y paisaje del pueblo de indios. In: ZAMBRANO, Ángel Julián García; CHRISTLIEB, Federico Fernández. **Territorialidad y Paisaje en el Altepetl del Siglo XVI**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006. p. 168-221.

SANTOS, Eduardo Natalino. As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha. Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas. **História Unisinos**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 218-232, 2 maio 2014. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. http://dx.doi.org/10.4013/htu.2014.182.02. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.182.02. Acesso em: 04 maio 2020.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

STERN, Steve J.. Paradigmas da Conquista, história, Historiografia e Política. In: BONILLA, Heraclio. **Os Conquistados**: 1492 e a população indígena das américas. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 27-64. Tradução de: Magda Lopes.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

SOUZA, Bruno Silva de. Reinhart Koselleck. Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos. **Aedos- História da Ufrgs**: Revista do corpo discente do PPG, Porto Alegre, v. 3, p.226-230, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/issue/view/1242>. Acesso em: 17 jun. 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América**: a questão do outro. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

VAN YOUNG, Erick. De una memoria truncada a una historia majestuosa: el caso de Lucas Alamán. **Desacatos**, Ciudad de México, p.12-27, abr. 2016. Disponível em: <http://desacatos.ciesas.edu.mx/index.php/Desacatos/article/view/1539>. Acesso em: 14 jun. 2018.

VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. El origen de la guerra contra Estados Unidos. **Historia Mexicana**: El Colegio de México, Cidade do México, v. 47, n. 2, p.285-309, out. 1997. Trimestral. Disponível em:

<https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/issue/view/216>. Acesso em: 13 jul. 2019.

VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. La historiografía sobre la guerra entre México y los Estados Unidos. **Historica**, Lima, v. 23, n. 2, p.475-485, nov. 1999. Semestral. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/historica/article/view/8766>. Acesso em: 14 ago. 2019.

YTURBE, Corina. El régimen de temporalidad en la historiografía mexicana del siglo XIX. *Folios* [online]. 2016, n.44, p. 21-37.

ZERMEÑO, Guillermo. **Apropiación del pasado, escritura de la historia y construcción de la nación en México.**2009. Disponível em: <http://www.culturahistorica.es/guillermo.castellano.html>. Acesso em: 04 set. 2018.

ZERMEÑO, Guillermo. (2003). **"La historiografía moderna en México: Génesis, continuidad y transformación de una disciplina"**. *XI Reunión de Historiadores Mexicano, Estadounidenses y Canadienses, 1-4 October 2003*.

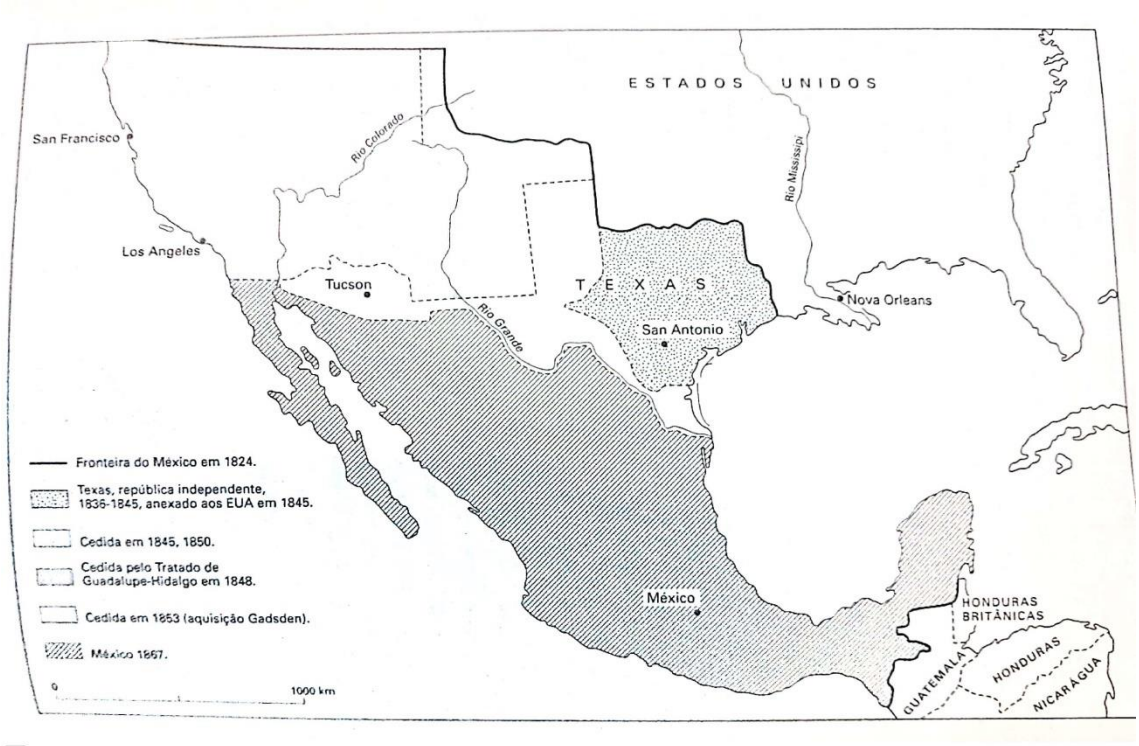
ZEPEDA, Beatriz. **Enseñar la nación**: la educación y la institucionalización de la idea de la nación en el México de la reforma(1855-1876). Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2012.

ANEXOS

DOCUMENTO 1: Retrato de Lucas Alamán por Cruces y Campa (1865).[79]

[79] Extraído de: https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/fotografia%3A392668, acessado em 16/05/2021.

DOCUMENTO 2: Territórios anexados pelos Estados Unidos ao final da guerra contra o México (1846-1848)[80]



CS Digitalizado com CamScanner

[80] BAZART, Jan. O México da Independencia a 1867. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**: da independencia a 1870. São Paulo: Edusp, 2018. p. 432. Tradução de: Maria Clara Cescato.

DOCUMENTO 3: “Ordenanzas Ineditas, En que se declara la forma y manera en que los encomenderos pueden servirse y aprovecharse de los naturales que les fueren depositados, sacadas del archivo del Exmo. Sr. Duque de Terranova y Monteleone, del mismo legajo que los documentos anteriores.”[81]

[81] ALAMÁN, Lucas. **DISERTACIONES SOBHE LA. HISTORIA DE LA REPÚBLICA MEGICANA:** DESDE LA ÉPOCA De LA CONCIUISTA QUE LOS ESPAÑOLES HICIERON A FINES DEL SIGLO XV Y PRINCIPIOS DEL XVI DE LAS ISLAS Y CONTINENTE AMERICANO HASTA LA INDEPENDENCIA. Cidade do México: D. José Mariano Lara, 1844. Disponível em: <http://clasicos.librosmexico.mx/autores/lucas-alam%C3%A1n/disertaciones-sobre-la-historia-de-la-rep%C3%BAblica-mexicana>. p.137,143. Acesso em: 15 jun. 2018.

Sobre como os encomenderos podem se aproveitar e servir dos indígenas

ORDENANZAS INEDITAS,

Do q se trata Importante! pg 137 é 143

En que se declara la forma y manera en que los encomenderos pueden servirse y aprovecharse de los naturales que les fueren depositados, sacadas del archivo del Exmo. Sr. Duque de Terranova y Monteleone, del mismo legajo que los documentos anteriores.

Isabel Zaça

Yo, Fernando Cortés, capitan general y gobernador en toda esta Nueva-España y provincias de ella, por el Emperador y Rey D. Cárlos nuestro Señor. Viendo que la principal cosa de donde resulta la perpetuacion é poblacion destas partes, es la conservacion y buen tratamiento de los naturales de ellas, é que para esto conviene que haya órden, queriéndolo proveer en la mejor manera que á mí me parece que para efectuarse conviene, ordeno é mando que los

Estas ordens foram a repetição desse mesmo texto em castelhano

CS Digitalizado com CamScanner

españoles en quien fueron depositados ó señalados algunos de los dichos naturales para servicio de ellos, se sirvan é aprovechen en la forma é manera de suso contenida, é que no excedan ni salgan de ella, so las penas contenidas en cada uno de los capítulos de ella, los cuales son los que se siguen.

1. Primeramente: que cualquier español, ó otra persona que tuviere depositados ó señalados indios, sea obligado á les mostrar las cosas de nuestra santa fé, porque por este respecto el Sumo Pontífice concedió que nos pudiésemos servir de ellos y para este efecto se debe creer que Dios nuestro Señor ha permitido que estas partes se descubriesen, é nos ha dado tantas victorias contra tanto número de gentes.

2. Item. Que porque al presente los españoles tienen necesidad de bastimentos, y habiendose de proveer de los pueblos que tienen encomendados, seria á mucho trabajo é costa de los naturales, é los españoles no serian proveidos, permito é mando que para remedio de esto los españoles que tuvieren depositados ó señalados indios, puedan con ellos hacer estancias de labranzas así de yuca y ajís (1), como maizales é otras cosas.

3. Item. Mando que ninguno de los que tuvieren indios depositados ó señalados, vaya ni envíe á los pueblos de ellos sin licencia de mi lugar-teniente, é que se asiente la dicha licencia ante el escribano de su juzgado, el dia que se diere y el plazo que ha de estar en el dicho pueblo, é que si fuere ó enviare sin

(1) Ajís son chilcs; así se llaman en las Antillas.

Digitalizado com CamScanner

la dicha licencia, pague por cada vez un marco de oro, la mitad para la cámara é fisco, é la otra mitad para las obras públicas de la dicha villa.

4. Item. Que ninguno de los que tuvieren los dichos indios puedan sacar ni saquen de los pueblos de ellos para sus labranzas, ni para otra cosa alguna, ninguna muger ni muchacho de doce años para abajo, so pena que si la sacare pierda los dichos indios é les sean quitados, é defiendo á todos mi lugar-tenientes, que no puedan dar licencia para sacar las dichas mugeres ni muchachos, so pena de doscientos pesos de oro por cada vez que dieren la dicha licencia, ó viniese á su noticia que se sacaron sin ella, é no ejecutaren la pena contenida en este capítulo; los cuales dichos doscientos pesos de oro, aplico segun es dicho en el cápitulo ántes de este.

Proibida a condução ou a captura de cativos, mulheres ou minos menores de 12 anos, sob pena de perder os cativos ja possuídos.

5. Item. Mando que los indios que se sacaren de sus pueblos para hacer labranzas, ó casas, é otras haciendas á los españoles que los tienen depositados, que los traigan derechos ante mi lugar-teniente para que asienten el dia que vienen á servir, y que no estén en el dicho servicio mas de veinte dias, y acabado este tiempo los torne á traer ante el dicho mi teniente y escribano, para que sepa cuando los despide, so pena que si no los trajere así al venir como al ir, ó si los tuviere mas tiempo de los dichos veinte dias, pague de pena medio marco de oro por cada vez que no lo registrare como dicho es, é por cada dia que los tuviere de mas del dicho tiempo, otro medio marco de oro aplicado como dicho es.

Os indígenas utilizados para trabalho devem ser apresentados, os autoridades tendo no mínimo 20 dias de trabalho antes de serem apresentados novamente

CS Digitalizado com CamScanner

6. Item. Que todo el tiempo que los dichos indios estuvieren sirviendo, el señor que de ellos se sirviere les dé á cada uno en cada dia una libra de pan, é cabí, é ají, é sal, ó libra y media de agéo, ò de yuca boniata; asimismo con su sal y ají; y porque al presente los españoles no pueden dar los dichos bastimentos, é los dichos indios los tienen en sus casas, é los pueden traer para su mantenimiento, sin que se les haga agravio á lo menos agora al presente, porque tienen muchas labranzas, permito é mando que esto no se entienda hasta de aquí á un año primero siguiente, que comienza á correr desde el dia primero de enero de quinientos veinte y seis, é que pasado este tiempo los mantengan como dicho es, so pena que por cada vez que se les probare que no les dieren la dicha racion paguen medio marco de oro, aplicado como dicho es, é si fuere penado tres veces, mando que pierda los dichos indios.

7. Item. Que el tiempo que los dichos indios estuvieren sirviendo, el español á quien sirvieren, no los saque á la labranza hasta que sea salido el sol, y no los tenga en ella mas tiempo de hasta una hora ántes que se ponga, é que á medio dia los deje reposar é comer una hora, so pena que cada vez que no lo cumpliere, así como en este capítulo se contiene, pague medio marco de oro aplicado como dicho es, é si tres veces se le probare haberlo hecho pierda los dichos indios.

8. Item. Que en las estancias ó en otras partes donde los españoles se sirvieren de los dichos indios,

Digitalizado com CamScanner

tengan una parte señalada donde tengan una imágen de nuestra Señora, y cada dia por la mañana ántes que salgan á hacer hacienda los lleven allí, y les digan las cosas de nuestra santa fé, y les muestren la oracion del Pater noster, é Ave María, Credo, é Salve Regina, en manera que se conozcan que reciben doctrina de nuestra fé, so pena que por cada vez que no lo hiciere pague seis pesos de oro, aplicados como dicho es.

9. Item. Que el español ó otra persona que tuviere indios depositados, tenga cargo de les quitar todos los oratorios de ídolos que tuvieren en sus pueblos ó en otra cualquier parte, é les haga una iglesia en el pueblo con su altar é imágenes, adonde les haga entender que han de venir á rogar á Dios que les alumbre para que le conozcan, é se salven, é por los otros bienes temporales, so pena que el que dentro de seis meses como les fueren depositados los dichos indios, no les tuviere quitado los ídolos é oratorios antiguos, é no tuviere hecha la dicha iglesia, pague medio marco de oro, aplicado como dicho es, é de aquí adelante pague la dicha pena cada vez que fuere visitado y no lo hallare hecho como en este capítulo se contiene.

10. Item. Mando que no se dé licencia á ninguno de los que tuvieren indios depositados, despues de los haber traido á servir, para los tornar á traer otra vez hasta que sean cumplidos treinta dias despues que los despidió para que se fuesen á sus casas, lo cual se ha de ver por el registro del escribano ante

CS Digitalizado com CamScanner

quien se registraren los dichos indios, so pena que el juez que diere la tal licencia, ántes de cumplido el dicho tiempo, pague doscientos pesos de oro, aplicados como dicho es.

11. Item. Que ningun juez pueda dar licencia para ir á los pueblos de los indios ni para traerlos á servir, si no fuere mi lugar-teniente ó la persona que él dejare en su lugar, estando él ausente, so pena de doscientos pesos de oro, aplicados como dicho es.

12. Item. Porque los vecinos de las dichas villas han de tener trancas de puercos, é otros ganados, é para la guarda é tranca de ellos han menester de los indios para ello, permito que mi lugar-teniente pueda dar licencia á los dichos españoles que así tuvieren los dichos indios depositados, para que puedan sacar de ellos los que fueren menester para guarda de los dichos ganados, é no para otra cosa, é que los que sacaren para ese efecto se traigan ante el dicho mi teniente, é le haga entender al cura del tal pueblo, como son para aquello, y aun le contenten con alguna cosa de rescate, y esto se entiende, no teniendo el tal español esclavos de los de rescate, é teniéndolos tantos que baste para la guarda de los dichos ganados, que no se le dé la dicha licencia para sacar indios ningunos para los dichos ganados, é si los sacare pierda los indios que así tuviere depositados.

13. Item. Mando que cada uno de los que tuvieren indios depositados, dé en cada un año á cada persona de los que se sirviere, conforme al registro del escribano ante quien se registrare por su trabajo has-

CS Digitalizado com CamScanner

ta precio de medio peso de oro, en casos de rescate, ó en lo que le pareciere á mi lugar-teniente, la cual dicha paga se haga ante él é ante el escribano ante quien se registraren los indios que viniesen á servir, en manera que cada vez se pueda ver los indios de que cada uno se ha servido, é la paga que les ha hecho.

(*Falta la conclusion.*)

NOTA DEL EDITOR.

Las ordenanzas é instrucciones que preceden se han sacado de una copia antigua que existe en el archivo del Exmo. Sr. duque de Terranova y Monteleone en el hospital de Jesus, la cual es copia del original ó de otra mas antigua. No se ha creido conveniente hacer en ellas correccion alguna, sino que se han dejado las mismas erratas que aparecen en la mencionada copia, las que por otra parte son fáciles de notar y corregir por el lector y deben atribuirse al copiante, pues D. Fernando Cortés escribia correctamente, como se ve por sus cartas y por muchos párrafos de las mismas ordenanzas, las cuales contienen toda la organizacion política y municipal de la Nueva-España, y son por lo mismo un documento precioso para la historia de esta.

Digitalizado com CamScanner